



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ

Andrea Helena Petry Rahmeier
Dalva Neraci Reinheimer
Elaine Smaniotto
Élen Waschburger
(Organizadores)

Andrea Helena Petry Rahmeier
Dalva Neraci Reinheimer
Elaine Smaniotto
Élen Waschburger
(Organizadores)

**INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E
CULTURAL DE PAROBÉ**

Taquara
2025



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



FICHA TÉCNICA

Grupo de trabalho

Andrea Helena Petry Rahmeier	Coordenadora
Dalva Neraci Reinheimer e Elaine Smaniotto	Pesquisadoras
Élen Waschburger e Luiz Fernando Costa Neves	Assistentes de pesquisa

Acadêmicos bolsistas – Curso de Licenciatura em História - FACCAT

Ari Verton Schoenardie
Eduarda Farias da Silva
Maicon Luis Custódio Leite
Paola Werlang de Souza

Pesquisadores (as) colaboradores (as)

Lidiane Lima Schoenardie
Rafael Bosa
Valdir dos Santos Silva

DIÁLOGOS COM A COMUNIDADE

Aiser Hehn
Alvaro Reinheimer
Andrea Anahi Moraes Ritter
Christiane Isabel Araújo da Silva
Cinara Calvi da Silva
Clair Ferreira
Elmo Arnold
Eloisa Elena da Silva
Érico Eduardo Haack
Ezequiel Oliveira Correia
Henrique de Oliveira Neis
Inácio Schabarum
Irton Bertoldo Feller
João Carlos Spindler
Jorge Luís Stocker
José Alexandre Haack Filho
José Guilherme Mosmann
José Valdemar dos Santos

Julio Cesar Gelinger
Leila Gil
Lígia Mosmann
Lindemar Valdir Hartz
Lisete Maria dos Santos
Lorena Frederich
Lucio Arlindo Schirmer
Luisa Schmitt
Marli Blos
Neusa Martins
Oscar Martins
Pedro “Bala” Soares
Remi Luciano Brocker
Robson Braun
Tânia Brenner
Ubiratan da Cunha Guilherme
Valério dos Santos
Vilma Correia

TOTAL: 36 pessoas

Inventário do patrimônio histórico e cultural de Parobé/ Organizadora Andrea Helena Petry Rahmeier. – Taquara, RS: FACCAT, 2025

ISBN 978-65-87502-39-7

Disponível em: <https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/ckeditorfiles/2025/ipar.pdf>

1. Pesquisa Científica. 2. História. I. Rahmeier, Andrea Helena Petry. II. Título. III. FACCAT – Faculdades Integradas de Taquara.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



APRESENTAÇÃO

A história da ocupação humana no território de Parobé inicia por volta de 2.000 anos atrás, com grupos falantes das línguas Tupi-Guarani que apresentam indícios de construírem sociedades complexas emergentes. Como inovação tecnológica, surge a cerâmica que é produzida em larga escala. Em diversas localidades do interior do município, foram encontradas vasilhas utilizadas por povos indígenas. Esses povos viram seu território sendo ocupado, a partir de meados do século XVIII, inicialmente pelos tropeiros, depois, por fazendeiros. Eram descendentes de portugueses, que trouxeram com eles descendentes de africanos que foram escravizados.

Esse território manteve uma ligação comercial e social com a localidade de Santa Cristina do Pinhal; do seu porto era escoada a produção agrícola da região, especialmente derivados da mandioca e do milho, até a cidade de São Leopoldo. A cidade de Parobé surgiu a partir da sesmaria denominada Fazenda dos Pires, sendo subdividida, posteriormente em 3 grandes fazendas: Fazenda Mosmann, Fazenda Martins e Fazenda Conceição do Funil que cobriam praticamente todo o território urbano atual. Imigrantes alemães chegaram à região desde o começo da Colônia do Mundo Novo, em 1846, e adquiriram terras das áreas dessas 3 fazendas. Posteriormente, a área correspondente à Santa Cristina do Pinhal foi anexada.

A chegada da linha férrea e a instalação da estação representaram um grande marco no desenvolvimento local e regional. Ao ser inaugurada em 1903, ela não possuía uma denominação e sua realização foi associada ao engenheiro João José Pereira Parobé, então Secretário de Obras do Estado. A estação e o local do entorno começaram a ser chamados de Parobé, nome que se firmou ao longo do tempo.

Com o crescimento proporcionado pelo comércio da produção agrícola e seus derivados e pelas maquinofaturas, Parobé, distrito de Taquara, alcançou um significativo crescimento econômico, o que atraiu empreendimento na indústria calçadista, a partir da década de 1950. Em 1º de maio de 1982, passados 30 anos do surgimento das primeiras indústrias vinculadas ao calçado, Parobé já possuía as condições para se emancipar.

Com o passar das décadas, o município passou a sustentar singularidades herdadas e construídas pelas pessoas de várias origens que deixaram sua marca e ajudaram a escrever a história desse lugar.

O projeto Inventariação do Patrimônio Cultural Material e Imaterial no Município de Parobé atenta para a identificação e registro de dados que possam subsidiar futuras políticas de proteção aos bens culturais inventariados. Nessa linha de raciocínio, o inventário constitui-se como um exercício que aciona a História e a Memória nas diferentes leituras sobre o passado do município de Três Coroas. Dentro desse contexto, este trabalho torna-se uma ferramenta de preservação, mas também de valorização, salvaguarda, pesquisa, planejamento e educação patrimonial.

O projeto foi apresentado pelo Conselho Regional de Desenvolvimento do Vale do Paranhana (COREDE), resultante da Consulta Popular e aprovado pela Secretaria de Cultura do Rio Grande do Sul. A execução do projeto aprovado e subsidiado pela SEDAC, parte integrante e indissociável do Termo de Colaboração, a qual tem o Patrimônio Cultural como objeto central desta inventariação, entendido este enquanto fonte de conhecimento, rentabilidade financeira e inclusão social/cultural. O trabalho foi realizado por docentes e acadêmicos do Curso de História, das Faculdades Integradas de Taquara – Faccat, com a participação efetiva da comunidade e envolveu 34 pessoas de forma direta e outros tantos que contribuíram. Esta produção foi uma construção coletiva, passando por muitas intervenções e revisões, das mais diferentes formas.

É atribuído ao poder público, juntamente com a sociedade civil, reconhecer, proteger e preservar seu patrimônio, garantindo o direito ao cidadão e à cidadã de conhecer seu passado e vivenciar sua cultura. O Inventário do Patrimônio Cultural Material e Imaterial é um instrumento de conhecimento das características e da cultura do município de Três Coroas e importante ferramenta de gestão, planejamento e instigador de políticas públicas de cultura. É um documento fundamental para direcionar ações de políticas públicas de preservação.

Em síntese, o Projeto teve como objetivo principal a identificação das modificações ocorridas nos espaços culturais e naturais, ao longo do tempo, por meio da inventariação do patrimônio cultural, em suas diferentes vertentes, considerando o desenvolvimento do Vale do Paranhana, em especial o setor turístico. Dessa maneira buscou-se fornecer elementos para o desenvolvimento de discussão sobre políticas e ações públicas e/ou privadas voltadas para a preservação e proteção do patrimônio cultural materializado.

Para a realização deste trabalho, consideram-se as seguintes etapas: Organização do plano da pesquisa; Atividades de campo e Organização das informações. A inventariação ramifica-se em diferentes abordagens historiográficas, no intuito de realizar estudos e interpretações de aspectos físico, fotográfico e histórico (fontes primárias e secundárias) e de narrativas orais realizadas com pessoas que viveram e/ou vivem no local pesquisado, pois acredita-se que, dessa forma, não sejam perdidas as raízes da fundação e formação da localidade. A inclusão de todos os sujeitos envolvidos neste processo implicará no fortalecimento dos elos entre a cultura, a identidade e o patrimônio cultural material e imaterial.

O trabalho está organizado em formato de ficha para cada bem inventariado, pois entende-se que o leitor pode acessar cada uma, lendo-a e conhecendo toda a documentação utilizada para a sua composição. No conjunto da obra, as fichas estão divididas com fim didático em dois grupos: 1) Edificações; 2) Lugares de memória e identidade e Formas de expressão social/cultural.

O fichamento consistiu em fazer o levantamento de relevância que o objeto tem para a cidade, os munícipes e que terá para aqueles que a visitarem. Nas fichas de bens materiais, são elencadas datas de construção, primeiros moradores, função do imóvel nos dias atuais (comércio, residência, indústria, etc), as lembranças presentes e a importância deste para a cidade. Nas fichas de bens imateriais, são elencadas ações ou práticas sociais/culturais de relevância histórica e identitária. Para elaboração das fichas, foram realizados diálogos com a comunidade, utilização de fotografias antigas e atuais e outros documentos pertinentes para atingir os objetivos propostos, além da bibliografia da história local e textos de memorialistas.

Andrea H. Petry Rahmeier
Dalva N. Reinheimer
Elaine Smaniotto
Élen Waschburger



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



SUMÁRIO

PARTE I - EDIFICAÇÕES

1 - Calçados Azaléia.....	9-13
2 - Calçados Bibi.....	14-15
3 - Calçados Starsax.....	16-18
4 - Casa comercial de Albino Schäfer.....	19-21
5 - Casa de João Mosmann.....	22-23
6 - Casa do dentista-prático Walter Frederico Ritter.....	24-25
7 - Casa dos Mosmann.....	26-27
8 - Casa da família Fay.....	28
9 - Casa Rerich.....	29
10 - Casa Rosa.....	30
11 - EMEF Artuino Arsand.....	31-32
12 - Escola Estadual Engenheiro Parobé.....	33-35
13 - Hospital São Francisco de Assis.....	36-37
14 - Prédio e loja Brocker.....	38-39
15 - Mosmann Alimentos.....	40-41
16 - Museu Histórico de Parobé.....	42-43
17 - Pórtico e letreiro de Parobé.....	44
18 - Prefeitura Municipal de Parobé.....	45-46
19 - Sociedade Cultural e Recreativa de Parobé.....	47-48
20 - Sindicato dos Sapateiros de Parobé - Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Calçados de Parobé - Prédio e entidade.....	49-51
21 - Paróquia de Santa Cristina.....	52-54
22 - Igreja Católica São João Batista.....	55-56
23 - Comunidade Evangélica de Confissão Luterana Martin Luther (IECLB).....	57-58

PARTE II - LUGARES DE MEMÓRIA, IDENTIDADE E FORMAS DE EXPRESSÃO SOCIAL/CULTURAL

24 - Populações Indígenas em Parobé.....	60-61
25 - Praça 1º de Maio.....	62-63
26 - Praça da câmara de Veradores/Monumento ao Expedicionário.....	64-65
27 - CTG Sangue Nativo.....	66-67
28 - Cemitério da IECLB de Parobé.....	68-69
29 - Grêmio Esportivo Parobé e Estádio Odorico Mosmann.....	70-71
30 - Festa de Integração Afro-Brasileira.....	72-73
31 - Clube de Atiradores.....	74-75
32 - Ciclismo.....	76-77
33 - Cine Imperial/Cine Central.....	78
34 - Foto Lunar.....	79-80
35 - Linha férrea de Parobé e Estação Parobé.....	81-82
36 - Rua dos Trilhos.....	83-84
37 - Pilares no leito do Rio Santa Maria.....	85
38 - Memória da Figueira da Igreja Católica.....	86
39 - Memória da Ferraria Braun & Scherer.....	87-88
40 - Porto de Santa Cristina.....	89-90
41 - CTG Estância de Santa Cristina.....	91
42 - Figueira Centenária Morro do Pinhal.....	92-93
43 - Salão Cardoso.....	94
44 - Colonial Gelinger.....	95-97



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



INTRODUÇÃO

Bens arquitetônicos servem de testemunho de um tempo passado que permanece no tempo presente, demonstrando que todo desenvolvimento é feito através da evolução e sucessão de técnicas. Estes prédios, objetos ou monumentos nos revelam como nossos antepassados prepararam o futuro para as novas gerações. Ao ver um destes testemunhos lembremos que “pessoas estavam olhando o futuro e nós estamos vendo o passado”. É uma janela do tempo.

Os **bens culturais imateriais** nos remetem à tradição que nos legaram aqueles que vieram antes de nós, com uma colaboração que vai desde o idioma, a religião, a datas comemorativas, o modo de fazer as coisas do dia a dia, até as grandes festividades e importantes invenções de época. Este legado forma a nossa identidade, remete a origens diferentes e incentiva o respeito à diversidade cultural.

A preservação do **Patrimônio cultural, seja material ou imaterial**, insere a comunidade em um passado comum, dando pertencimento a todos. Alguns bens culturais são mais antigos, outros mais recentes; assim, todos os esforços empreendidos pelas pessoas que os edificaram ou os praticaram são reconhecidos como importantes. Diante desse pertencimento, surge a noção de ética diante dos bens públicos; ele é de cada cidadão, é de todos. Dessa forma, a preservação traz também o cuidado, a noção de estética, a solidariedade para a manutenção de uma cidade agregadora, bonita, limpa, livre de pichações e respeitosa com os espaços coletivos. Todo Bem Cultural material ou imaterial foi um investimento de trabalho de inúmeras pessoas para outras pessoas. Traz em si um valor imensurável.

A lista de bens inventariados nesta pesquisa contempla as etapas da História de Parobé e as sugestões elencadas pelo Conselho Municipal de Cultura de Parobé. Nesse sentido, apresentamos uma síntese dos acontecimentos, mesmo que as fichas não sigam uma **ordem cronológica**.

Ao falar da cidade de Parobé, não podemos esquecer das **populações indígenas da região do vale do Paranhana**.

No início do século XIX, o espaço onde hoje está delimitado o município de Parobé fazia parte das terras da Real Fitoria do Linho Cãnhamo. A partir de 1824, integrou a Colônia São Leopoldo de onde se originou o município homônimo.

Parobé foi formado a partir da sesmaria Fazenda dos Pires que são referência às famílias proprietárias de grandes extensões de terra. Mais tarde, foi anexado o território de Santa Cristina do Pinhal. A caracterização e os limites mais conhecidos remontam ao século XIX. Dessa etapa de ocupação, encontram-se poucos vestígios arquitetônicos. Como exemplo, a **Casa da Família Fay** (fotos 1 e 2), no atual bairro Alexandria e o seu entorno. A casa é um exemplar do período Imperial do Brasil, em estilo português, com formas simples que nos trazem indícios do período.



Foto 1: Década de 1980 / Foto 2: 2022.

MIGRAÇÕES E TRAÇOS CULTURAIS

A partir de 1846, a região onde está inserido o município de Parobé foi colonizada por imigrantes alemães ou seus descendentes. A iniciativa foi de Tristão Monteiro que organizou a Colônia do Mundo Novo, origem do atual município de Taquara. Inicialmente, o projeto não atingiu as terras das fazendas Fay e Pires, mas na sequência dos acontecimentos, ocorreu a ocupação mais efetiva por loteamento que era a forma usual das colônias que surgiram na época. Desse período, temos vários exemplares ainda edificados em Parobé (foto 3).

Os imigrantes trouxeram seus costumes e tradições. Muitas ainda permanecem, embora tenham passado por mudanças ao longo dos anos. Um dos exemplos característicos que envolve a cidade é o Clube de Atiradores de Parobé (foto 4 e 5).



3

Casa Rosa, no bairro Arroio Funil - 1920 (família Linden).



4



5

Foto 4: 1970
Foto 5: 2020.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



6

A derrubada da figueira em frente à Igreja Católica (década de 1950).

Outra mudança significativa nos costumes trazidos foi a questão religiosa. No Brasil, havia apenas o reconhecimento da Igreja Católica, com os templos de Santa Cristina do Pinhal e do centro (foto 6). Com a chegada dos imigrantes, alguns também trouxeram o culto evangélico de confissão luterana (IECLB). As lápides de antigos cemitérios são patrimônios arquitetônicos da ocupação pelas famílias de imigrantes do século XIX/XX.

As atividades de agricultura e de agromanufatura - moinhos, tafonas, alambiques - também são características marcantes do processo de ocupação (foto 7).



7

Agroindústria Comercial Gelingier (1986).

A CHEGADA DO TREM E O DESENVOLVIMENTO

A via férrea (1903 a 1968) representou a modernidade, o urbanismo e o progresso. Isso se evidenciou na composição da cidade, pois, após a chegada do transporte ferroviário, ocorreu o crescimento urbano, do comércio e das primeiras indústrias ao redor da estação Parobé (foto 8 e 9).

A educação é parte fundamental no desenvolvimento do distrito e posteriormente do município. Quando ocorreu a emancipação, havia 13 escolas municipais e 4 estaduais. Algumas escolas municipais tiveram seus nomes alterados no decorrer do tempo. Em função do tempo, optamos por inventariar uma escola estadual e uma municipal, por isso, escolhemos a Escola Estadual Engenheiro Parobé e a Escola Municipal Artuino Arsand (foto 10), devido à acessibilidade das informações. Esperamos que, no futuro muito próximo, outros se aventurem a construir fichas sobre as demais escolas.



8

A estação Parobé em 1903.

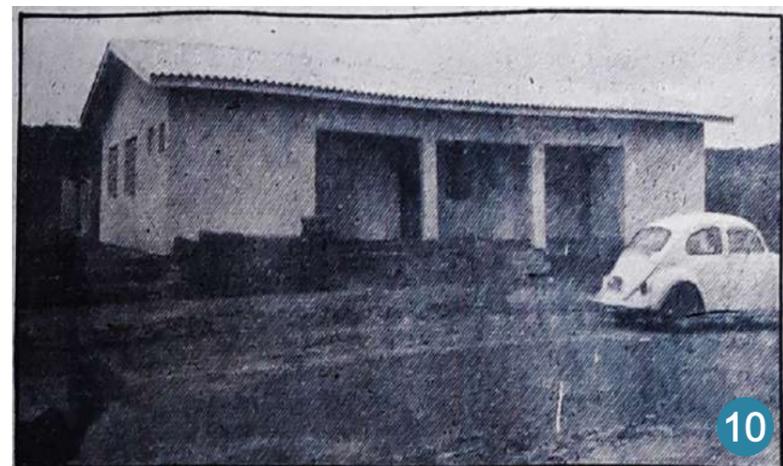


9

Prédios próximos a estação. Apenas o prédio da loja Brocker (indicado) ainda permanece (1931).

Escolas oficializadas como municipais, conforme Lei Municipal n. 30, de 21.11.1983.	Alteração de nome (Lei / ano)
Artuino Arsand - Vila Guarany	
Almirante Tamandaré - Passo dos Ferreiros	Alberto Elias Wichmann (Lei n. 633, 1991)
Alberto Pasqualini - Areia Branca	
Ceará - Arroio Grande	João Marques de Souza (Lei n. 684, 1992)
Diniz Martins Rangel - Morro da Canoa	
Maranhão - Conceição do Funil	Marieta Melita da Silva (Lei n. 687, 1992)
Idalino Pedro da Silva - Vila Guarujá	
Jorge Fleck - Morro da Canoa	
Olarias - Vila Olarias	Romilda Sibel Renck (Lei n. 1.012, 1994)
Oscar Martins Rangel - Fazenda Pires	Maltus Krummenauer (Lei n. 2.050, 2003)
São Sebastião - Morro Negro	Waldorimo Alvicio Scheffel (Lei n. 374, 1989)
Rio Paraná - Vila Muck	João Muck (Lei n. 721, 1992)
Teobaldo Fleck - Morro Negro	

Fonte: Câmara de Vereadores de Parobé (2022).



10

Escola Artuino Arsand, em 1977.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



A indústria calçadista de Parobé desenvolveu-se dentro do processo de industrialização do Rio Grande do Sul, na primeira metade do século XX. Alguns empreendedores com experiência adquirida no ramo na fabricação de calçados iniciaram pequenas fábricas em torno dos anos de 1940. Em menos de 30 anos, o setor estava consolidado e, a partir dos anos de 1970, ocorreu o crescimento populacional, urbanístico e financeiro do então distrito de Parobé, surgindo empresas de destaque nacional e até internacional, como Calçados Azaléia; Calçados Starsax; Calçados Bibi (foto 11).

A vida social também se desenvolveu paralelamente e surgiram entidades recreativas e desportivas ou se incrementaram as que já existiam. Os empresários do setor calçadista incentivaram financeiramente diversas associações, como o Grêmio Esportivo Parobé; a Sociedade Cultural e Recreativa Parobé.

PÓS-EMANCIPAÇÃO

A emancipação e criação do município de Parobé – A década de 1980 - ocorreu a partir do desenvolvimento urbano e econômico de Parobé que incentivou uma consciência na comunidade sobre a emancipação política. Uma comissão iniciou o projeto. O objetivo era separar de Taquara e assim garantir que Parobé se desenvolvesse cada vez mais. O plebiscito ocorreu em 28 de março de 1982 e, o decreto de novo município assinado em 1º de 1982, publicado em 19 de maio no Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Sul (foto 12). São muitos os exemplares arquitetônicos desse período. Destacamos o Prédio da Prefeitura Municipal (foto 13).

O município desenvolveu muitas atividades de integração para os munícipes: passeios ciclísticos, gincanas, a Festa da Integração Afro-brasileira (foto 14).

Assim, convidamos todos a conhecerem o trabalho que está organizado em formato de ficha para cada bem inventariado, pois se entende que o leitor possa acessar cada uma, lendo-a e conhecendo toda a documentação utilizada para a sua composição. No conjunto da obra, as fichas estão divididas, com fim didático, em dois grupos:

PARTE I - EDIFICAÇÕES

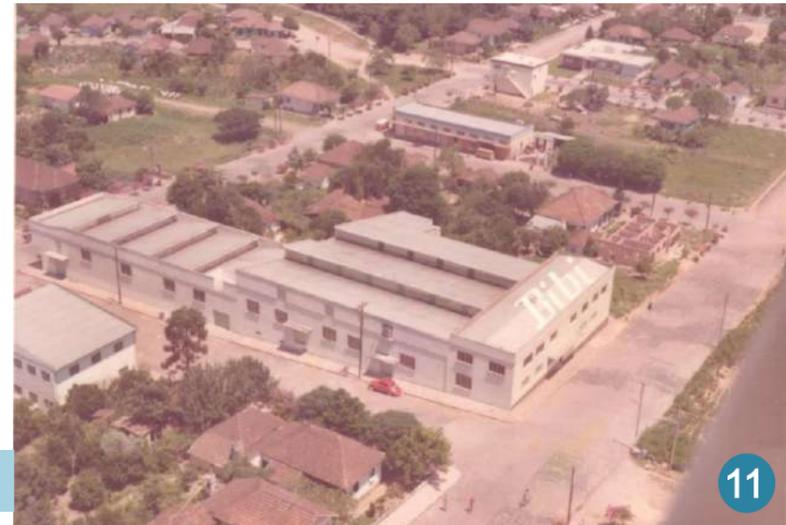
Calçados Azaléia
Calçados Bibi
Calçados Starsax
Casa comercial de Albino Schäfer
Casa de João Mosmann
Casa do dentista-prático Walter F. Ritter
Casa dos Mosmann
Casa da família Fay
Casa Rerich
Casa Rosa
EMEF Artuino Arsand
Escola Estadual Engenheiro Parobé

Hospital São Francisco de Assis
Prédio e loja Bocker
Mosmann Alimentos
Museu Histórico de Parobé
Pórtico e letreiro de Parobé
Prefeitura Municipal de Parobé
Sociedade Cultural e Recreativa de Parobé
Sindicato dos Sapateiros de Parobé
Paróquia de Santa Cristina
Igreja Católica São João Batista
Comunidade Evangélica de Confissão Luterana Martin Luther (IECLB)

PARTE II - LUGARES DE MEMÓRIA, IDENTIDADE E FORMAS DE EXPRESSÃO SOCIAL/CULTURAL

Populações indígenas em Parobé
Praça 1º de Maio
Praça da Câmara dos Vereadores/
Monumento ao Expedicionário
CTG Sangue Nativo
Cemitério da IECLB de Parobé
Grêmio Esportivo Parobé e Estádio Odorico Mosmann
Festa de Integração Afro-Brasileira
Clube de Atiradores
Ciclismo
Cine Imperial/Cine Central

Foto Lunar
Linha férrea de Parobé e Estação Parobé
Rua dos Trilhos
Pilares no leito do Rio Santa Maria
Memória da Figueira da Igreja Católica
Memória da Ferraria Braun & Scherer
Porto de Santa Cristina do Pinhal
CTG Estância de Santa Cristina
Figueira Centenária Morro do Pinhal
Salão Cardoso
Colonial Gelingier



Vista aérea da antiga sede da Bibi, fundada em 1949 e continua em atividade, nas margens da ERS 239.



Lei n. 7.646, oficializando em 19 de maio a criação de Parobé.



Prefeitura de Parobé (2020).



Festa de Integração Afro-brasileira (década de 1980).



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Parte I EDIFICAÇÕES



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ

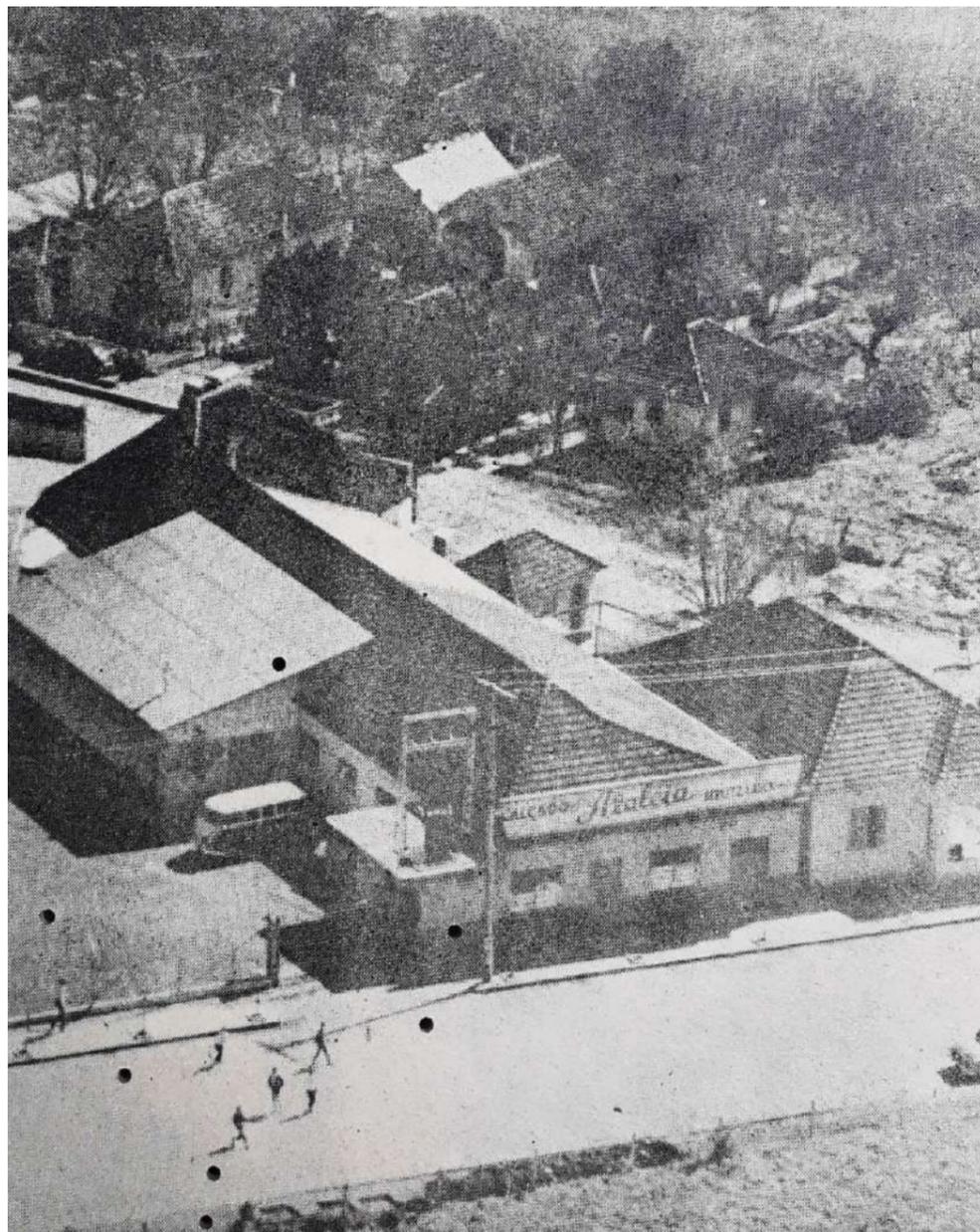


Denominação: Calçados Azaléia
Endereço: Rua Dr. Legendre, centro
Meio: Urbano
Acesso: via estrada pavimentada

Data da inauguração da empresa: 02 de dezembro de 1958
Proprietários: 1º Nestor Herculano de Paula, Arnaldo Luiz de Paula,
Nelson Lauckm, Arlindo Lauck e Theno José Berlitz;
2º Grupo Vulcabras S/A.
Uso atual (2022): Fábrica de calçados

Data do levantamento: novembro de 2021
Pesquisadores: Paola Werlang de Souza
Rafael Bosa
Dalva Neraci Reinheimer
Élen Waschburger

Fonte:
BOSA, Rafael. A Dinâmica de Territorialização em uma Região Urbano-Industrial: o caso das Calçados Azaleia no município de Parobé-RS. **Pixo**, Pelotas, v. 5, n. 19, p. 366-383, primavera de 2021.
BOSA, Rafael. **A indústria coureiro-calçadista e seus reflexos espaciais na configuração da estrutura urbana no Vale do Paranhana**. 2021. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Uniritter, Porto Alegre, 2021.
BOSA, Rafael. **Polo de cultura**: um lugar para resgatar a identidade de Parobé. 2017. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Feevale, Novo Hamburgo, 2017.
DIAS, Kadu. AZALEIA. **Mundo das Marcas**. São Paulo, 16 de março de 2017. Disponível em: <https://mundodasmarcas.blogspot.com/2006/09/azalia-especialista-em-calados.html>. Acesso: 26 nov. 2021.
MILAGRES, Ana Cecília Martyn. **Processo de internacionalização na Indústria calçadista brasileira**: estudo de caso da Calçados Azaléia S.A. 2011. 104 f. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO), Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18191/18191_5.PDF. Acesso em: 26 nov. 2021.
OLIVEIRA, Douglas Romano de. **A crise calçadista e seus impactos econômicos e sociais no município de Parobé**. Monografia (Bacharelado em Ciências Econômicas) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
Panorama, Taquara, 08 maio 1976, p. 7-14.
Panorama, Taquara, 03 maio 1991, p. 12-13.
PIRES, Ana Elisa. Maior Greve de Trabalhadores da Região completa 28 anos. **Sindicato dos Sapateiros de Parobé**. Parobé, 25 de maio de 2018. Disponível em: <http://sindparobe.org/maior-greve-de-trabalhadores-da-regiao-completa-28-anos/>. Acesso em: 26 nov. 2021.
SARLET, Erica D. **Os 40 anos de Calçados Azaleia S.A.: 1958-1998**. Canoas: La Salle Editora Gráfica, 1999.
TRILHANDO A HISTÓRIA DE PAROBÉ. Facebook: @historiadeparobe. Disponível em: <https://www.facebook.com/HistoriadeParobe>. Acesso em: 25 maio 2022.
VICENTE, Marcos. Calçados dos anos 80. **Autobahn**. Disponível em: <http://www.autobahn.com.br/lembrancas/calcados.html>. Acesso em: 24 nov. 2021.



Vista aérea da antiga sede da calçados Azaléia, na rua Dr. Legendre.
Fonte: Panorama, Taquara, 08 maio 1976, p. 10.



Foto atual do prédio central dos escritórios da Azaléia, localizado na rua Dr. Legendre.
Fonte: Acervo pessoal de Maicon Luis Custódio Leite.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Histórico:

A história da Azaléia teve início no dia 2 de dezembro de 1958, no então distrito de Parobé que integrava a cidade de Taquara. Foi nesse dia que um grupo de amigos, formado por Nestor Herculano de Paula, Arnaldo Luiz de Paula, Theno José Berlitz, Nelson e Arlindo Lauck, fundaram a empresa Berlitz, Lauck e Cia. Ltda. Tinham como objetivo produzir sapatos femininos de cunho artesanal.

No início, a empresa localizava-se em um pequeno barracão de madeira alugado onde antes havia uma antiga cancha de bolão que tinha sido desativada. No final do primeiro dia de produção, através do trabalho realizado pelo grupo e suas respectivas esposas, foram confeccionados 10 pares artesanais.

No início dos anos 1960, a empresa mudou de marca e assumiu o nome de Néctar; em 1974, acabou por adotar o nome AZALÉIA. Essa foi a marca pela qual ficou conhecida, sendo que o nome foi uma sugestão do primeiro representante comercial da empresa, Antônio Costa Lopes. Mas, anteriormente, havia outra marca chamada Laika (nome escolhido em homenagem à cadela russa enviada ao espaço a bordo do foguete russo Sputnik). Laika foi a primeira marca de calçados femininos do país.

Nos anos que se seguiram, a história da empresa foi marcada por grandes avanços no setor calçadista, por exemplo, a criação da primeira marca global de calçados esportivos brasileira, o Olympikus, em 1975. Outra novidade foi que a fábrica iniciou suas exportações de sapatos femininos com a marca Azaléia. Em 1997, a empresa deu mais um passo à frente, pois instalou uma unidade produtiva em Itapetinga, cidade localizada no interior do estado da Bahia, tendo como objetivo atender à alta demanda criada no nordeste do país.



Construção do complexo da Azaleia.
Fonte: Acervo Azaléia (Faccat).



Evolução da marca Azaléia.
Fonte: Kadu Dias (2017).

A estrutura física e social e a relação com o sindicato dos sapateiros:

Quando falamos sobre a estrutura construída pela Azaléia, na cidade de Parobé, percebemos que, em sua grande maioria, a construção atinge a região central da cidade; os bairros centrais constituem a dinâmica da vida dos moradores, logo, eles acabam refletindo na forma como vivem e também na economia. A presença da indústria nessa área central cria um caráter simbólico determinante, é a partir disso que se estabelece uma relação material com as pessoas que ali habitam. O aumento de edificações e pavilhões fez com que, nas décadas de 1970 e 1980, a construção inicial da Calçados Azaléia se transformasse em uma região fabril e comercial. A área que a empresa ocupa agrega mais que a produção de calçados, ali foram construídos outros locais de suporte para a empresa e para os funcionários, como creches, clínica de saúde, terminal rodoviário e, próximo ao bairro, foi construída uma área de lazer com um campo esportivo. Esse movimento social de apoio aos funcionários da Azaléia e integração com a comunidade de Parobé era dirigido por Ernest Sarlet, professor e pedagogo que organizou um dos maiores e reconhecidos departamentos sociais empresariais no Brasil. Suas ações atingiram o país através de campanhas de doativos e apoio a instituições filantrópicas de educação.



Perspectiva área de ocupação no bairro centro pela Calçados Azaleia em Parobé.
Fonte: Bosa, 2021, com base no Google Earth 2021.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Azaleia e a cultura no município de Parobé:

A empresa Calçados Azaléia realizou muitos eventos para a integração dos funcionários e da população, manifestando sua constante preocupação com a educação e cultura como fonte de desenvolvimento social. Com isso a própria empresa prosperava, face a uma produção acelerada e, por conseguinte, um lucro que aumentava concomitante ao bem-estar dos funcionários. Inicialmente, em 1972, foi criada a ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA AZALÉIA que organizou a 1º Gincana de Integração.

Segundo Sarlet (1999), as atividades culturais que a Associação oferecia eram as seguintes:

- Um grupo de Teatro Adulto ;
- Três Corais - infantil, juvenil e adulto. Participavam 150 funcionários e dependentes;
- Um Departamento de Tradições Gaúchas com 250 pessoas (DTG Azaléia);
- Um grupo de “Escoteiros - Azaléia”, envolvendo pais e filhos – 20 pessoas ;
- Curso de Artesanato;
- Biblioteca com acervo em torno de 4000 volumes. Funcionava junto à Escola, nas dependências da empresa. Emprestava livros e vídeos. Frequência média/mês: 4.114 pessoas entre funcionários/alunos e outros leitores;
- Atividades sociais: festas em datas comemorativas, bailes e promoções;
- Atividades esportivas: vôlei, futebol de salão, futebol de campo e bocha.

Entre os anos de 1989 e 1991, textos produzidos por colaboradores, publicados no jornal interno, começam a circular pela empresa, o jornal ganhou o nome de AZALITO, posteriormente foi chamado de “AZALÉIA EM FOCO” – “O jornal da Família Azaléia”. Ele tornou-se mais um meio incentivador da cultura (SARLET, 1999).

Em 1985, ainda como incremento à leitura, outra iniciativa foi a instalação da primeira biblioteca da cidade, nomeada Biblioteca Érico Veríssimo, que foi montada e funcionava dentro da empresa, atendendo a solicitações dos amantes da leitura. No princípio, com 231 livros, até chegar a 5000 livros, em 1998 (SARLET, 1999), a Biblioteca Érico Veríssimo ainda funciona nos dias atuais, no entanto, não mais dentro da empresa, e sim vinculada à Biblioteca Municipal, desde 1990, de acordo com a Lei Municipal n. 516. Outro fator foi o apoio da empresa ao evento Ciranda Musical Teuto-Riograndense, ao longo da sua existência.

O espírito cultural personificava-se na empresa, através da ideia de uma família formada por todos os colaboradores e seus familiares, intitulada “Família Azaléia”.

No entanto, para que a empresa perdurasse, crescesse e atingisse tal desenvolvimento com tamanho faturamento e tantos funcionários, pessoas foram fundamentais para chegar a essas cifras. A figura carismática do Diretor-Presidente, Nestor Herculano de Paula, sem dúvida, foi um dos grandes pilares dessa gigante do calçado. Seu Nestor, como era conhecido entre os funcionários, cunhou um novo tipo de relação entre empresa e colaborador. Frases como “Tem gente atrás da máquina”, “Trabalhar com visão de crescimento, sendo justo, honesto e humilde” e “O futuro é de quem acredita e faz” são exemplos de frases que integravam as publicações da empresa. Em todos os finais de ano, a empresa realizava uma festa para os colaboradores e seus familiares.

Conforme Sarlet (1999) frisa em seu livro sobre a empresa: Investir em tecnologia, equipamentos e, principalmente, na educação e formação permanente de seus colaboradores garante a qualidade de seus produtos e serviços e dá suporte à marca. Por outro lado, professor Ernest Sarlet foi



Grupo de escoteiros Azaleia.
Fonte: Sarlet, 1999, p. 224.



Jornal Azaleia em foco, com notícia especial sobre o apoio ao Criança Esperança, de 1995.

Fonte: Azaleia em Foco, Parobé, jul. 95, capa.



Acima: Nestor de Paula: Diretor Presidente e fundador da Azaléia (jun. 1996). Fotografia de Jerri Rossato.

Fonte: Acervo Roseli Santos (Faccat).

Ao lado: busto de Nestor Herculano de Paula, na Praça 1º de Maio (2022).

Fonte: Acervo pessoal de Élen Waschburger.





INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



outro pilar importante que deu enorme aporte às sistêmicas práticas pedagógicas, culturais e de saúde na empresa. Esse importante educador foi contratado para ser Assessor da Presidência e de Desenvolvimento de Recursos Humanos. Professor Sarlet era personalidade conhecida dos funcionários, os quais a ele imputavam uma conduta de rara sensibilidade para com as pessoas e de profundo conhecimento.

A Azaleia e a educação parobeense:

Em decorrência da emancipação do município, ele ficou restrito a 12 escolas municipais e 4 estaduais. E, com a duplicação de disponibilidade de empregos na empresa, a Creche Comunitária de Parobé não comportava mais a demanda. Para dar suporte, a empresa, em 1982, implantou uma creche própria, atendendo de forma imediata 220 crianças.

A Creche da Azaléia, denominada “Centro de Educação Infantil Maternal Marieta Mosmann Doepré”, foi inaugurada no mesmo ano, com a participação do então governador do estado, Jair Soares. A instalação moderna, ampla e com espaços funcionais atendia crianças de 0 a 6 anos e, com o passar dos anos, transformou-se em um “cartão de visita” da empresa, funcionando das 4h30min até as 22h30min. Uma das normativas da empresa referia-se ao número de crianças por família, restringindo-se a um por vez.

Em agosto de 1991, foi lançado o projeto “Construindo o futuro - Azaléia 2001” que, a partir de então, norteou as ações sociais da empresa nas áreas da educação, habitação e saúde, por exemplo.

Dentro dessa perspectiva, no que se refere à educação, a Azaléia dispunha da creche e, implementou cursos supletivos de 1º (1989) e 2º graus (1991). Para os filhos de funcionários, de 7 a 14 anos, era disponibilizado, em horário complementar ao da escola, o Centro de Desenvolvimento Vocacional (CDV), recebendo auxílio nas tarefas escolares, com aulas de Técnicas Elétricas, Artes, Educação Física, Cultura Gaúcha e orientações agrícolas.

Mudanças no mercado consumidor e os resultados na empresa:

Desde o início de 2000, a empresa passou a realizar importantes mudanças em sua estrutura e administração. Nestor de Paula, fundador e líder principal da empresa desde a sua fundação, passou de executivo-chefe para presidente do conselho de administração; sua vaga foi ocupada por um executivo paulista. No ano de 2004, o diretor e presidente fundador da Azaléia foi a óbito e, desde então, houve várias mudanças. Em 2007, a Azaléia empregava cerca de 14 mil funcionários e tinha um alto faturamento; foi, então, adquirida pela empresa Vulcabras, criando a Vulcabras-Azaléia A partir do momento em que foi comprada, passou a ser uma marca dentro do portfólio da nova empresa.

Em 2009, houve o processo de encerramento de parte da produção da unidade de Parobé; isso acarretou o início de várias demissões de funcionários: primeiramente, foram 600 funcionários demitidos, depois houve mais de mil e quinhentos funcionários demitidos.

A Azaléia tinha 3 mil funcionários, sendo que já havia contado com 8 mil funcionários que representavam 20% da população de Parobé. Essas demissões foram um choque para o município. Em 9 de maio de 2011, a Azaléia decide encerrar a produção na cidade. Em nota oficial, a empresa informou que somente a diretoria de Marketing e Desenvolvimento de Produtos, de Tecnologia, de Planejamento e as áreas de suprimento, logísticas e recursos humanos continuariam atuando na cidade de Parobé. O fechamento da produção acarretou a demissão de 800 funcionários.

Ernest Sarlet junto com crianças da Creche Azaleia.
Fonte: Sarlet, 1999, p. 167.



Primeira turma de formatura da Creche Azaleia.
Fonte: Panorama, Taquara, 26 jan. 1990.



Visita do governador do Rio Grande do Sul, Alceu Collares e esposa à Azaleia, para conhecer o projeto “Construindo o futuro - Azaléia 2001”, em agosto de 1991.
Fonte: Panorama, Taquara, 30 ago. 1991.



Coral formado pelos funcionários da Azaléia (2001).
Fonte: Acervo Roseli Santos (Faccat).



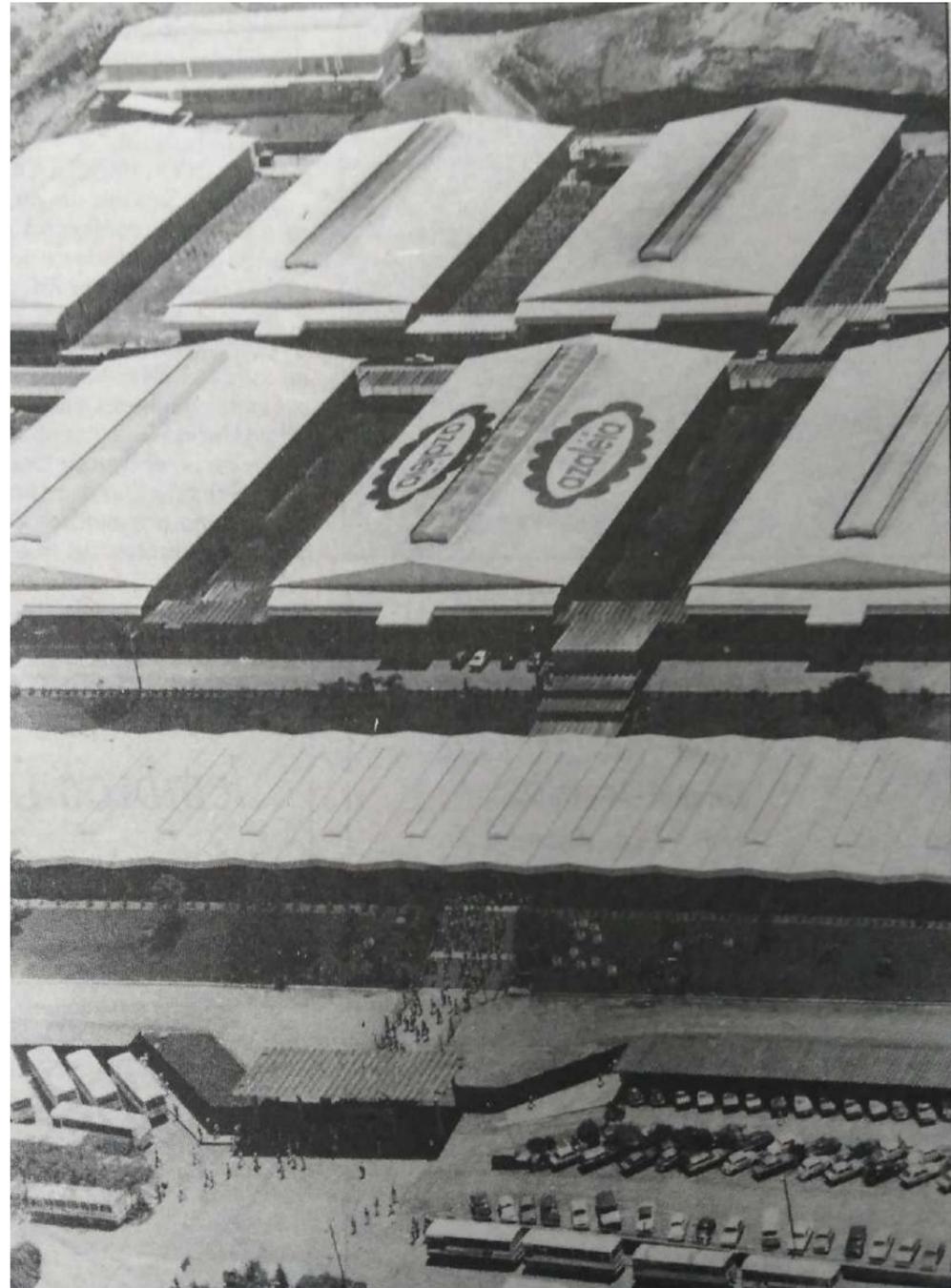
INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



No decorrer dos últimos anos, a marca Azaléia tornou-se apenas um produto do portfólio da Vulcabrás que decidiu investir apenas na sua linha de calçados esportivos, apostando no tênis Olympikus, marca já consolidada no mercado. Em 2015, ocorre um resgate da marca Azaléia, havendo um investimento no mercado de calçados femininos, resgatando os modelos tradicionais e trazendo novidades que afirmaram o nome da marca novamente em 2016. Isso demonstra o quanto a marca Calçados Azaléia sempre esteve presente na memória das consumidoras e dos lojistas no Brasil e em outros países.

O carro da Olympikus:

Entre outras contribuições da empresa Azaléia, há este fato memorável para os parobeenses. No ano de 1984, era lançado o filme "Os Trapalhões e o Mágico de Oroz" e nele figurou o carro da Olympikus. Esse protótipo foi projetado por um dos sócios-fundadores da Azaléia, o Sr. Arnaldo Luiz de Paula, irmão de Nestor Herculano de Paula. O carro foi "batizado" com o nome de "Teniscar" e representava o envolvimento da Azaléia com o desenvolvimento da linha esportiva. Logo tornou-se um símbolo da empresa, da marca e da cidade. Atualmente, ainda permanece nas dependências da Vulcabrás/Azaléia e desponta em exposições na cidade de Parobé, onde sempre desperta a curiosidade de adultos e crianças, bem como a saudade entre os cidadãos que presenciaram o surgimento do veículo.



Complexo industrial da Azaléia. Foto: Pedro Santos.
Fonte: Panorama, Taquara, 03 maio 1991, p. 12.



No ano de 1984 era lançado o filme "Os Trapalhões e o Mágico de Oroz", e nele, figurou o carro da Olympikus, projetado por um dos sócios-fundadores da Azaléia, o Sr. Arnaldo Luiz de Paula, irmão de Nestor Herculano de Paula. Quem está na foto é Flávio Antônio Pires, genro de Arnaldo.

Fonte: Museu Municipal de Parobé.



Carro exposto em evento alusivo aos 40 anos de emancipação de Parobé, organizado pela Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Turismo e Lazer (2022).

Fonte: Acervo pessoal de Maicon Luis Custódio Leite.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Denominação: Calçados Bibi
Endereço: Rodovia RS 239, n. 5373
Meio: Urbano
Acesso: via estrada pavimentada

Data da inauguração da empresa: 25 de abril de 1949
Proprietários: 1º Albino Eloy Schweitzer;
2º Marlin Kohlrausch e Andrea Kohlrausch.
Uso atual (2022): Fábrica de calçados

Data do levantamento: novembro de 2021 a abril de 2022
Pesquisadores: Dalva Neraci Reinheimer
Élen Waschburger

Fonte:
BIBI. **Bibi celebra 73 anos de sucesso como calçadista pioneira no segmento infantil.** Novo Hamburgo, 22 abr. 2022. Disponível em: <https://www.acinh.com.br/noticia/bibi-celebra-73-anos-de-sucesso-como-calçadista-pioneira-no-segmen-to-infantil>. Acesso em: 16 maio 2022.
Panorama, Taquara, 05 maio 1979, p. 4.
Panorama, Taquara, 30 jun. 1979, p. 5.
Panorama, Taquara, 08 mar. 1991, p. 9.
Panorama, Taquara, 29 ago. 1997, p. 13.
Panorama, Taquara, 10 out. 1997, p. 8.
Panorama, Taquara, 24 abr. 1998, p. 8.
Panorama, Taquara, 30 abr. 1998, Caderno Diet, p. 5.
REPERCUSSÃO. **Especial Parobé 37 anos:** A tradição calçadista da Calçados Bibi transmitida por gerações em Parobé. Disponível em: <https://repercussaoparanhana.com/geral/especial-parobe-37-anos-a-tradicao-calçadista-da-calçados-bibi-transmitida-por-geracoes-em-parobe>. Acesso em: 16 maio 2022.
TRILHANDO A HISTÓRIA DE PAROBÉ. Facebook: HistoriadeParobé. Disponível em: <https://www.facebook.com/HistoriadeParobe>. Acesso em: maio 2022.

Depoimento:
Alvaro Reinheimer concedido à Dalva Reinheimer em junho de 2022.

Histórico:

A Calçados Bibi foi criada em 1949, no então distrito de Parobé, município de Taquara. Seu idealizador e fundador foi Albino Eloy Schweitzer. O nome escolhido para a empresa foi uma homenagem à atriz Bibi Ferreira por quem o Sr. Albino tinha grande admiração. A empresa iniciou de forma modesta, seguindo um fluxo de surgimento de indústrias calçadistas no Vale do rio dos Sinos, a partir da cidade de Novo Hamburgo. Nas décadas de 1940 até 1970, diversas empresas fabricavam calçados femininos. Uma das principais características da Bibi é a sua história de pioneirismo e inovação no segmento infantil do setor calçadista, pois foi percebido que era um setor do mercado consumidor que estava em desenvolvimento, mas que não estava sendo atendido adequadamente. Uma das mais antigas empresas de calçados infantis era a Ortopé, que tinha marca própria. Algumas fábricas de calçados femininos produziam poucas unidades e modelos para o público infantil. Assim, o empresário viu a possibilidade de investir nesse segmento. A primeira unidade fabril localizou-se na Rua Odorico Mosmann, esquina rua Vera Cruz, no centro da cidade. Desde a sua fundação até os dias atuais, a Bibi desenvolve e fabrica exclusivamente calçados infantis.



Vista aérea da antiga sede da Bibi, na rua Vera Cruz, esquina com Fernando Saft (década de 1980).
Fonte: Departamento de Marketing da Bibi.



Vista aérea da fábrica, localizado, atualmente na Rodovia 239.
Fonte: Jornal Repercussão (2022).



Festa de Natal (década de 1970).
Fonte: Departamento de Marketing da Bibi.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Em 1979, a Calçados Bibi já havia expandido suas unidades de fabricação em Taquara e Sapiranga, na localidade de Campo Vicente, bem como seu quadro de funcionários que era bem significativo, 600 funcionários. A Bibi despontava entre as primeiras do Vale do rio dos Sinos tanto em faturamento como em produção. A empresa estava em um momento de expansão e já possuía sólido sistema de distribuição de calçados infantis para todo o Brasil e países da América do Sul. Nessa época, a Bibi já havia reorganizado seu quadro administrativo. A diretoria estava composta da seguinte forma: Diretoria de produção – Lori Ignácio da Silva e Anildo A. Klein; diretoria administrativa – Marlin J. Kohlrausch; diretoria comercial – Albino Eloy Schweitzer; diretoria de vendas – Dailor Eloy Schweitzer.

Ao longo dos anos de 1980, a empresa superou diversas crises na economia brasileira, mantendo seu crescimento e se adaptando às demandas. Investiu na produção de tênis infantis além de manter a produção para bebês. Os tênis passaram a ser adotados amplamente pelas crianças em idade escolar. A Bibi sempre apresentava um diferencial em seus modelos que chamava a atenção e caía no gosto desse “novo consumidor”: as crianças. Foi um momento em que a empresa investia em comerciais nos horários da programação infantil na televisão.

A Bibi, seguindo uma tendência, na década de 1990, investiu em uma loja própria. Era ainda modesta e instalada em uma casa próxima da fábrica. Mas a iniciativa foi muito positiva tanto para as vendas como para um futuro projeto comercial. Ao longo dos anos 1990, ocorreu mudança na diretoria. Marlin J. Kohlrausch, genro de Albino, assumiu a empresa como Diretor-presidente. A produção era de 16 mil pares diários. A empresa sempre se manteve na linha de produção infantil e até ingressou no público infante-juvenil. Nessa época, houve várias inovações, foram instaladas unidades no estado da Bahia sob a denominação de Bibi Calçados Nordeste Ltda, além de 3,6 milhões de reais investidos em capital de giro e investimento fixo. Se lembrarmos que a moeda Real havia sido implantada em 1994, sob uma inflação de 2.000% ao ano, isso dá uma ideia do empreendimento que a empresa Bibi estava fazendo. Também foram considerados os incentivos fiscais que o governo da Bahia oferecia às empresas, especialmente as do sul do Brasil, dentro de um programa de retomada de crescimento daquele estado. A cidade escolhida pela diretoria da Bibi para a nova planta foi Cruz das Almas, por seu índice elevado de desenvolvimento social. A unidade nordeste iniciou com uma produção de 8 mil pares e, em pouco tempo, alcançou 15 mil pares diários.

Foi a partir da instalação da nova unidade que todas as fábricas da Bibi iniciaram um conceito inovador de gestão empresarial com reflexos na tecnologia e processos, em que o produto, os colaboradores, os fornecedores e o meio ambiente e social se integravam. O sistema de produção passou a ser em células. Inicialmente, a fábrica utilizava bancadas; depois, as esteiras e com o novo sistema foi instalada também a informatização e automação. Com o aumento da produção, houve a necessidade de novas e modernas instalações. Nos anos 2000, a empresa adquiriu sua maior solidez e reconhecimento. As instalações modernas, nas margens da RS 239, consolidaram um antigo projeto que agilizou mais uma etapa: a logística de recepção e expedição.

Atualmente, quem preside a empresa é a filha de Marlin, Andrea Kohlrausch, da terceira geração da família. A companhia já exporta 22% de toda a sua produção para mais de 70 países. Do total produzido pela Bibi, mais de 2 milhões de pares de sapatos por ano, 36% são vendidos para lojas multimarcas, e 42% são colocados no mercado em lojas próprias e franquias, projeto criado em 2008, após análise de mercado, como uma estratégia para o varejo. Além disso, a empresa mantém uma fábrica em Parobé (RS) e outra em Cruz das Almas (BA) que empregam 1,2 mil funcionários.

A marca de calçados infantis é pioneira e líder em desenvolver produtos a partir de pesquisas e estudos científicos. Conquistou reconhecimento do setor a partir do trabalho que desenvolve com os calçados fisiológicos e no emprego de tecnologia da palmilha Fisioflex Bibi – que proporciona a sensação de andar descalço no seu público-alvo: as crianças. A empresa é ainda a única calçadista certificada pelo Selo Diamante de Sustentabilidade, que atesta o compromisso com as iniciativas nos processos industriais, bem como o desenvolvimento de ações em sintonia com os pilares estabelecidos pelo programa de Origem Sustentável: Ambiental, Econômico e Social.

A Bibi acompanhou o crescimento de Parobé desde o distrito à consolidação da cidade. Como uma empresa sólida, também colaborou nesse processo, pois além de investir no local com o crescimento da unidade fabril, gerou empregos, impostos e sempre teve um grande envolvimento com a comunidade.



*Extensão da fábrica (década de 1990).
Fonte: Departamento de Marketing da Bibi.*



*Inauguração da nova fábrica, na Rodovia 239, em 24 abr. 1998.
Fonte: Departamento de Marketing da Bibi.*



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Denominação: Calçados Starsax

Endereço: Rua Adaviano Linden, s.n e Rua Vera Cruz, n. 620

Meio: Urbano

Acesso: via estrada pavimentada

Data da inauguração da empresa: 14 de fevereiro de 1944

Proprietários: 1º Arno Theno Schmidt, Arno Saft, Armindo H.S. Schmidt e Arcides Saft;

2º Derli Schmidt, Dirceu Schmidt, Gerson Schmidt, Renato Schmidt, Julio Mattos Vieira e Gilberto Arno Schmidt.

Uso atual (2022): A empresa encerrou as atividades em 1997.

Atualmente, no local, funcionam outras empresas.

Data do levantamento: novembro de 2021 e março de 2022

Pesquisadores: Maicon Luis Custódio Leite

Élen Waschburger

Dalva Neraci Reinheimer

Fonte:

MOSMANN, Ligia. **Uma Fazenda, um sobrado, uma estação...** Parobé uma história a ser contada! Parobé: s.ed, 1999.

OLIVEIRA, Douglas Romano de. **A crise calçadista e seus impactos econômicos e sociais no município de Parobé.** 2011. 74 f. Monografia (Bacharelado em Ciências Econômicas) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

Panorama, Taquara, 26 jan. 1988.

Panorama, Taquara, 19 jul. 1991, p. 21.

Panorama, Taquara, 25 out. 1991, p. 24.

Panorama, Taquara, 02 maio 1997, p. 17.

TRILHANDO A HISTÓRIA DE PAROBÉ. Facebook: @historiadeparobe.

Disponível em: <https://www.facebook.com/HistoriadeParobe>. Acesso em: 25 nov. 2021 e 04 mar. 2022.

VICENTE, Marcos. Calçados dos anos 80. **Autobahn.** Disponível em: <http://www.autobahn.com.br/lembrancas/calçados.html>. Acesso em: 24 nov. 2021.

Depoimentos:

Lindemar Hartz e Pedro Bala Soares concedidos à Maicon Luis Custódio Leite em novembro de 2021.

Histórico:

A Starsax foi fundada em 14 de fevereiro de 1944 por Arno Theno Schmidt, Arno Saft, Armindo H.S. Schmidt e Arcides Saft, sob a denominação social "Saft, Schmidt & Cia. Ltda". Antes de se mudar para seu endereço mais conhecido, entre a Rua Adaviano Linden e Vera Cruz, a fábrica passou pelas ruas Dr. Legendre e João Correa. De início, o empreendimento contava com cerca de 20 ou 30 funcionários, com Arcides cuidando da produção e Arno Saft, da administração e contabilidade. Em 1949, Arcides Saft desligou-se da empresa e fundou outra fábrica de igual destaque, a Calçados Bibi, junto com Eloy Schweitzer e Rudi G. Ludwig.

Com o tempo, a produção aumentou e a fábrica foi crescendo cada vez mais. A empresa passou por várias transformações, mudando sua razão social no decorrer dos anos, recebendo os nomes de Saft, Schmidt & Cia Ltda, Calçados Vera Cruz, Calçados Isabela e, por último, a Calçados Starsax Ltda. No registro de abertura dessa empresa, que data de 02/08/1966, consta que sua razão social era Calçados Vera Cruz Ltda, enquanto o nome fantasia era Calçados Isabela.



*Prédio da antiga sede na rua João Corrêa (década de 80).
Fonte: Acervo de História Regional (FACCAT).*



*Prédio visto da Rua Vera Cruz (2021).
Fonte: Acervo pessoal de Maicon Luis Custódio Leite.*



*Calçados Isabela comemorando o 7 de Setembro em desfile na Rua Dr. Legendre (década de 1980).
Fonte: Acervo pessoal de João Carlos Spindler.*



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



A marca Isabela, dedicada ao público feminino, era a mais conhecida da empresa e, somente depois do sucesso da marca Starsax, que era dedicada ao público masculino, foi alterado o nome para sua marca de sucesso.

Além disso, foi aberta uma filial em Santo Antônio da Patrulha, para continuar fazendo o calçado feminino Isabela. Com o decorrer do tempo, a filial foi transformada em Calçados Isabela Ltda. A empresa também comercializava outras marcas, como Érculos e Embaixador.

Em 14 de fevereiro de 1984, quando completava 40 anos, a empresa inaugurou seu novo complexo industrial, no mesmo local em que já funcionava. O evento de inauguração contou com a presença de cerca de 300 convidados, entre autoridades, clientes, fornecedores, colaboradores, fundadores, dirigentes e amigos.

O sucesso da Starsax, na década de 1980, fez com que conquistasse diversos prêmios no setor, dentre eles, o Prêmio Couromoda 84, na categoria para lazer, tendo alcançado assim seu objetivo: ser reconhecida nacionalmente, mostrando a qualidade e força de seu produto. O prêmio foi recebido na XI Couromoda, por Gilberto Schmidt, diretor da Starsax.

Em informativo de 1986, destinado aos novos colaboradores, a empresa informava que sua marca estava presente em todo o território nacional e em dezenas de países, como os EUA, Israel, Inglaterra, Singapura, dentre outros. Informava, também, que era dirigida por gente jovem: Gilberto Schmidt, diretor administrativo-financeiro; Dirceu Schmidt, diretor industrial; Júlio Matos Vieira, diretor de vendas e Gerson Schmidt, diretor da Calçados Isabela Ltda.

Starsax - o calçado da geração jeans:

Ainda hoje circulam, no YouTube, as antigas propagandas de TV da empresa, com comerciais marcantes, veiculados no Brasil, Estados Unidos e até mesmo na Rússia. As propagandas traziam o bordão "Starsax, o Calçado da Geração Jeans", tendo como trilha sonora a música "The Hall of Mirrors", da banda alemã de música eletrônica Kraftwerk, lançada no álbum "Trans Europa Express", de 1977.

A propaganda da Starsax marcou a história da mídia no Brasil, pois foi a primeira vez que uma música de um dos grupos mais influentes do mundo tocava em um comercial. O produto passou a representar a música e não o contrário. O comercial era reproduzido no horário nobre das principais emissoras de rádio e principalmente na tv. No começo da propaganda, havia uma pessoa andando pela linha do trem, calçando um sapato de couro moderno e bem mais macio que os tradicionais, ao fundo tocando uma música sincronizada com seus passos e, ao caminhar pela linha do trem, subia o refrão da música: "Even the greater Starsax..." e entrava a voz marcante anunciando: "Starsax, o calçado da geração jeans"... Era a primeira vez que o público brasileiro tinha contato com a música do Kraftwerk. A importância histórica do Kraftwerk fez o calçado Starsax tornar-se um dos mais famosos da época e comprovou como uma escolha bem feita da trilha da propaganda pode mudar a história de um produto.

Assista aos vídeos da marca, escaneando os QR Codes.



Andando nos trilhos (década de 1980).
Fonte: YouTube.



Propaganda produzida nos EUA (década de 1980).
Fonte: YouTube.



Propaganda nacional (década de 1980).
Fonte: YouTube.



Instalação da Saft & Schmidt na Rua Vera Cruz (década de 1960)
Estão na ordem da esquerda para a direita: Hela Raymundo; Noêmia Schmidt (em pé), mãe de Dirceu Schmidt, diretor da Starsax; Almira Klein, cunhada de Arno Schmidt; ao lado dela está outra senhora, sem informações de seu nome. De costas está Lacy Haag, e por fim, no canto direito, na máquina de costura, Maria Cecília Raymundo Hennemann. A foto foi tirada já no local onde a futura instalação seria construída, na Rua Vera Cruz.
Fonte: Acervo pessoal de Maria Cecília Raymundo Hennemann.



Equipe diretiva e autoridades na inauguração do Complexo Industrial Starsax (1984).
Fonte: Acervo pessoal de João Carlos Spindler.



Imagem de vídeo divulgação da marca Starsax (década de 1980).
Fonte: YouTube.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Ações comunitárias:

Em 16 de maio de 1985, foi criada oficialmente a Associação Atlética dos Funcionários Starsax, tendo como presidente Pedro Paulo Soares da Silva; era situada na Rua Adaviano Linden, 251, ou seja, mesmo endereço da empresa. Havia, no pátio da Starsax, próximo à sua loja oficial, onde hoje há a saída da rua Vera Cruz, ao lado o Ginásio Municipal, um amplo galpão onde eram realizadas diversas festas da empresa, muitas vezes, cedido aos próprios funcionários para comemorações particulares.

Outra característica marcante e que ainda hoje evoca boas lembranças na população é a participação das empresas em olimpíadas organizadas pelo Rotary Club. A integração entre o pessoal dessas empresas rendia momentos memoráveis e muita diversão para os participantes. A Starsax era tão envolvida em esportes que se consagrou campeã da IX Olimpíada Estadual do Sesi, em São Leopoldo, em 1994, com seu time de bolão, comandado por Ney Krummenauer e composto por Luciane, Janete, Iliani Liczinski, Elizabeth Haag e Mirlei Blos, todas funcionárias da fábrica.

Segundo informações de antigos funcionários da empresa, a Starsax encerrou suas atividades no ano de 1997, deixando para trás um grande legado para a cidade e seus colaboradores.



Funcionários reunidos em comemoração dos 40 anos da empresa (1984).
Fonte: Acervo da família de Gilberto Schmidt.



Inauguração da cancha de Bolão Automática na Associação dos Funcionários da Starsax.

Fonte: Acervo pessoal de João Carlos Spindler.



Equipe diretiva da Starsax: Julio Mattos Vieira, Dirceu Schmidt, Arno Schmidt, Gerson Schmidt e Gilberto Schmidt (década de 1980).

Fonte: Acervo pessoal de João Carlos Spindler.



Mobilização culmina com reunião entre as partes - Falência da Starsax.

Fonte: Panorama, Taquara, 02 maio 1997, p. 17.



Turma da Starsax na VI Olimpíada do Rotary, realizada entre 1985/1986.

Fonte: Acervo pessoal de João Carlos Spindler.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Denominação: Casa comercial de Albino Schäfer

Endereço: Rua Dr. Legendre, n. 390

Meio: Urbano

Acesso: via estrada pavimentada

Data da construção: 1917

Proprietários: 1º Albino Schäfer;

2º Artuino Arsand e Theóphilo Sauer;

3º Arno Brenner;

4º Família Mosmann.

Uso atual (2022): Loja de roupas

Data do levantamento: abril de 2022

Pesquisadores: Maicon Luis Custódio Leite

Élen Waschburger

Dalva Neraci Reinheimer

Fonte:

FRANZEN, Darlei da Silva. **Colégio Municipal Theophilo Sauer:** estudo de caso de uma Brizoleta em Taquara. 2012. Monografia (Licenciatura em História) - Faculdades Integradas de Taquara, Taquara, 2012.

MOSMANN, Ligia. **Uma Fazenda, um sobrado, uma estação...** Parobé uma história a ser contada! Parobé: s.ed, 1999.

Panorama, Taquara, 17 dez. 1986.

Panorama, Taquara, 18 set. 1992, p. 20.

Panorama, Taquara, 06 nov. 1992, p. 12.

FAMILY SEARCH. **Brasil, Rio Grande do Sul, Registro Civil, 1860-2006.**

Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/1:1:81BK-ZM6Z>.

Acesso em: 12 abr. 2022.

Depoimentos:

Tânia Brenner, Remi Luciano Brocker e Ligia Mosmann concedidos à Maicon Luis Custódio Leite, em março de 2022.

Histórico:

Prédio situado entre as principais vias de Parobé e que foi testemunha ocular do desenvolvimento do povoado no início do século passado. Em 14 de abril de 1917, Albino Schäfer construiu a edificação entre as esquinas da Rua João Corrêa e da Dr. Legendre. O prédio sediou, no decorrer de mais de um século (1917-2022), importantes estabelecimentos comerciais, além disso, tinha, e ainda tem, vizinhança com locais importantes, como a Estação (museu) Parobé, o Pastifício Mosmann, a Lancheria Central, o prédio da Paludo e a Praça 1º de Maio.

Sua história remonta ao ano de 1917, quando Albino Schäfer, vendo as possibilidades de negócio em virtude da estação de trem e do notável crescimento da vila, decidiu construir um conjunto de três prédios que serviram como moradia, comércio de secos e molhados e depósito. Filho de Johann Lorenz Schäfer (1837-1889) e Maria Catharina Ritter (1846-1933), ambos de Igrejinha, Albino Schäfer nasceu em 1887 e faleceu em 1974, tendo se casado com Lídia Dienstmann (1887-1973) e tido um número impreciso de filhos, mas os que constam em registros genealógicos são: Fridolino Schäfer (1910-1976), Arcilda Talita Schäfer e Alvina Thomasina Schäfer. Interessante citar a adaptação de seu nome para a língua portuguesa, já que foi batizado como Albin Schäffer. A grafia de seu sobrenome já aparece como Schäfer na fachada de seu comércio.

A localização estratégica de seu estabelecimento, quase em frente ao armazém de cargas da VFRGS (Viação Férrea do Rio Grande do Sul),



Albino Schäfer e família (início do século XX).

Fonte: Revista Atafona.



Fachada frontal da edificação (2022).

Fonte: Acervo pessoal de Maicon Luis Custódio Leite.



Desfile na Rua João Corrêa, com o prédio ao fundo (década de 1960).

Fonte: Acervo de História Regional (Faccat).



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



deixou-o bem posicionado, e ali construiu uma boa freguesia, quando a então vila de Parobé contava com cerca de 200 a 300 habitantes. Tendo em vista essa facilidade em movimentar seu comércio através do trem, principalmente da compra e venda da farinha de mandioca, proveniente das inúmeras atafonas espalhadas pela região, acabou criando nome e se tornou referência.

Décadas mais tarde, em 1940, seu filho Alvicio Schäfer mudou-se para Taquara, e coube aos genros de Albino, Artuino Arsand e Theóphilo Sauer, darem seguimento ao estabelecimento. Consta que naquela década, 1940, os negócios iam mal para o setor agrícola, o que afetava as atividades que dependiam quase exclusivamente desse ramo, como as ferrarias, atafonas e comércios. Em 1943, Artuino Arsand e Theóphilo Sauer, então proprietários da Casa Comercial, resolveram expandir os negócios e compraram, em Sapiranga, máquinas para fabricação de massas e bolachas. Ocorre que o projeto não vingou, fato que levou a revenda do maquinário para Edésio Mosmann, bem como o prédio que se tornou a sede da futura empresa de massas, surgindo então o embrião do Pastifício Mosmann. Artuino Arsand e Theóphilo Sauer resolveram deixar o distrito de Parobé em 1947. Uniram-se a José Alfredo Knauth em uma nova empreitada de negócios, em Taquara, no ramo de comércio atacadista de cereais. Tanto Artuino Arsand quanto Theóphilo Sauer acabaram se tornando nomes conhecidos na região através da Sauer & Arsand. Nesse período, passaram o ponto da loja adiante.

O próximo a assumir o ponto foi Arno Brenner, adquirindo o imóvel de Artuino Arsand e Theóphilo Sauer, instalando assim sua casa comercial, que vendia ferragens, louças, tecidos e diversos utensílios que vinham de outras cidades. No prédio anexo, ao lado, ficava seu supermercado, Super Mercado Parobé. Arno Brenner nasceu em Sapiranga, em 11 de março de 1921, era filho de Emílio Brenner e Ottilia Brenner. Com sua primeira esposa, Edy Brenner, teve dois filhos, Emilio Brenner e Paulo Clairton Brenner. Em 06 de outubro de 1990, já viúvo, Arno Brenner casou-se com Arminda Hartz, natural de Ijuí, filha de Jacob Fassbinder e Alzira Fassbinder, nascida em 19 de janeiro de 1929. Arno faleceu em 14 de julho de 1996.

No início da década de 1980, membros da família Mosmann adquiriram o prédio de Arno Brenner, alugando o local para o tradicional supermercado S.N. Muller, com matriz em Taquara, e ao lado, na Rua João Corrêa, locando para o restaurante O Casarão, o primeiro restaurante a la carte da cidade. Segundo declaração em matéria publicada na edição de 17/12/1986 no Jornal Panorama, os proprietários estavam otimistas com o negócio do restaurante: "Os proprietários, Flávio e Artur, declararam que já pode ser confirmado o acerto do investimento, uma vez que Parobé estava carente de um serviço categorizado de restaurante, e hoje já conta com o prestígio do público de outras cidades". O estabelecimento ainda servia churrasco e rodízio de pizzas.

No dia 18 de setembro de 1992, o prédio sofreu um grande incêndio que comoveu a população. O fogo alcançou também as lojas anexas, M.C. Modas e o Laboratório Faller. O incêndio teve início entre as 3 e 4 horas da madrugada, mas só foi notado, quando as chamas já tinham consumido boa parte do prédio, atingindo rapidamente a cobertura, inteiramente destruída. A Brigada Militar chamou o corpo de bombeiros de Taquara, mas já era tarde demais. Os bombeiros de Igrejinha e Sapiranga também foram chamados, evitando que o fogo se espalhasse para os outros prédios. O incêndio foi controlado por volta das 6h da manhã, e só restaram as antigas paredes de alvenaria em pé. Na ocasião, o dono do mercado, senhor Selho Norberto Müller, ainda tinha dúvidas se alugaria um local provisório para continuar as atividades, em Parobé, ou se esperaria pela reconstrução do prédio.



Corrida de bicicleta, com a casa comercial de Arno Brenner ao fundo (década de 1970).
Fonte: Acervo de História Regional (Faccat).



Lateral do prédio - Rua João Corrêa (década de 1970).
Fonte: Acervo de História Regional (Faccat).



Incêndio no S.N. Müller em 1992.
Fonte: Acervo Roseli Santos (Faccat).



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Mais adiante, verificou-se que foi aguardada a reforma do prédio, reinaugurado em 04 de novembro, com anúncio publicado no Jornal Panorama, em edição do dia 06 do mesmo mês, com os seguintes dizeres: “36 dias. Foi o que precisamos para devolver a Parobé o seu Super Müller”. O S.N. Muller encerraria suas atividades em Parobé pouco tempo depois.

Após o fechamento do Supermercado S.N. Muller, foi aberta, no local, a loja Intuição Modas, que permanece em atividade até os dias de hoje, comercializando moda feminina. Fundada em 1993, a loja funcionava inicialmente na Av. Artuino Arsand. Tânia Brenner, proprietária da loja, comentou que há um cuidado em manter as características do prédio, que hoje é um dos mais antigos na cidade e que ainda evoca saudades dos moradores. Das construções do início do século passado, é uma das últimas que ainda está em pé e que resiste ao mercado imobiliário.

Descrição:

Construção em estilo neocolonial, possui beiral triangular encimado com meio arco adornado com três pinhas. As laterais da beira também possuem adornos de pinhas. Apresenta, na fachada principal, uma porta e duas janelas que foram modificadas ao longo do tempo. O anexo lateral, que faz parte do conjunto, também teve a porta principal modificada, possuindo atualmente porta do tipo vitrine. Prédio de fachada simples, mas que remete às construções típicas dos primeiros anos do século XIX na região.

Fogo destrói supermercado, loja e laboratório no centro de Parobé

Incêndio mobilizou corpos de bombeiros de toda região, que pouco puderam fazer para conter a ação das chamas no prédio construído em 1917.

Foto: Lucio Schirmer



Bombeiros iniciaram o combate ao fogo ainda na madrugada...

Três estabelecimentos do centro de Parobé resultaram completamente destruídos em função do incêndio ocorrido na madrugada desta terça-feira. O fogo atingiu um dos prédios mais antigos da área central de Parobé, construído em 1917, onde funcionavam o Supermercado S. N. Müller, o maior da cidade, e ainda a loja de confecções M.C. Modas e o Laboratório Faller.

De causas aparentemente desconhecidas, que deverão ser esclarecidas quando sair o resultado da perícia, o incêndio se verificou entre as 3 e 4 horas da madrugada. Como a cidade estava praticamente deserta naquela hora, o fogo só foi notado quando as chamas já tinham tomado conta de todo o prédio, atingindo rapidamente a cobertura, que ruiu devido à ação das labaredas. A Brigada Militar de Parobé foi a primeira a ser chama-

da e imediatamente avisou o corpo de bombeiros de Taquara, que chegou ao local logo depois. Mas eles pouco puderam fazer, porque o fogo já estava bastante adiantado e havia tomado conta de todo o prédio, atingindo os estabelecimentos vizinhos.

Foram também acionados os corpos de bombeiros de Igrejinha e Sapiranga, bem como a guarnição própria da fábrica de calçados Azaléia, que uniram seus esforços no combate às chamas, principalmente no sentido de evitar que se alastrassem para as construções vizinhas.

O incêndio só foi contido às 6 horas da manhã, quando já havia consumido tudo o que se



Grande quantidade de mercadorias queimadas exigiu bastante atenção na operação de rescaldo do fogo

Pedro Santos



... mas conseguiram apagar as chamas somente no início da manhã

encontrava no interior dos três estabelecimentos, restando em pé somente as paredes de alvenaria. Mesmo assim, os bombeiros se dedicaram ao trabalho de rescaldo do fogo durante boa parte do dia, devido à grande quantidade de produtos e equipamentos que ficaram carbonizados.

A Brigada Militar isolou a área e designou um soldado para fazer a vigilância do local até a realização da perícia que estava marcada para o dia de ontem. Há suspeitas de que o fogo possa ter começado numa máquina que porventura tenha ficado ligada durante a noite, através de curto circuito ou qualquer outro problema elétrico.



Reinauguração do S.N. Müller em 1992. Fonte: Panorama, Taquara, 06 nov. 1992, p. 12.

Reportagem referente ao incêndio, ocorrido em setembro de 1992. Fonte: Panorama, Taquara, 18 set. 1992, p. 20.



Vista lateral e detalhe da fachada frontal da edificação. Fonte: Acervo pessoal de Maicon Luis Custódio Leite.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Denominação: Casa de João Mosmann

Endereço: Rua Dr. Legendre, n. 37

Meio: Urbano

Acesso: via estrada pavimentada

Data da construção: 1880

Proprietários: 1º João Mosmann;

2º Alberto Mosmann;

3º Edésio Mosmann;

4º Lúcia Helena Mosmann.

Uso atual (2022): Comércio e revenda de carros

Data do levantamento: janeiro de 2022

Pesquisadores: Maicon Luis Custódio Leite

Dalva Neraci Reinheimer

Andrea Helena Petry Rahmeier

Fonte:

MOSMANN, Ligia. **Uma Fazenda, um sobrado, uma estação...** Parobé uma história a ser contada! Parobé: s.ed, 1999.

SILVA, Eloisa Helena. **Parobé:** desvendando sua história. 2008.

Monografia (Licenciatura em História) - Faculdades Integradas de Taquara, Taquara, 2008.

Depoimentos:

Lígia Mosmann concedido à Maicon Luis Custódio Leite, em janeiro de 2022.

Histórico:

Uma das construções mais antigas da cidade, a casa de João Mosmann, nome importantíssimo para a formação da cidade como a conhecemos, foi inaugurada em 1880. Nesses 142 anos, a casa manteve-se em propriedade da referida família, atingindo quatro gerações.

O povoado de Parobé, na época da construção da casa, era formado por duas grandes fazendas, as fazendas Pires e Fay, que cobriam praticamente todo o território. Pouco depois, já no início do século XX, o povoado passou a se desenvolver no entorno da Estação Parobé, construída em terrenos pertencentes a João Mosmann. Ele herdou as propriedades de Moisés Ferreira de Souza, ao casar-se com sua filha, Rita Pires de Souza, bisneta de outro importante nome local, José Martins.

João Mosmann era filho de Johann Mathias Mosmann (30 de dezembro de 1819 – 16 de setembro de 1888) e Clara Diehl Mosmann (30 de dezembro de 1820 – 25 de fevereiro de 1895), imigrantes alemães que aqui chegaram, no final da década de 1840, época de intensa movimentação migratória no vale do Paranhana, quando ocorreu a instalação da colônia do Mundo Novo. João nasceu em Santa Cristina do Pinhal, em 15 de abril de 1846, e aos 28 anos de idade, em 1874, deixou a casa dos pais e atravessou o rio dos Sinos para trabalhar na fazenda de seu futuro sogro, Moisés Ferreira de Souza. Assim, conheceu Rita Pires de Souza, com quem se casou em 26 de dezembro de 1878, na localidade de Santa Cristina do Pinhal. Como dote, recebeu parte da propriedade e, com a ajuda de um agregado de seu sogro, começou a trabalhar em sua própria terra, plantando milho, arroz, mandioca e abóboras. Construiu também uma cabana de madeira nas margens de um arroio onde hoje se localiza o centro da cidade. Nesse local passou a viver com sua esposa, tendo como primeiro filho, Moisés de Souza Pires Mosmann, nascido em 20 de outubro de 1879.

Após a morte de seu sogro, Moisés, em 1904, João Mosmann iniciou a venda dos lotes. O primeiro a adquirir um lote foi Germano Correia que



*Casa de João Mosmann (1976).
Fonte: Acervo de História Regional (Faccat).*



*Vista frontal da edificação (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Élen Waschburger.*



*Muro destruído por choque de caminhão da Prefeitura em 06 nov. 1990.
Fonte: Museu Municipal de Parobé.*



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



até então havia trabalhado na construção da estação. Após a compra, Germano e seu sócio, Dr. Legendre, construíram um sobrado e passaram a comercializar produtos de secos e molhados (armazém), pães e doces (confeitaria); os produtos eram vendidos em um pequeno espaço junto à estação. O local também servia de hotel para abrigar os viajantes que ali passavam e para enviar ou receber mercadorias. Em 1906, mais alguns lotes foram vendidos, mas o desenvolvimento foi lento. Após a construção das primeiras casas, passaram-se oito anos até a construção de mais algumas residências próximas à estação. Com o pequeno povoado se formando, surgiu a necessidade de um Cartório de Registro Civil. Em 1906, firmou-se o cartório da localidade, sendo o primeiro escrivão o próprio João Mosmann. Dois anos depois, o Intendente Diniz Martins Rangel assinou o ato nº 110.05.03, criando o distrito de Parobé, pertencente ao município de Taquara.

Com a morte de João Mosmann, em 22 de julho de 1946, a casa foi transferida para seu filho, Alberto Mosmann (30 de setembro de 1893 – 29 de setembro de 1977), casado com Lúcia Amália Elly Gaewersen (19 de fevereiro de 1900 – 12 de julho de 1973). Entretanto, Alberto acabou vendendo a casa para Edésio Mosmann (8 de abril de 1915 – 7 de maio de 1992), seu sobrinho, filho de Eduardo Pires de Souza Mosmann e neto de João Mosmann. Edésio foi um dos sócios fundadores da Pastifício Mosmann (atual Mosmann Alimentos), em 1945, ao lado de seus irmãos Luís e Paulo Mosmann. Com a morte de Edésio, a casa ficou de herança para Lúcia Helena Mosmann.

Descrição:

Casa de pedra construída por João Mosmann e inaugurada em 1880, localizada na esquina entre as ruas Dr. Legendre e Avenida Taquara, no centro de Parobé. Originalmente, possuía seis cômodos na parte principal e um anexo nos fundos que, posteriormente, foi demolido. As paredes são grossas e de pedra grês, unidas por barro, já que na época ainda não havia cimento disponível na região. No decorrer das décadas, a casa foi sendo modificada de acordo com as novas técnicas e recursos disponíveis. Houve uma tentativa de Edésio Mosmann para demolir a residência, mas devido ao fato de as paredes serem muito grossas, sua demolição foi dificultada, o que levou o proprietário a desistir. A construção original engloba duas paredes com um espaço entre elas, preenchido por cacos de pedras. A área externa atual, bem como a parte direita da casa foram construídas nas últimas décadas, sendo possível visualizar a diferença entre as edificações. Entre as décadas de 1940/1950, houve uma alteração significativa na lateral esquerda da residência. Após a década de 1970, a porta antiga foi retirada, bem como as janelas frontais. A janela dos fundos ainda é remanescente da construção original, mas ocorreu a troca dos vidros no decorrer dos anos. As espessas paredes externas também permanecem na forma original. Em suas primeiras décadas, não havia reboco nas paredes e o chão era de barro, e as pedras ficavam à mostra. Tratava-se de uma casa típica da época que hoje pode ser considerada como rústica, mas que seguia um estilo com os materiais que havia à disposição para sua construção.

Em tempos antigos, no entorno da casa, havia um pomar e uma atafona onde eram processados os produtos alimentícios. Era nessa atafona que a comunidade católica realizava as missas, antes do início da construção da igreja, em 1914, em terreno doado por João Mosmann. Além de abrigar a própria família Mosmann, nesses 142 anos, a casa também serviu de residência para outras famílias que, em alguns períodos dessa trajetória, lá residiram.



*João Mosmann, nos fundos da casa (aprox. década de 1930).
Fonte: Acervo de História Regional (Faccat).*



*Detalhes do interior da edificação (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Maicon Luis Custódio Leite.*



*Detalhes do exterior da edificação (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Maicon Luis Custódio Leite.*



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Denominação: Casa do dentista-prático Walter Frederico Ritter

Endereço: Rua João Correa, 165

Meio: Urbano

Acesso: via estrada pavimentada

Data da construção: 1923

Proprietários: 1º Walter Frederico Ritter.

Uso atual (2022): Pizzaria

Data do levantamento: março de 2022

Pesquisadores: Maicon Luis Custódio Leite

Élen Waschburger

Dalva Neraci Reinheimer

Fonte:

MOSMANN, Ligia. **Uma Fazenda, um sobrado, uma estação...** Parobé uma história a ser contada! Parobé: s.ed, 1999.

MOSMANN, Ligia. Em nome do que mesmo? **Atafona**, Parobé, n. 19, p. 4-5, dezembro de 2005.

Histórico:

Walter Frederico Ritter, filho de Frederico Ritter e Elisabeth Klein, nasceu em 10/09/1888 e faleceu em 25/09/1958. Walter não era um homem muito rico, mas certamente sensível à beleza e observador, o que o levou à profissão de “dentista” (MOSMANN, 2005). Nasceu em Sanga Funda, interior de Parobé. O pai adquiriu uma colônia de terras de Tristão Monteiro, em um local próximo da Casa de Pedra (atual município de Igrejinha), local reconhecido como o primeiro paradeiro dos imigrantes alemães em Taquara. Antes de vir para Parobé, Walter residiu em Taquara onde foi dono do antigo Hotel Jaeger em Taquara, no início da década de 1920. Foi nesse período que aprendeu a profissão, embora pouco se saiba sobre como e onde ele adquiriu conhecimentos para a atividade, pois, na época, ainda não havia faculdades de odontologia disponíveis. No Rio Grande do Sul, a primeira faculdade de odontologia data de 1935, em Santa Maria. A forma de aprender a profissão era acompanhar outro profissional, observando e aprendendo na prática como realizar os procedimentos, daí a expressão “dentista-prático”. Há informações de que Walter tenha adquirido suas habilidades com seu colega de Taquara, Otto Bergold, de quem era grande amigo.

Walter casou-se com Idalina Dienstmann, em 22/04/1911, na Comunidade Evangélica de Igrejinha, e juntos tiveram cinco filhos: Alfredo Ritter, Ervino Ritter, Edgar Ritter, Ivo Herbert Ritter e Ilse Vera Ritter. Idalina nasceu em Solitária, interior de Taquara, em 04/02/1892 e faleceu em 18/08/1970.

No desejo de exercer a nova profissão, o casal mudou-se para Parobé, morando, inicialmente, em uma casa na Rua Dr. Legendre, no local onde hoje se localiza a Galeria da Praça. Nesse período, construiu a bela casa na rua João Correa, inaugurada em 1923, na qual investiu todas as suas economias e da qual tinha muito orgulho. Para manter a casa, a mulher e os filhos, ele precisava se deslocar até Picada Hartz (Nova Hartz), Lajeadozinho e Rodeio Bonito em busca de mais clientes. Viajava de charrete, levando toda a aparelhagem necessária ao exercício da profissão, pois era inviável montar um gabinete em cada um desses locais.

Com sua morte, em 1958, e a de sua mulher que ocorreu doze anos mais tarde, a casa ficou fechada até ser vendida. Nesse período, acumulou diversos estragos que inviabilizaram economicamente sua restauração completa.



Casa na década de 1970.
Fonte: Acervo de História Regional (Faccat).



Visão frontal da edificação (2014).
Fonte: Acervo pessoal de Élen Waschburger.



Vista frontal da edificação (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Maicon Luis Custódio Leite.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ

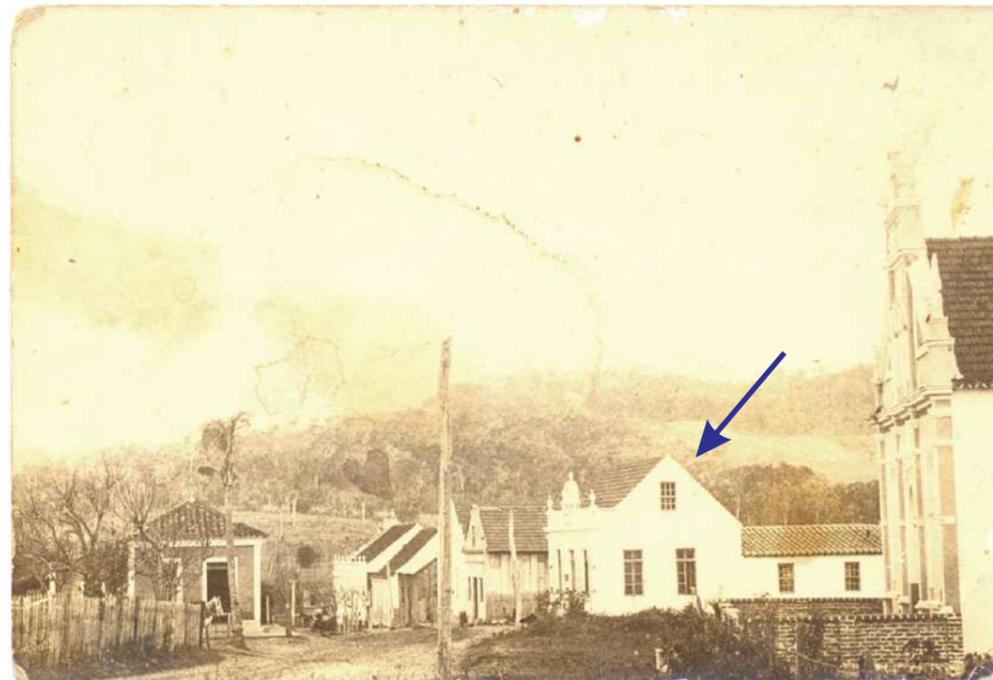


No decorrer dos anos, serviu de moradia e comércio; atualmente, mesmo que muito descaracterizada, continua de pé, abrigando a Central Pizzaria. Em décadas mais recentes, sediou lojas como Francieli Modas e Realiza Promotora de Crédito.

Walter Frederico Ritter foi homenageado com o nome de uma rua, no centro de Parobé, entre as ruas Vera Cruz, José Theomar Lehnen e Rio Grande do Sul.

Descrição:

Localizada na esquina da Rua João Corrêa com a Rua Alfredo Feiten, em frente ao barracão da Comunidade Evangélica de Confissão Luterana em Parobé, a casa de pedra construída por Walter Ritter, em 1923, passou por diversas descaracterizações ao longo de quase cem anos. Não era uma residência grande, mas o seu diferencial era a fachada, bastante trabalhada e repleta de adornos, destacando-se das demais casas da vizinhança. Pode ser classificada como tendo estilo colonial com elementos ecléticos, reunindo influências de vários estilos. Era um exemplo típico das casas que surgiam, aos poucos, na região e que marcaram época. Assim como outras casas da época, foi erguida com tijolos e barro, pois a utilização de cimento ainda era rara. O telhado com telhas de barro ainda mantém o aspecto original e sua parte frontal continua com a mesma configuração, com duas janelas e uma porta, ainda que, atualmente, sejam de ferro e já sem os adornos que a enfeitavam. Na lateral da Rua Alfredo Feiten, foi retirada uma janela, alterando o formato original, mas mantendo a janela do sótão. Em uma das últimas alterações, foi retirado o cimento e deixada parte das pedras originais à mostra.



Rua João Corrêa no final da década de 1920. Na indicação, a casa do dentista prático.
Fonte: Acervo pessoal de Jaison Volnir da Silva Bueno.



Família Ritter nos fundos da residência (década de 1950).
Fonte: Atafona, Parobé, dez. 2005, p. 4.



Detalhes da parede externa lateral - pedras originais expostas (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Maicon Luis Custódio Leite.



Detalhes da parede frontal externa (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Maicon Luis Custódio Leite.



Área central da Vila Parobé, no final da década de 1960.
Fonte: Acervo de História Regional (Faccat).



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Denominação: Casa dos Mosmann
Endereço: Av. Artuino Arsand, n. 425
Meio: Urbano
Acesso: via estrada pavimentada

Data da construção: 1925

Proprietários: 1º José Mosmann Sobrinho e Emilia Mosmann;
2º Joao Homercio Mosmann e Maria de Lourdes da Silva Mosmann;
3º José Guilherme Mosmann e Maria de Lourdes da Silva Mosmann.

Uso atual (2022): Moradia na parte de trás; comércio, na frente, onde fica localizada a Mosmann Sistemas

Data do levantamento: outubro de 2021 a janeiro de 2022

Pesquisadores: Maicon Luis Custódio Leite
Dalva Neraci Reinheimer
Andrea Helena Petry Rahmeier

Fonte:

MOSMANN, Ligia. **Uma Fazenda, um sobrado, uma estação...** Parobé uma história a ser contada! Parobé: s.ed, 1999.
OLIVEIRA, Kátia Ferreira de. **Atafona e Moinho Henkel.** Nova Hartz. RS: estudo sobre o patrimônio material e imaterial. 2009. 224 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2009.
TRILHANDO A HISTÓRIA DE PAROBÉ. Facebook: @historiadeparobe. Disponível em: <https://www.facebook.com/HistoriadeParobe>. Acesso em: 15 out. 2021.
WITTMANN, Angelina. Qual a diferença entre Atafona (Tafona) e Moinho? 2020. Disponível em: <https://angelinawittmann.blogspot.com/2020/02/qual-diferenca-entre-atafona-tafona-e.html>. Acesso em: 12 jan. 2022.

Depoimentos:

José Guilherme Mosmann concedido a Maicon Luis Custódio Leite, em outubro de 2021.

Histórico:

Em 1925, José Mosmann Sobrinho (1889–1965) construiu a casa com 2 salas, 4 quartos, 1 despensa, banheiro (patente) e área nos fundos.

Atrás da casa, havia uma atafona para o fabrico de farinha de mandioca que permaneceu ativa até meados de 1950. Em tempos antigos, tinha horta, árvores frutíferas, galinheiro, estrebarias, com criação de gado e suínos, um poço que continua sendo utilizado.

Assim como a maioria das famílias de Parobé, os Mosmann trabalhavam em função da atafona e serviços rurais. Com a economia do povoado girando principalmente em torno das atividades agrícolas, como a própria plantação de mandioca e a fabricação de farinha, as famílias contavam com as atafonas (ou “tafonas”) para esse trabalho tão árduo. Muito dessa produção era comercializada pelo Sr. Albino Schaefer, que possuía um atacado de secos e molhados (onde hoje fica a Intuição Modas na rua Dr. Legendre) que auxiliava no escoamento da produção local.

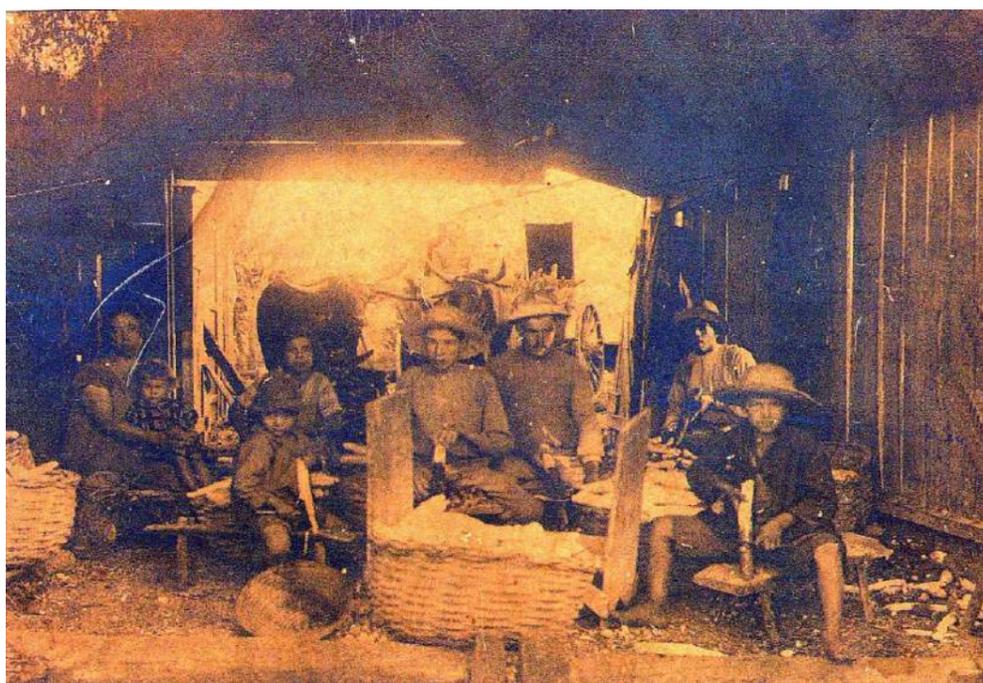
Uma atafona fazia toda a diferença para quem lidava no campo, servindo como um tipo de mecanismo manual ou de tração animal, em movimento rotativo para mover as engrenagens e, assim, produzir farinha de mandioca.



*Casa dos Mosmann (década de 1930).
Fonte: Acervo pessoal de José Guilherme Mosmann.*



*Vista frontal da edificação (2021).
Fonte: Acervo pessoal de Maicon Luis Custódio Leite.*



*Atafona dos Mosmann (décadas de 1920/1930).
Fonte: Acervo pessoal de José Guilherme Mosmann.*



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Na casa, foram realizadas reformas significativas, em 1974, como a troca do telhado e das janelas. Depois, foi reformada novamente, em 1996, quando recebeu um anexo com uma cozinha, sala nos fundos e mais uma garagem. Os 3 cômodos da frente da casa transformaram-se em escritório, onde atualmente é a Mosmann Sistemas. Assim, ficaram 2 quartos, 3 salas, banheiro e sala/cozinha em conjunto e mais a garagem. Em 2014, foi realizada uma nova reforma, quando a construção foi totalmente reestruturada com telhado novo e reinstalação do frontão, além de pintura nova, mantendo o mesmo formato de cômodos da reforma anterior, feita em 1996. Os primeiros proprietários, José Mosmann Sobrinho (1889–1965) e Emília Mosmann, foram velados na casa como era costume, antigamente, assim como seu genro Reinaldo Jacobus (1912–1940). Como curiosidade, apontamos que, segundo relato de José Guilherme Mosmann, a casa era assombrada, pois ouviam barulhos e eram vistos vultos ao longo dos tempos. Essa crendice era popular até a década de 1990.

José Mosmann Sobrinho era filho de João Mosmann (1846–1946) e de Rita Pires de Souza (1860–1935). Ele era casado com Emília Saul e tiveram seis filhos, dentre eles, João Homercio Mosmann (1936 – 2003), casado com Maria de Lourdes da Silva Mosmann (1943) e pais de José Guilherme Mosmann, João Batista Mosmann, Carla Maria Mosmann, André Luís Mosmann.



José Mosmann Sobrinho na lida com o gado. Ao fundo, vê-se a atafona (décadas de 1920/30).

Fonte: Acervo pessoal de José Guilherme Mosmann.

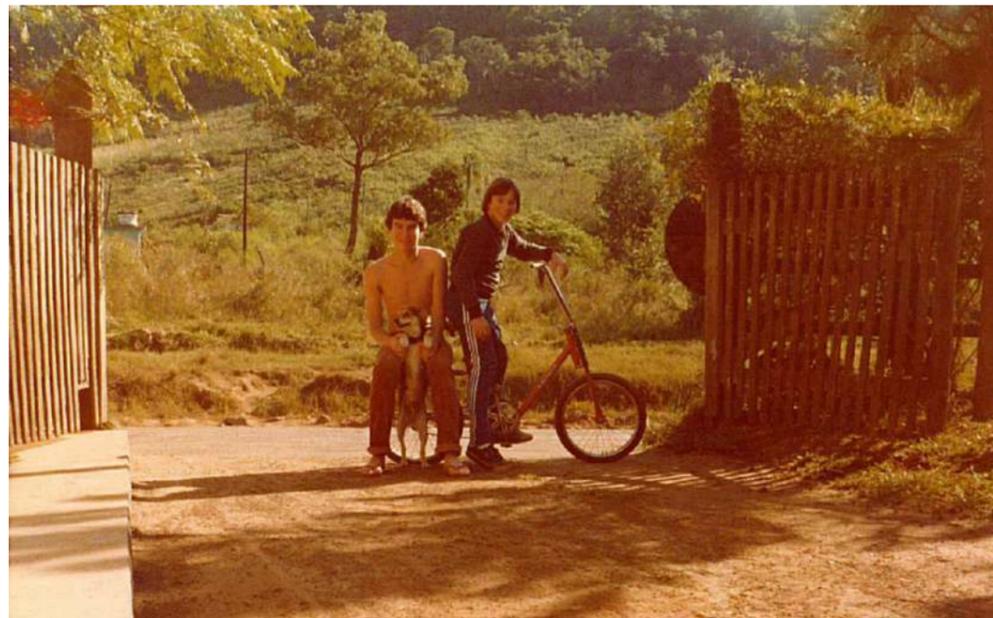


Foto mostrando onde ficava a rua que se tornaria Avenida Artuino Arsand, na qual, até a década de 1960, passava o trem. No registro fotográfico, estão os irmãos João Batista Mosmann (esquerda) e José Guilherme Mosmann (década de 1970).

Fonte: Acervo pessoal de José Guilherme Mosmann.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Denominação: Casa da família Fay
Endereço: Rua General Osório, n. 307
Meio: Urbano
Acesso: via estrada pavimentada

Data da construção: 1891
Proprietários: 1º Ana Maria Fay dos Santos e Manuel Alves dos Santos;
2º Família Haack.
Uso atual (2022): Moradia

Data do levantamento: maio de 2022
Pesquisadores: Ari Verton de Paula Schoenardie
Lidiane Lima Schoenardie
Dalva Neraci Reinheimer

Fonte:
MOSMANN, Ligia. **Uma Fazenda, um sobrado, uma estação...** Parobé uma história a ser contada! Parobé: s.ed., 1999.
TRILHANDO A HISTÓRIA DE PAROBÉ. Facebook: @HistoriadeParobe. Disponível em: <https://www.facebook.com/HistoriadeParobe>. Acesso em: 12 maio 2022.

Depoimentos:
José Alexandre Haack Filho concedido à Lidiane Lima Schoenardie, em maio de 2022.

Histórico:

A casa Fay, que se localiza no bairro Alexandria, está ligada às origens remotas de Parobé. Ela estava localizada nas terras que eram da propriedade da família Martins, e, no início do século XIX, tinha o tamanho de uma Sesmaria (título de terra recebido do Governo Imperial e que também se refere à grande extensão de terras). Os primeiros a residir nessas terras, por volta de 1840, foram José Martins Philereno (1786-1866) e Maria Narciza Pires Cerveira (1788-1852). Esse casal teve 11 filhos.

Uma das filhas, Maria José Martins Philereno (1821-1888), casou-se com o imigrante alemão Joannes Nikolaus Fey (1810-1876).

Assim, as primeiras famílias de origem portuguesa, que povoaram o atual município de Parobé, começaram a se unir aos imigrantes alemães, recém-chegados à Colônia do Mundo Novo. Os filhos do casal, passaram a ter a grafia do nome alterada para Fay. Uma das filhas, Ana Maria Fay, nasceu em Santa Cristina do Pinhal, casou-se com Manuel Alves dos Santos e passou a se chamar Ana Maria Fay Santos. A grande fazenda Martins, pertencente ao casal José da Rosa e Maria Narcisa, avós de Ana Maria, começou a ser desmembrada, a partir de 1852, entre o grande número de filhos e netos. Uma parte tinha sido herdada pelos pais de Ana Maria, Joannes Fey, (também chamado João Fay) e Maria José Martins Fay, e passou a ser conhecida como Fazenda Fey ou Fay. Também ocorreu o fracionamento da fazenda Martins, em lotes vendidos aos colonos imigrantes alemães.

Manuel Alves dos Santos, genro de Joannes Fay, construiu uma casa para sua moradia, por volta de 1891, nas terras herdadas. Com a instalação da estação férrea, em 1903, a propriedade que ficava, aproximadamente a 2 km da estação, foi muito valorizada. Desde a instalação da colônia (1846), havia estradas que ligavam as fazendas para a passagem da produção. A casa em estilo português destacava-se na paisagem e era chamada de casa dos Fay, posteriormente, casa Fay. Mais tarde, foi associada ao nome de sua mais honrada moradora, a professora Ana Maria Fay dos Santos. Depois, a propriedade foi vendida pelos herdeiros da professora, e novamente ocorreu o desmembramento em lotes. A casa passou a fazer parte de um abatedouro e serviu de açougue. Com a retirada da linha férrea e a abertura da faixa estadual – hoje RS 239, a casa Fay passou a sediar diversas atividades comerciais e teve sua fachada alterada substancialmente. Passou um longo tempo desocupada, até que, após a emancipação do município, em 1982, e a urbanização do entorno – Bairro Alexandria – foi utilizada como uma oficina mecânica, depósito de ferro velho, entre outros. Por um tempo, pertenceu a José Alexandre Haack, descendente de Ana Maria Fay e Manuel dos Santos.

Sem dúvida, ela é parte da história de Parobé, sendo um dos mais antigos bens arquitetônicos da cidade que se inclui na memória dos moradores.



Registro fotográfico da construção em 1981.
Fonte: Acervo de História Regional (Faccat).



Fachada atual (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Élen Waschburger.

Descrição:

Embora a casa tenha sido construída nos primeiros anos da República, representa um exemplar do estilo português que predominava, no Brasil, no período Imperial. Apresenta formas simples, telhado em 2 águas, com pouca elevação, telhas de barro. Mesmo com as intervenções que ocorreram no imóvel ao longo dos anos, mantém a estrutura sem alterações, com a frente em um só traçado, sem beiral ou adornos. As aberturas originais, 2 portas e uma janela, eram de madeira e foram substituídas por vidraças ou fechadas com tijolos. As casas com influência do estilo português, no Brasil, eram construídas na divisa com a rua ou com a entrada da propriedade, não deixando espaço para jardins, assim como se percebe nesse imóvel.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Denominação: Casa Rerich
Endereço: Estr. Do Salto, n. 320
Meio: Rural
Acesso: via estrada de chão batido

Data da construção: 1930
Proprietários: 1º João Rerich;
2º Lorena Frederich;
3º Darci dos Santos.
Uso atual (2022): Residência

Data do levantamento: março de 2022
Pesquisadores: Eduarda Farias da Silva
Valdir dos Santos Silva
Dalva Neraci Reinheimer

Depoimentos:
Lorena Frederich concedido à Eduarda Farias da Silva, em março de 2022.

Histórico:

A casa foi construída no início do século XX por João Rerich, para servir de moradia para sua família que morava em uma casa menor. Foi construída toda em pedra extraída de um morro nos fundos da propriedade. Esse trabalho era usual na região, até meados do século XX e, embora muitos colaborassem na extração de pedras e na construção de casas de vizinhos e amigos, era um trabalho bem exaustivo. Porém, gerava uma renda extra.

Nesse trabalho de extração de pedras, por volta de 1930, João perdeu 3 dedos do pé. A família vivia principalmente da agricultura e o acidente gerou um transtorno, pois nesse ano, ele não pode trabalhar na colheita de feijão. A família produzia mandioca e milho. A produção do milho era levada para moer no Moinho Sohne, nas imediações da propriedade, no município de Igrejinha com o qual a área fazia divisa. Já a mandioca era levada para uma atafona que havia perto da localidade. Segundo o relato de Lorena, uma das filhas de João, em um ano, eles chegaram a produzir 27 mil quilos de farinha de mandioca. Havia uma grande demanda para esse produto, pois a região era especializada no fornecimento de farinha para o exército, o que garantia a venda de toda a produção.

João teve 7 filhos e, após seu falecimento, sua esposa, 3 filhos solteiros e Lorena, já casada, moraram na casa. Após Lorena construir sua própria residência, ficaram na casa da família, sua mãe e seus irmãos até ela ser vendida para terceiros. É interessante notar que passava uma estrada pelos morros que ficam próximos à residência; ela ligava a região aos moinhos que havia no município de Igrejinha. Por esse motivo, a família costumava manter uma relação comercial com a cidade vizinha e também laços identitários pela etnia alemã.

Embora de linhas arquitetônicas simples, a casa possui detalhes decorativos que a tornam um belo testemunho de uma época e seu modelo de construção. Apresenta um anexo onde se localiza a cozinha. Esse detalhe de construção também era comum, no período, nas casas dos colonos descendentes de imigrantes alemães e servia para evitar o perigo de incêndio que o fogão a lenha poderia provocar, pois toda a família ia para a lavoura e o fogão ficava com o fogo acesso.

Ainda é possível encontrar mais duas casas no mesmo estilo de construção na região, em Parobé e em Igrejinha, porém ambas sofreram modificações e não se encontram no mesmo estado de conservação da casa Rerich.



Fachada atual da residência (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Valdir dos Santos Silva.



Detalhe lateral da área externa (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Valdir dos Santos Silva.



Detalhe da construção em pedra arenito - anexo com a cozinha (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Valdir dos Santos Silva.

Descrição:

Casa de alvenaria em estilo colonial alemão, construída em pedra arenito. Porta original em madeira, janelas com moldura em madeira e folhas de madeira com vidraças no lado externo. Possui varanda frontal sustentada por 6 pilares e adornada com lambris de madeira em todo o entorno. Telhado em 2 águas, com telhas de barro. Na lateral e na parte frontal da área, é possível ver detalhes na madeira utilizada na estrutura da construção. Tanto a casa como a propriedade mantêm as características da época em que foi construída.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Denominação: Casa Rosa

Endereço: Rua Arthur Domingos Jorge Dienstmann, n. 1219

Meio: Urbano

Acesso: via estrada de chão batido

Data da construção: 1924

Proprietários: 1º Família Linden (proprietária dos terrenos e da primeira casa)

2º Arnido Ringel;

3º Renato Ringel;

4º Clair Ferreira dos Santos.

Uso atual (2022): Moradia

Data do levantamento: março de 2022

Pesquisadores: Eduarda Farias da Silva

Valdir dos Santos Silva

Dalva Neraci Reinheimer

Andrea Helena Petry Rahmeier

Depoimentos:

Clair Ferreira dos Santos concedido à Eduarda Farias da Silva, em março de 2022.

Histórico:

A propriedade e a casa pertenceram, inicialmente, à família Linden. Posteriormente, uma filha casou com Armindo Ringel, e passaram a residir na casa. Tanto os Linden como a família Ringel eram produtores de farinha e, no galpão ao lado da casa, ficava a atafona que funcionou até os anos 70. Nos fundos da residência, passa o arroio Funil e havia também os trilhos do trem. As telhas do galpão ainda são as originais. A casa sofreu alterações externas com a construção do cômodo que está situado na parte lateral esquerda, mas ainda funciona como residência.

A família de Arnido Ringel comercializava farinha com os moradores da localidade de Sanga Funda, no então distrito de Igrejinha. Nesse período era utilizada a estrada de chão que atravessava as propriedades. Não negociavam com outras localidades através da via férrea, embora a estrada de ferro passasse nos fundos da casa.

Inicialmente, o comércio era na base de trocas. A família Ringel trocava a farinha de mandioca ou de milho por arroz ou leite com as famílias da Sanga Funda.

Por três gerações da família, a principal atividade econômica da propriedade foi a agricultura de milho, mandioca e cana-de-açúcar. Com a atafona, que fazia a moagem, garantiam um valor agregado ao produto. A atafona, no princípio, era um engenho movido pela tração animal; posteriormente, podia ser movida pela força de motores a combustão. A atafona ou tafona era construída em toras de madeiras e ferro e exigia trabalhadores especializados. Era importante em uma propriedade rural, pois acrescentava lucratividade à economia agrícola. Se em alguns povoados ter um moinho era uma forma de sustentar a família, no povoado de Parobé esse mesmo significado estava ligado à atafona.

A propriedade ainda conserva, em seu exterior, os aspectos rurais, como o pátio no entorno da casa, o jardim que era tão apreciado desde os primeiros colonizadores alemães que vieram para a região e, principalmente, a presença do grande galpão de madeira que servia para abrigar as ferramentas, implementos agrícolas e a colheita.



Fachada da edificação (2019).
Fonte: Google Maps.



Foto atual, na imagem, a residência e ao lado o galpão onde funcionava a atafona.
Fonte: Google maps (2019).

Descrição:

Casa de alvenaria, construída com tijolos maciços, aberturas em madeira. Porta frontal com bandeira e encimada com vidraça; apresenta, também, 2 janelas frontais com bandeiras encimadas com vidro. O telhado é em 2 águas, com telhas de barro (não originais da época da construção). Possui beiral com adornos de 4 pinhas. Galpão em madeira, com telhado de telhas de barro. Tanto a casa como a propriedade mantêm as características da época em que foram construídas. A propriedade atesta um período das atividades rurais que foram muito significativas no desenvolvimento de Parobé. Embora de linhas arquitetônicas simples, a casa possui detalhes decorativos que a tornam testemunho de uma época e seu modelo de construção.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Denominação: EMEF Artuino Arsand

Endereço: Rua Santa Cristina, n. 228

Meio: Urbano

Acesso: via estrada pavimentada

Data da fundação: 1976

Proprietários: 1º Prefeitura Municipal de Taquara;

2º Prefeitura Municipal de Parobé.

Uso atual (2022): Escola de Educação Básica (Pré ao 9º ano)

Data do levantamento: abril de 2022

Pesquisadores: Maicon Luis Custódio Leite

Élen Waschburger

Dalva Neraci Reinheimer

Fonte:

Panorama, Taquara, 06 ago. 1977, p. 3.

Repercussão Paranhana. **Parobé investe na revitalização da Escola**

Artuino Arsand. Parobé, 03 set. 2021. Disponível em:

<https://repercussaoparanhانا.com/geral/parobe-investe-na-revitalizacao-da-escola-artuino-arsand>. Acesso em: 25 abr. 2022.

SCHENKEL, Adriana Andréia; FONTOURA, Adriano; SILVA, Gezila

Rodrigues da. **Escola Municipal Artuino Arsand**. 2013. Disponível em:

<http://sapiiranga-egef.blogspot.com/2013/11/escola-municipal-artuino-arsand.html>.

Acesso em: 25 abr. 2022.

Depoimentos:

Christiane Isabel Araújo da Silva concedido à Maicon Luis Custódio

Leite, em abril de 2022.

Histórico:

A história da escola Artuino Arsand se integra a própria história de Parobé. Através desta narrativa é possível perceber como as demandas da educação foram acontecendo desde o crescimento do distrito até a formação da cidade e ao longo das décadas seguintes com o desenvolvimento urbano, populacional e econômico do município.

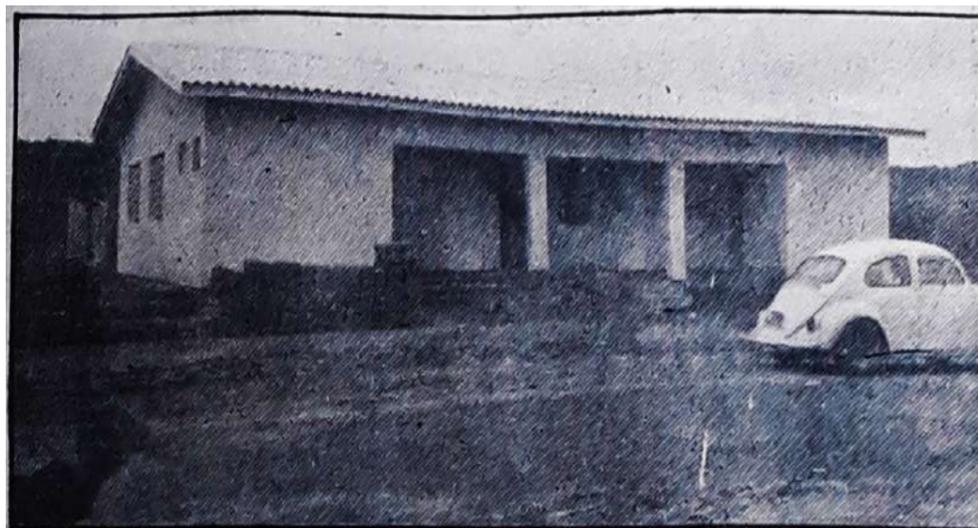
A Escola Municipal de Ensino Fundamental Artuino Arsand iniciou suas atividades em 05 de março de 1976, e inicialmente recebia os alunos no prédio da Sociedade Recreativa Oriental, pertencente ao Sr. Trajano. Nesta época ainda atendiam sob o nome Escola da Vila Guarani e contava apenas com duas salas de aula.

Em 13 de janeiro de 1977 a Câmara Municipal de Taquara aprovou e o prefeito Alceu Martins sancionou e promulgou a lei de criação da escola, que passou a funcionar em prédio próprio, em terreno doado por Artuino Arsand, genro do comerciante Albino Schäfer. A partir daí a escola recebeu o nome de Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Artuino Arsand. O novo prédio possuía duas salas de aula, e na Sociedade Oriental funcionava outra sala.

Com o aumento do número de alunos, que seguia o crescimento do então distrito Parobé, em 1978 foi construído mais um bloco na escola, totalizando assim quatro salas de aula.

Em 1981, um barracão próximo ao educandário serviu como sala de aula para alguns alunos, e como a demanda por vagas continuava, no ano seguinte foi alugada uma casa para acolher mais alunos.

Em 1984, devido a pedidos dos moradores, foi aberta uma rua em frente à escola, reduzindo o espaço do pátio, o que acabou prejudicando as aulas de educação física e momentos recreativos. O crescimento seguia, e em 1985 mais uma sala foi construída. No ano seguinte a escola já comportava 342 alunos e foram acrescentadas mais duas salas em madeira, ainda assim auxiliando no recebimento de mais estudantes.



*Prédio construído em 1977 para receber os alunos.
Fonte: Panorama, Taquara, 06 ago. 1977, p. 3.*



*A escola em julho de 2022.
Fonte: Acervo pessoal de Maicon Luis Custódio Leite.*



*Arcilda (vestido rosa), esposa de Artuino Arsand em homenagem na escola (1995).
Fonte: Acervo da EMEF Artuino Arsand.*



*Prédio da Sociedade Recreativa Oriental, que recebia inicialmente os alunos.
Fonte: Panorama, Taquara, 6 ago. 1977, p. 3.*



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Entre 1988 e 1989 o antigo barracão da vila novamente receberia alunos, todavia houve a diminuição do número de estudantes nesta unidade de ensino, porque em 1990 foram criadas mais escolas na cidade, então voltou a utilizar apenas o prédio próprio.

Através de inúmeros pedidos da comunidade, foi instalada a pré-escola e a construção de mais uma sala de aula. Anos depois, em 1996, professores e estudantes tomaram um susto: devido à erosão, o muro da escola desmoronou e as salas de aula de madeira ameaçavam desabar. Com isso, novamente era necessário utilizar o barracão da vila.

A estrutura física da escola sempre foi insuficiente, seja com o pátio irregular, salas de aula mal construídas, área sanitária deficiente, falta de refeitório e sala administrativa e de professores muito pequenas, além de uma biblioteca pequena.

Em 1998 a Administração Municipal aprovou o projeto de construção de um prédio novo para a escola, medindo 1.053,66 m². No mesmo ano, em outubro, eram iniciadas as obras, e para não deixar os alunos sem sala, utilizaram um pavilhão particular na Rua dos Trilhos. Ao todo, foram improvisadas sete salas, dois banheiros, uma cozinha e uma sala administrativa. No mesmo ano, face à resolução nº 234/98, de 07/01/1998, a escola passou a chamar-se Escola Municipal de Ensino Fundamental Artuino Arsand, atendendo alunos da pré-escola ao 9º ano.

Em outubro de 2000 a escola voltou ao seu local de origem, agora podendo usufruir de um prédio novo, com um total de dez salas de aula e atendendo cerca de 500 alunos.

Em 2021, a Prefeitura de Parobé trabalhou em obras de revitalização na escola, recebendo diversas melhorias, como a construção de uma arquibancada para a quadra de esportes, cobertura metálica de acesso desde o portão até a entrada do prédio e da quadra. A escola também recebeu nova pintura externa e pavimentação do pátio com blocos de concreto.

A escola “Artuíno”, como é carinhosamente chamada pela comunidade escolar, representa a importância da educação em Parobé, tanto pelos esforços dos moradores em suas reivindicações como na ação das autoridades em atender as necessidades dos educandos.



Sala dos professores e biblioteca (década de 1990).
Fonte: Acervo da EMEF Artuino Arsand.



A escola, em 1995.
Fonte: Acervo da EMEF Artuino Arsand.



Partes da atual estrutura da escola (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Maicon Luis Custódio Leite.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Denominação: Escola Estadual Engenheiro Parobé

Endereço: R. Cel. João Corrêa, n. 391

Meio: Urbano

Acesso: via estrada pavimentada

Data da fundação: 7 jan. 1939

Proprietários: Governo do Estado do Rio Grande do Sul.

Uso atual (2022): Escola de Educação Básica (Pré-escola ao 3º ano do EM)

Data do levantamento: abril de 2022

Pesquisadores: Maicon Luis Custódio Leite

Élen Waschburger

Dalva Neraci Reinheimer

Andrea Helena Petry Rahmeier

Fonte:

MOSMANN, Ligia. **Uma Fazenda, um sobrado, uma estação...** Parobé uma história a ser contada! Parobé: s. ed, 1999.

Panorama, Taquara, 29 jan. 1986, s/p.

Panorama, Taquara, 07 set. 1990, p. 12.

TCA NEWS. **Escola Engenheiro Parobé inaugura quadra poliesportiva.**

17 nov. 2009. Disponível em: <https://www.tca.com.br/news/escola-engenheiro-parobe-inaugura-quadra-poliesportiva>. Acesso em: 25 abr. 2022.

Depoimentos:

Andrea Anahi Moraes Ritter e Remi Luciano Brocker concedidos à Maicon Luis Custódio Leite, em abril de 2022.

A educação em Parobé:

A história da educação nos primórdios do povoamento de Parobé seguia os mesmos moldes das outras cidades do interior do Rio Grande do Sul na época: ainda sem escolas propriamente organizadas, a população recorria a educadores particulares, ou, através de locais que contavam com alguns poucos professores, como a própria sede da IECLB - Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, que chegou a receber o professor Theófilo Sauer, entre as décadas de 1920/1930. Os primeiros passos para a educação em Parobé estavam sendo dados, pois quem desejava que seus filhos fossem alfabetizados, deveria recorrer a professores particulares, como Arthur Lehnen, Franz Müller (de origem alemã), Paulo Breyer e Adão Aloisio Killing.

A região, em 1908, foi elevada a distrito de Taquara; o Intendente Diniz Martins Rangel, aos poucos, promovia seu desenvolvimento, vindo a implantar, por volta de 1919/1920, a primeira escola pública ou “aula estadual”, como era chamada, onde a população poderia aprender a ler, escrever e conhecer as principais operações matemáticas. Entretanto, as professoras da época não possuíam formação pedagógica, pois os primeiros institutos de formação foram criados ao longo dos primeiros 30 anos do século XX. Porém, ao se integrar com a comunidade, acabavam criando fortes vínculos, promovendo diversas atividades extracurriculares, como festas e apresentações de teatro. Muitas dessas primeiras educadoras, por muito tempo, foram lembradas pela parcela mais antiga da população, como as professoras Favorina Porto Vila Nova e Orodontina Santos Ferraz.

“o Engenheiro Parobé” - uma escola de Ensino Médio em Parobé:

Em 1939, foi inaugurado o Grupo Escolar Parobé, parte do processo de nacionalização imposto no período ditatorial do Estado Novo (1937-1945), juntamente com diversas escolas criadas pelo estado do Rio Grande do Sul (decreto nº 7.675 de 7 de janeiro de 1939).



A escola, na década de 1970.
Fonte: Acervo da Escola Engenheiro Parobé.



A escola em julho de 2022.
Fonte: Acervo pessoal de Maicon Luis Custódio Leite.



Primeira sede do Grupo Escolar Parobé (década de 1970).
Fonte: Acervo de História Regional (Faccat).



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Em março do mesmo ano, passou a funcionar em um prédio localizado na esquina da Rua João Corrêa com a Avenida Taquara, com o nome de Grupo Escolar Parobé. Pelo decreto nº 7.793 de 10/05/1939, houve a incorporação da Escola Isolada de Parobé. No início, os alunos do 1º ao 5º ano do ginásial foram distribuídos em duas turmas, atendidos pelas professoras Geny Santos e Jenny Maciel, essa última também responsável pela direção da escola. A partir de então, o número de alunos foi crescendo cada vez mais. O primeiro prédio da escola foi construído em 1905 por João Esteves.

Em 1953, o antigo prédio não tinha mais condições de atender todos os alunos. Foi então construído e inaugurado o prédio central da escola, no local onde funciona até hoje, na Rua João Corrêa, 391. A inauguração foi realizada em 20/06/1953. Após a mudança da escola para a sede própria, o antigo prédio foi demolido, sendo, atualmente, uma residência.

Em ofício de 09/05/1968, a então diretora Neldy Nelcy Dienstmann enviou um requerimento juntamente com memorando e dados bibliográficos, com uma solicitação especial para alterar o nome da escola. Então, pelo decreto nº 19.390 de 18/11/1968, a escola passou a ser denominada de Grupo Escolar Engenheiro Parobé, em homenagem ao engenheiro que também emprestou seu nome à estação férrea e à cidade.

No ano de 1973, com a reforma do ensino, passou a funcionar como escola de 1º grau completo, sendo que, em 1973, 1974 e 1975, foram instaladas sucessivamente as 6ª, 7ª e 8ª séries. O número de alunos aumentava, acompanhando o desenvolvimento da cidade. Para receber os alunos das novas séries, foram inauguradas, em 26/10/74, duas salas de aula e, em 12/08/1976, mais três salas. Também em 1976, com o auxílio da comunidade, o CPM construiu a sala técnica, e, em 1980, uma cozinha. No final da década de 1970, foi construída a cancha de esportes, possibilitando as aulas de educação física e demais atividades de recreação.

A diretoria do CPM, sempre atuante na escola, sentiu a necessidade de uma sala exclusiva para a educação pré-escolar e para os professores. Então, em 1982, a direção da Azaléia financiou a construção desses espaços. Em 1983, foram construídas mais três salas de aula e dois sanitários, com verba estadual. Em 1987, a escola ainda buscava a ampliação do prédio. Conforme portaria nº 31.044 de 12/01/1983, o educandário também passou a atender o 2º grau.

Em 1981, a escola contava com 499 alunos matriculados no primeiro grau; em 1982 aumentava para 552 estudantes e, em 1983, contava com 483 matriculados. Com a implantação do 2º grau, em 1983, a escola tinha 30 alunos matriculados no primeiro ano do novo grau implantado. Já a pré-escola, tinha 25 alunos, em 1981; 54, em 1982 e 50 alunos em 1982.

No dia 29/01/1986, noticia-se que a escola formava sua primeira turma de 2º grau, em solenidade realizada, poucos dias antes, no dia 18, com direito a uma missa celebrada na Igreja Católica, antes da entrega dos certificados, realizada na Sociedade Recreativa Parobé. Os formandos tiveram como paraninfo Gilberto Wichmann. Os primeiros formandos foram Alécio A. Scalcon, Carlos Auri Terra, Salles, Dilson Santos Duarte, Francisco Pôncio da Silva, Horácio Rogério da Silva, Luiz Henrique de Souza, Márcio Batista Carraro, Rildo Linden, Rogério Ferreira Vieira, Sérgio Humberto Barbosa Piantá, Gisela Naiara de Oliveira, Marilda Regina da Rosa, Rosângela Silveira da Silva e Silvia Maria Vargas de Oliveira. Na ocasião, o paraninfo destacou: "a conclusão do segundo grau marcou para eles o fim de uma etapa da jornada, dentro do objetivo de crescerem como pessoas e profissionais" (PANORAMA, 1986, s/p). Era a primeira turma formada em uma escola no município de Parobé. Até então, os educandos se dirigiam a Taquara para realizar sua formação.



*Primeira diretora, Jenny Maciel, e alunos (1939/1940).
Fonte: Acervo da Escola Engenheiro Parobé.*



*Prédio da antiga estação sendo utilizado como anexo da escola (décadas 1960/1970).
Fonte: Acervo pessoal de Antônio Carlos Feltes.*



*Alunos do jardim de infância no prédio da antiga estação, turma de 1971.
Fonte: Acervo pessoal de Antônio Carlos Feltes.*



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



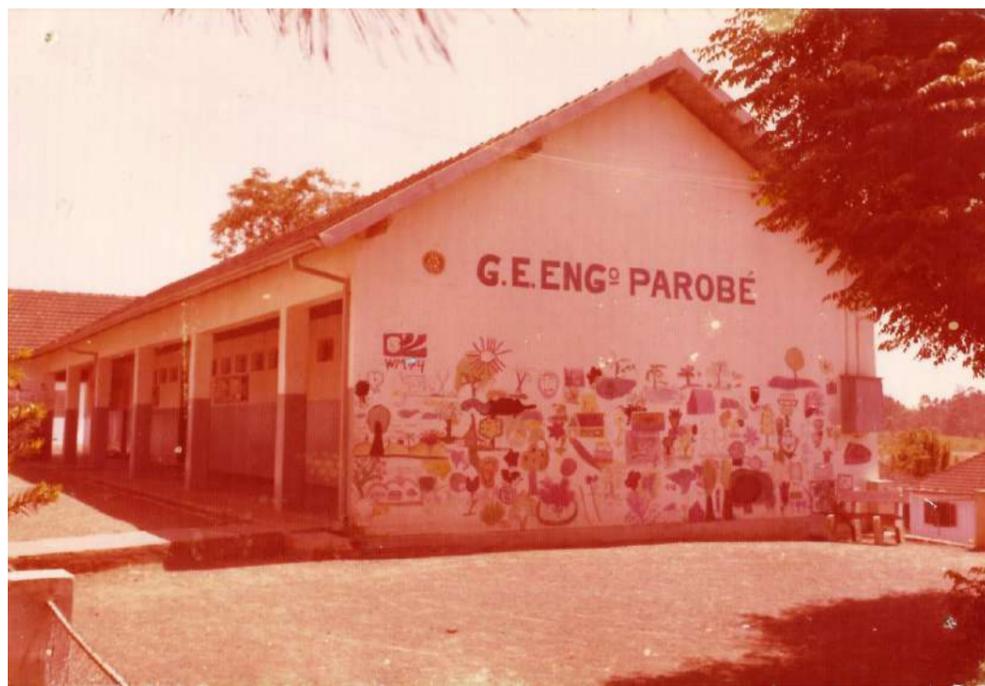
Na década de 1990, a escola passou por algumas dificuldades. A vice-diretora da época, Margarete Müller de Souza, relatou que, durante a década de 1980, pouco foi feito para o crescimento da escola. Problemas oriundos do espaço físico apertado e repleto de deficiências estruturais ocasionaram a falta de vagas, não sendo possível matricular todos os alunos. Entretanto, poucos anos depois, a escola viria a construir um prédio de dois andares, com espaço para biblioteca e refeitório, além de salas em ambos os andares.

Percebe-se que, entre as décadas de 1980 e 1990, a escola foi acompanhando o crescimento populacional da cidade, tanto em número de alunos quanto em sua estrutura. Novas salas foram construídas nesse período, destacando o prédio que atualmente recebe as turmas do Ensino Médio.

Em 17 de novembro de 2009, foi inaugurada uma nova quadra poliesportiva, em uma área construída de 600 metros quadrados, com recursos oriundos do governo estadual.

Atualmente, a escola possui 615 alunos, sendo 13 turmas de ensino médio, no turno da manhã; 9 turmas de ensino fundamental, na parte da tarde e, à noite, 7 turmas de ensino médio. O corpo docente compreende 49 professores e 7 funcionários.

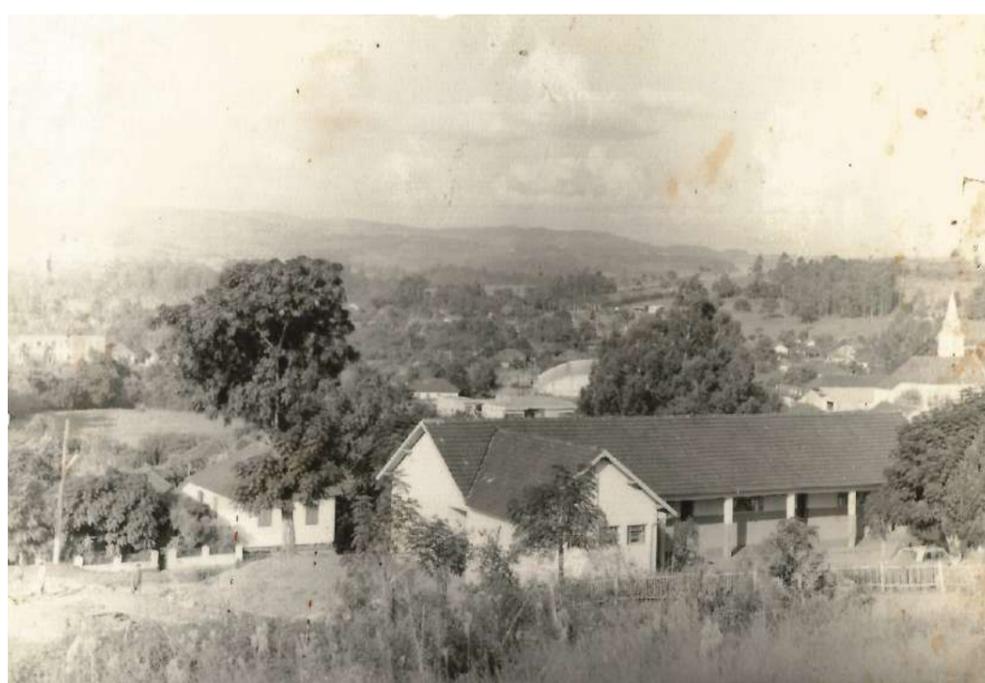
A Escola Estadual Engenheiro Parobé é uma referência na educação e tem formado gerações, contribuindo para o desenvolvimento socioeconômico do município de Parobé.



Ambiente escolar na década de 1970.
Fonte: Acervo da Escola Engenheiro Parobé.



Rampa de acesso à escola (década de 1970).
Fonte: Acervo da Escola Engenheiro Parobé.



Vista da parte de trás do terreno (década de 1970).
Fonte: Acervo da Escola Engenheiro Parobé.



Registros atuais das dependências da escola.
Fonte: Acervo pessoal de Maicon Luis Custódio Leite.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Denominação: Hospital São Francisco de Assis

Endereço: Rua José Theno Berlitz, n. 50

Meio: Urbano

Acesso: via estrada pavimentada

Data da fundação da Sociedade Beneficente de Parobé: 31.08.1982

Data da construção do Hospital São Francisco de Assis: 1985-1993

Proprietários: Sociedade Beneficente de Parobé

Uso atual (2022): Hospital São Francisco de Assis

Data do levantamento: novembro de 2021 e agosto de 2022

Pesquisadores: Paola Werlang de Souza

Élen Waschburger

Dalva Neraci Reinheimer

Fonte:

CORREIO DO POVO. **Inaugurada ampliação da emergência do Hospital São Francisco de Assis, em Parobé.** 09 nov. 2020. Disponível em:

<https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/cidades/inaugurada-amplia%C3%A7%C3%A3o-da-emerg%C3%Aancia-do-hospital-s%C3%A3o-francisco-de-assis-em-parob%C3%A9-1.517391>. Acesso em: 22 ago. 2022.

HOSPITAL SÃO FRANCISCO DE ASSIS. Disponível em:

<https://www.hospitalparobe.com.br/associacao-beneficente-de-parobe?item=historico>. Acesso em: 22 jun. 2022.

Panorama, Taquara, 31 jul. 1986, s/p.

Panorama, Taquara, 14 jul. 1989, p. 6.

Panorama, Taquara, 04 jul. 1993, p. 11.

Panorama, Taquara, 16 jul. 1993, p. 13.

Panorama, Taquara, 20 ago. 1993, p. 4.

Panorama, Taquara, 17 set. 1993, p. 11.

Panorama, Taquara, 24 set. 1993, p. 18.

PAROBÉ. Lei municipal n. 046/84, de 04 de maio de 1984.

Histórico:

O Hospital São Francisco de Assis é o resultado de esforços conjuntos da comunidade de Parobé; é parte da história da cidade e de seus habitantes e foi um marco para a cidade, pois foi o primeiro hospital.

Tudo começou no dia 09 de junho de 1982, quando cidadãos da cidade, inclusive médicos, fizeram uma reunião para falar sobre a saúde pública, já com a ideia de fundar um hospital para a população de Parobé que era atendida nas cidades vizinhas. Nessa reunião, ficaram acordados muitos passos para a realização do empreendimento, um deles foi criar a mantenedora, Sociedade Beneficente de Parobé, para posteriormente criar o Hospital São Francisco de Assis. Em 31 de agosto, foi eleita a primeira diretoria, assim formada: Presidente: Neucir J. Hartz; Vice: Aiser Hehn; 1ª Secretária: Maria Rejane Scheffel; 2ª Secretário: Airton C. Rech; 1º Tesoureiro: Larri E. Saft; 2º Tesoureiro: Edu J. Schuch.

Através da Lei Municipal 046/84, de 04/05/1984, ocorreu a permuta de áreas territoriais destinadas à construção do hospital. O próximo passo foi arrecadar fundos para dar início à obra, ação sem precedentes para o novo município. Convergir os esforços de empresários do setor calçadista que contribuiriam com 1% sobre o valor da folha de pagamento de suas empresas, enquanto os funcionários doaram, espontaneamente, 1% de seu salário. Toda a comunidade envolveu-se na promoção de rifas, festas e outras atividades. Em 13 de julho de 1985 ocorreu a solenidade de lançamento da pedra fundamental do Hospital. Com isso, as obras ocorreram de forma contínua desde 1985 a 1993.



Entrada do Hospital, na década de 1980.
Fonte: Acervo do Museu Municipal de Parobé.



Foto tirada no final da última reforma (2020).
Fonte: Hospital São Francisco de Assis.



Área antes da construção do Hospital (1985).
Fonte: Panorama, Taquara, 31 jul. 1986, s/p.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



A comunidade viu com satisfação a inauguração, em 1988, do bloco de Ambulatório e Administração do hospital; passou a ter atendimento ambulatorial e consultas em especialidades básicas, como pediatria, clínica geral, cardiologia, ginecologia e obstetrícia, além de serviços de diagnóstico e pequenos procedimentos cirúrgicos, bem como ambulância para remoção de pacientes.

Em decorrência da crise econômica que o Brasil enfrentava no final da década de 1980, a direção do Hospital deparou-se com dificuldades para continuar a construção e a própria manutenção do quadro de funcionários, sendo necessário a intervenção das empresas e a Prefeitura Municipal de Parobé assumiu o pagamento dos funcionários (Panorama, 1989).

Durante o processo de construção da obra, até a sua finalização, em 1993, a comunidade envolveu-se em vários segmentos, como o Grupo de Assistência Social da Comunidade Evangélica de Parobé, que providenciaram a confecção de todo o vestuário necessário ao berçário, setor de hotelaria, incluindo bloco cirúrgico. Em 11 setembro de 1993, ocorreu a inauguração oficial do Hospital, com a conclusão da segunda fase das obras, oferecendo atendimento na área de internação e o funcionamento do bloco cirúrgico, com atendimento em obstetrícia, traumatologia, fisioterapia, ecografia, entre outros serviços. Nessa época dispunha de 50 leitos equipados e áreas de apoio, como lavanderia e cozinha. Destaca-se que as verbas para a construção do hospital foi de 99,9 por cento da localidade, segundo Herbert Sipert, diretor administrativo do Hospital em reportagem ao Jornal Panorama (1993).

O atendimento assistencial no Hospital de Parobé, de 1988 a 1993, era em caráter particular e convênios com todas as empresas da cidade. A partir de 04/2005, o hospital credenciou-se parcialmente ao SUS, possibilitando atendimento a todos os munícipes nas áreas de obstetrícia. A casa de saúde sofreu algumas modificações e expansões. Em maio de 2007, foi inaugurado o 3º bloco de internação, construído no subsolo. Em 2009, o hospital reformou a ala de emergência, ampliando as salas e o número de leitos. Em 2013, o HSFA conquistou seu Certificado de Filantropia - CEBAS, um importante marco para sua história. Em 2014, iniciou um projeto de modernização de sua fachada, a recepção sofreu alterações e foi instalada uma cafeteria para acompanhante dos pacientes.

No ano de 2016 obras de ampliação tiveram início, inclusive com novo prédio, objetivando ampliar o número de leitos. Atualmente, a obra está em vias de conclusão. A mais recente modificação aconteceu em 2020: com a chegada do Covid-19, o hospital necessitou de uma expansão que foi possível graças a uma doação de US \$100 mil, realizada pelo Lions Club International Foundation (LCIF). A obra proporcionou o aumento da estrutura de atendimento, como as salas de espera, salas de observação, sala de emergência, sala de inalação, sala de isolamento e áreas de apoio.

Atualmente, a estrutura continua sendo usada como hospital, atendendo não só o município de Parobé, mas também pessoas de toda a região do Paranhana. Durante 10 anos, a administração do hospital foi transferida para a prefeitura de Parobé, mas, em 2016, ela voltou a ser da Associação Beneficente de Parobé.



Solenidade de lançamento da pedra fundamental.
Fonte: Panorama, Taquara, 31 jul. 1986, s/p.

Nasceu o primeiro bebê no Hospital de Parobé

O apelido "Chiquinho" foi uma forma carinhosa que os médicos e enfermeiras do Hospital São Francisco de Assis de Parobé arranjaram para o primeiro bebê nascido no estabelecimento. Guilherme Francisco Reis de Souza, nome escolhido pelos pais Maria do Carmo e João Eldir, nasceu através de uma cesariana na última terça-feira, pesando 2.650 quilos e medindo 47 centímetros. A cirurgia, que havia sido marcada previamente para a próxima segunda-feira, teve que ser antecipada às pressas, porque a mãe entrou em trabalho de parto.

Aos 30 anos, este é o segundo filho de Maria do Carmo. O primeiro, Jefferson, nasceu em Taquara e para este outro a família optou pelo São Francisco de Assis, devido à proximidade com a residência do casal, na vila Cohab.

Contando com a cobertura do plano de Azaléia, em cuja empresa trabalha o seu marido, Maria do Carmo estava feliz com o êxito do nascimento de seu filho. Ela



Maria do Carmo e "Chiquinho": inaugurando a maternidade

não esperava inaugurar a maternidade do hospital e enfatizou que se sentia muito segura e tranquila, devido ao bom atendimento e as excelentes instalações da casa. "Daqui para a frente, todo acompanhamento médico do meu filho vai ser aqui do São Francisco" - disse a mãe já contando com o fato de que "Chiquinho" será sempre um cliente especial do Hospital de Parobé. (AAB)

Primeiro nascimento: Guilherme Francisco Reis de Souza.
Fonte: Panorama, Taquara, 24 set. 1993, p. 18.



Voluntárias produzindo o vestuário para o Hospital.
Fonte: Panorama, Taquara, 04 jul. 1993, p. 11.

A primeira cirurgia

Quando Dalila Mosmann adentrou o Hospital São Francisco de Assis na manhã da última segunda-feira para resolver antigo problema de meniscos não imaginava que caberia a ela inaugurar o bloco cirúrgico do estabelecimento. Colaboradora de longo tempo do hospital, como integrante do setor de assistência da Igreja Católica de Parobé, ela pôde sentir pela primeira vez a emoção de usufruir de um sonho que ajudou a materializar.

A artroscopia realizada no joelho de Dalila foi um sucesso, a ponto de ela ter saído andando do hospital, algumas horas depois da intervenção cirúrgica. "Me senti como se estivesse em casa", disse ela, demonstrando alívio pelo fato de poder contar com um hospital tão bem aparelhado em sua própria cidade.

Com a experiência de quem já teve que se deslocar muitas vezes para outros municípios a fim de acompanhar uma internação ou tratamento médico, a parobense manifestou seu otimismo com relação ao hospital recém inaugurado. "Com o passar do tempo, não só o pessoal daqui vai utilizar o hospital, como certamente virá também gente de fora, devido às excepcionais condições de atendimento", preconizou. (AAB)



Primeira cirurgia: Dalila Mosmann.

Fonte: Panorama, Taquara, 17 set. 1993, p. 11.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Denominação: Prédio e loja Brocker

Endereço: Rua Dr. Legendre, n. 298

Meio: Urbano

Acesso: via estrada pavimentada

Data da construção: Início do século XX

Proprietários: 1º Jacob João Knack;
2º Bruno Brocker.

Data de inauguração da Loja Brocker: 1949

Uso atual (2022): Loja Brocker (fechada) e mais duas salas comerciais

Data do levantamento: março e abril de 2022

Pesquisadores: Maicon Luis Custódio Leite

Dalva Neraci Reinheimer

Andrea Helena Petry Rahmeier

Fonte:

FAMILY SEARCH. **Brasil, Rio Grande do Sul, Registro Civil, 1860-2006.**

Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/1:1:81BK-ZM6Z>.

Acesso em: 12 abr. 2022.

GONÇALVES, Dário. **Loja Brocker:** Comércio mais antigo de Parobé viu a cidade surgir. Parobé, 30 abril. 2019. Disponível em:

<https://dariogoncalves.wordpress.com/2019/04/30/loja-brocker-comercio-mais-antigo-de-parobe-viu-a-cidade-surgir>. Acesso em: 25 abr. 2022.

MOSMANN, Ligia. **Uma Fazenda, um sobrado, uma estação...** Parobé uma história a ser contada! Parobé: s.ed, 1999.

TCA NEWS. **Loja Brocker:** Câmara de Parobé homenageia comerciante Bruno Brocker. Parobé, 27 jun. 2017. Disponível em:

<https://www.tca.com.br/news/camara-de-parobe-homenageia-comerciante-bruno-brocker>. Acesso em: 25 abr. 2022.

Depoimentos:

Remi Luciano Brocker concedido à Maicon Luis Custódio Leite, em abril de 2022.

Histórico:

Entre 1900 e 1920 foram construídos prédios comerciais (desde comércios de secos e molhados até pensões para receber os viajantes, onde eram servidas refeições) e casas históricas entre as Ruas João Mosmann e Dr. Legendre no centro de Parobé. Entre os estabelecimentos desta época surgiram a casa comercial de Albino Schäfer, o salão de Cristiano Dienstmann e o pequeno hotel Germano Correa. O hotel tinha várias utilidades, e recebia pessoas de várias localidades, devido a movimentação do trem.

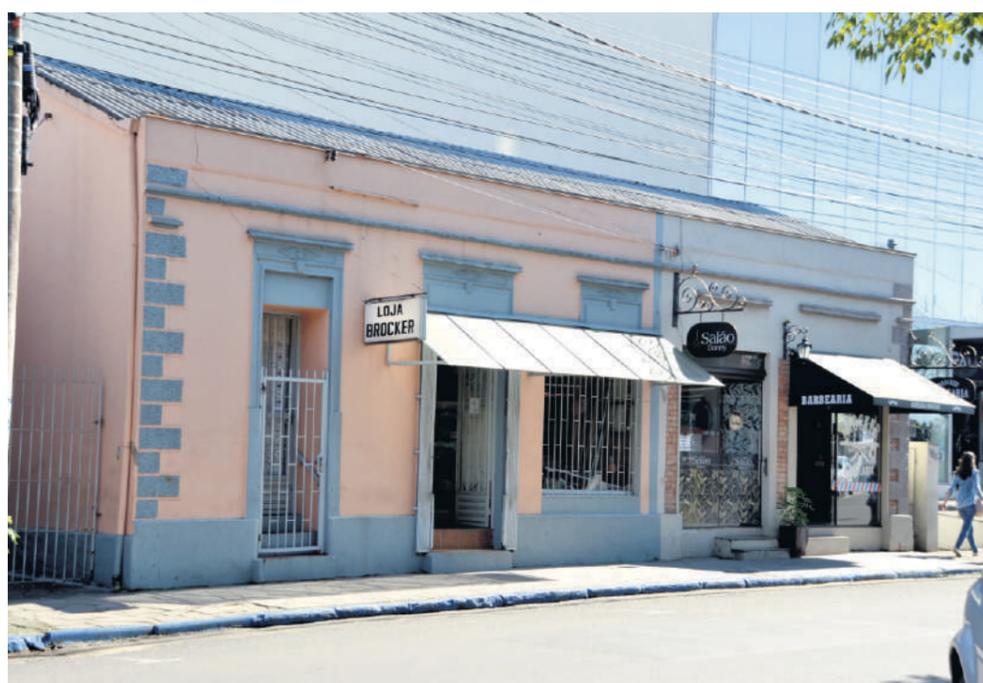
Em 1906 surgiam novas construções, e aos poucos o contorno atual do centro tomava forma, criando o núcleo central do povoado. Ainda em 1906 foi criado o Cartório de Registro Civil, tendo como escrivão João Mosmann, seguido pelo seu filho Moisés de Souza Pires Mosmann, que morava na Rua Dr. Legendre. Dois anos depois o Intendente Diniz Martins Rangel assinava o ato nº 110.05.03, dando a atual Parobé o título de Distrito de Taquara. No centro disso estava o prédio que sediou a Loja Brocker. Embora não seja possível identificar o ano de sua construção, percebe-se que seu estilo e estrutura seguiam os padrões daquele início de século. Antes, o sapateiro Jacob João Knack montou nesta casa uma pequena fábrica de calçados em 1937, em sociedade com Cristiano Dienstmann, produzindo inclusive sapatos com a marca Elcita, nome da filha de Cristiano. Esta fabriquetinha tinha como sócios Lothar Fauth, Arthur Lehnen, Edgar Ritter e Bertholdo Feller.



Rua Dr. Legendre, em destaque a edificação Brocker (1931).
Fonte: Acervo de História Regional (Faccat).



Fachada frontal da edificação (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Maicon Luis Custódio Leite.



Fachada da edificação (2019).
Fonte: Dário Gonçalves.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Bruno Brocker, fundou a loja em 1949. Este comerciante nasceu em 10 de setembro de 1921, e era filho de Pedro Theodoro Brocker (1883-1968) e Frederica Sauer (1892-1965), casal oriundo de Três Coroas. Com 14 anos de idade começou a trabalhar na loja de secos e molhados de Artuino Arsand e Theóphilo Sauer, o que lhe deu experiência no comércio. Casou-se com Celita Dienstmann em 06 de abril de 1946. Celita era filha de Alfredo Dienstmann e Selma Hans, e nasceu em 22 de fevereiro de 1923. O casal teve três filhos: Paulo, Ernani e Remi.

No início, Bruno tinha sociedade com Theóphilo Sauer e foi somente em 1954, com a escritura do prédio em seu nome é que a Loja Brocker viria a ser um empreendimento próprio. Bruno cuidava de todos os procedimentos da loja, desde a compra dos produtos até a venda aos clientes. A loja surgiu do desejo de ter um negócio próprio, virando referência ao comercializar aviamentos, tecidos e plástico em metro, além de outros produtos para corte e costura. Com o tempo, houve a necessidade em contratar funcionários para lhe auxiliar, e dentre as pessoas que por lá passaram, estão Luciane Feiten, Tatiane Alves e Diane Erthal. Brocker foi figura marcante, praticamente viu nascer o centro da cidade. Foram 71 anos até 2022 de atividades ininterruptas de atendimento à comunidade, tornando a Loja Brocker a casa de comércio mais antiga da cidade. O proprietário sempre buscava novidades em tecidos para as costureiras e alfaiates e mantinha um bom sortimento de produtos.

No dia 21 de junho de 2007 Brocker foi homenageado em sessão solene na Câmara de Vereadores de Parobé, com a presença de amigos e familiares. A iniciativa da homenagem partiu do comerciante Valdir dos Santos, que fez a sugestão ao vereador Cláudio Silva (PT). Bruno Brocker faleceu em agosto de 2020, deixando um legado de empreendedorismo para a cidade. O prédio ainda pertence à família e além da Loja Brocker abriga um salão de beleza e um outro ponto comercial.

No decorrer das décadas, a loja Brocker passou a ocupar um espaço menor, possibilitando que fosse dividido o prédio e assim diversos outros estabelecimentos comerciais estiveram lado a lado com a loja Brocker.

Descrição:

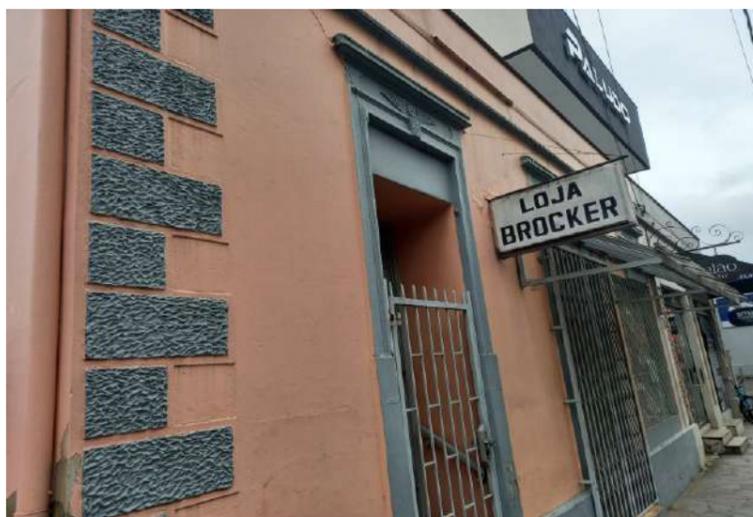
Os aspectos da construção original são de ter uma fachada simples e simétrica. O telhado é de 2 águas oculto na parte frontal pela eira. As aberturas frontais possuem contornos, acima destas se posiciona uma frisa. Em função da casa, hoje comporta dois estabelecimentos comerciais, as aberturas atuais são em vidro e gradil. A fachada apresenta duas cores distintas. As portas principais também são diferentes das originais.



Interior da loja (2019).
Fonte: Dário Gonçalves.



Sr. Bruno Brocker (2019).
Fonte: Dário Gonçalves.



Loja Brocker, atualmente fechada (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Maicon Luis Custódio Leite.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Denominação: Mosmann Alimentos

Endereço: ERS 239, n. 5701 - Funil

Meio: Urbano

Acesso: via rodovia pavimentada

Data da construção: 1º prédio - 1945;

2º prédio - 1998.

Proprietários: 1º Edésio Mosmann, Paulo César Mosmann e Luiz Mosmann;

2º Laerte Luís Mosmann e Paulo César Mosmann.

Uso atual (2022): Sede da Mosmann Alimentos

Data do levantamento: janeiro de 2022

Pesquisadores: Maicon Luis Custódio Leite

Dalva Neraci Reinheimer

Élen Waschburger

Fonte:

MOSMANN, Ligia. **Uma Fazenda, um sobrado, uma estação...** Parobé uma história a ser contada! Parobé: s.ed, 1999.

MOSMANN ALIMENTOS. Disponível em:

<http://www.mosmannalimentos.com.br>. Acesso em: 15 jan. 2022.

Depoimentos:

Ligia Mosmann concedido à Maicon Luis Custódio Leite, em janeiro de 2022.

Histórico:

Maior empresa no setor alimentício da cidade, a Mosmann Alimentos, inicialmente Pastifício Mosmann, foi fundada em 1º de maio de 1945. Atualmente, é uma das empresas mais antigas em atividade, no município. O ano de sua fundação ficou marcado pelo término da Segunda Guerra Mundial, e o mundo todo, até mesmo nossa região, sofria com todas as dificuldades causadas pelo conflito. Naqueles primeiros dias de produção, tudo era novidade para Edésio Mosmann, seu fundador. Nascido em 8 de abril de 1915 e falecido em 7 de maio de 1992, Edésio era filho de Eduardo Pires de Souza Mosmann (1884–1972) e Helena Virgília Lehn (1890–1986), e neto de João Mosmann (1846–1946) e Rita Pires de Souza (1860–1935). Ou seja, já vinha de uma família conhecida pela sua experiência no campo, com produção agrícola que incluía cereais.

A primeira sede da empresa localizava-se na Rua João Correa, em prédio construído entre 1900/1920, que pertencia a Alvício Scheffel, sogro de Theóphilo Sauer (prefeito de Taquara entre 1952/1955). Nessa época, foi apoiado por seu pai, Eduardo Pires de Souza Mosmann e, posteriormente, teve como sócios seus irmãos, Paulo César Mosmann e Luiz Mosmann.

No início, a farinha tinha que ser peneirada, pois colocavam balas e outras coisas para dar peso nos sacos. O trigo era importado e caro. Tudo isso no pós-guerra, em 1945/1946. Edésio percorria diversos moinhos e atafonas da região em busca de farinha que, na época, era muito difícil de conseguir. Entretanto, o mais difícil, para Edésio, era a falta de experiência e prática na fabricação, já que antes teve uma sociedade em uma serraria. Para auxiliar, contratou um técnico que entendia da produção de massas, mas, ele, nos primeiros dias, desentendeu-se com Edésio e se demitiu.

Conta-se que fizeram uma pequena quantidade de massa e colocaram para secar, com medo de perder tudo se fizessem uma quantidade maior. Edésio ouviu o ruído do secador quase vazio e foi falar



Sede da Mosmann, na rua João Corrêa, por volta da década de 1970 - É o segundo prédio da dir. p/ esq.

Fonte: Acervo de História Regional (FACCAT)



Sede na RS-239 (2013).

Fonte: Paulo RS Menezes.



Complexo industrial da Mosmann Alimentos, na rua Dr. Legendre (década de 1970).

Fonte: Acervo de História Regional (Faccat).



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



com o empregado. Disse que perderiam toda a produção, pois ouviu que o secador estava vazio. Então, no outro dia, com o secador cheio, deu tudo certo.

Com o decorrer do tempo, passaram a contratar mais, chegando a ter dez funcionários que trabalhavam na fábrica e na venda de produtos. Paulo Mosmann controlava a produção e Luiz Mosmann encarregava-se das vendas, enquanto Edésio incumbia-se da área administrativa e financeira.

Houve vários problemas que foram sendo superados. Um deles foi a aquisição de matérias-primas que vinham de trem e eram carregadas em carretas de bois até a fábrica. A produção de aproximadamente 300 kg por dia era embalada em barricas de madeira. No setor de vendas, as dificuldades não eram diferentes. O trem era o meio de locomoção mais eficaz para o transporte quando se vendia para cidades mais distantes; para cidades mais próximas, o transporte era feito com uma camionete Ford modelo 1939. Para Taquara, levava-se de carreta de bois e, para estabelecimentos de Parobé, levava-se de carrinho de mão.

Com o encerramento da linha ferroviária em 1964, foi necessário um meio de transporte próprio para suprir a necessidade de deslocamento. Na década de 1960, a empresa adquiriu uma frota própria, facilitando, assim, o escoamento da produção. Com seus funcionários, utilizando um uniforme marrom, era comum vê-los percorrendo as cidades para a entrega de produtos, algo que ficou na memória da população mais antiga.

Em 1989, quando a empresa completava seus 44 anos de fundação, houve um desentendimento familiar, e Edésio deixou a sociedade.

Em dezembro de 1998, passados seis anos do falecimento de Edésio, seu fundador, a empresa inaugurou o novo complexo industrial, com modernos equipamentos e tecnologia de ponta, onde produtos e serviços foram aprimorados, ampliando a capacidade de produção. Localizada na RS-239, a fábrica trouxe para a região muitos empregos. Atualmente, possui cerca de 200 funcionários internos, acrescidos de 60 funcionários externos, dedicados às vendas.

Ainda hoje, é muito comum as pessoas comentarem sobre o cheiro de bolacha que se espalhava pelo centro quando a sede ficava na Rua João Correa. Era muito comum sair da escola Engenheiro Parobé, descer a rua e pedir bolachas na janela da fábrica, fato relatado por muitos, inclusive Maicon Leite, um dos autores deste texto.

Atualmente, a fábrica mantém a loja em um espaço do antigo complexo, na Rua Dr. Legendre, onde vende seus inúmeros produtos, como massas, bolachas, sopas e marmitas. Há opções para produtos sem lactose, sem glúten e sem ovos, bem como produtos integrais. Um dos últimos lançamentos é uma linha de massas infantil, com temática de dinossauros e unicórnios.



Frota na Rua João Corrêa, logo abaixo da sede, provavelmente, entre 1960/1970.
Fonte: Acervo pessoal de José Guilherme Mosmann.



Vendedores e mecânicos posando em frente à frota, na Praça 1º de Maio (final da década de 1970).
Fonte: Acervo pessoal de José Guilherme Mosmann.



Sede na RS-239 (2015).
Fonte: Mosmann Alimentos.



Entrada da sede. A casinha, à direita, representa a marca da empresa, tendo a função de loja e portaria (2019).
Fonte: Google Maps.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Denominação: Museu Histórico de Parobé

Endereço: Praça 1º de Maio

Meio: Urbano

Data da construção: 1903

Proprietários: 1º RFFSA (Rede Ferroviária Federal S/A);

2º Prefeitura Municipal de Taquara;

3º Prefeitura Municipal de Parobé.

Uso atual (2022): Museu Histórico de Parobé

Data do levantamento: novembro e dezembro de 2021

Pesquisadores: Maicon Luis Custódio Leite

Dalva Neraci Reinheimer

Andrea Helena Petry Rahmeier

Fonte:

MOSMANN, Lígia. **Uma Fazenda, Um Sobrado, A Estação...** Parobé, Uma História a Ser Contada. Parobé: s. ed., 1999.

IPHAE - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado.

Patrimônio Ferroviário no Rio Grande do Sul: Inventário das Estações 1874 - 1959. Porto Alegre: Palotti, 2002.

MOEHLECKE, Germano Oscar. **Estrada de Ferro:** Contribuição para a história da primeira ferrovia do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Rotermond, 2004.

Estações Ferroviárias do Brasil. Disponível em:

http://www.estacoesferroviarias.com.br/rs_linhaspoa/parobe.htm. Acesso em: 11 dez. 2021.

Depoimentos:

Leila Gil e Jorge Luís Stocker concedidos à Maicon Luis Custódio Leite, em dezembro de 2021.

Histórico:

O prédio foi inaugurado em 1903 e serviu de Estação para a linha férrea. Na época, recebeu o nome de Estação Parobé (para mais informações, veja a ficha da Linha Férrea). Na década de 1970, a Prefeitura de Taquara comprou-o da Rede Ferroviária Federal SA (RFFSA). No final da década de 1960 até 1980, aproximadamente, ele sediou uma extensão do Grupo Escolar Parobé, atendendo às 1ª e 2ª séries. Havia uma copa e uma sala de aula.

Em 1982, com a criação do município de Parobé, o prédio passou a pertencer à nova cidade. Em 9 de março do mesmo ano, tornou-se um posto de Serviços da Caixa Econômica Federal, em seguida, um Posto Avançado de Serviços de Taquara que funcionou até setembro de 1985.

Na década de 1990, foi sede da Biblioteca Municipal Érico Veríssimo.

Em 2002, o prédio passou a ser utilizado como museu. Existem relatos importantes sobre a situação do prédio. Jorge Luís Stocker informou que estava desocupado e abandonado até cerca de 2005, tendo sido muito descaracterizado durante os anos. Em 2006, nele, entretanto, já funcionava o museu. Foi nesse período que o prédio foi reformado e recolocadas as antigas janelas de madeira.

Em 2009, ele ficou novamente desocupado e a revista Atafona destacou o abandono, a necessidade de uma reforma urgente, bem como, relatou sobre as constantes inundações ocorridas naquele ano que deterioraram parte do seu assoalho.

A partir de 2014, com iniciativas dos moradores da cidade, o prédio passou por reformas e abrigou novamente o Museu Histórico de Parobé que continua nesse local até os dias atuais.



Estação de Trem (1903).

Fonte: Acervo de História Regional (Faccat).



Museu Histórico de Parobé (dez/2021).

Fonte: Acervo pessoal de Maicon Luis Custódio Leite.



Posto da Caixa Econômica Federal (década de 1980).

Fonte: Revista Atafona.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Assim, após anos de indefinição e com o acervo guardado em outro local, o museu foi reativado, em 2015, no prédio que representa uma significativa parte da história de Parobé. Para que isso se concretizasse, contou com o apoio de diversas empresas para a restauração do local e instalação do acervo. O processo teve início em 2014, quando foi realizado um jantar com a ajuda do Rotary Club, ao qual compareceram as empresas que auxiliaram na reforma do prédio. O 1º Jantar Cultural contou com as participações do CTG Sangue Nativo e Academia Corpo Ativo, que apresentaram danças, assim como o Coral da Sociedade Cultural Recreativa Parobé com sua apresentação de canto.

Em novembro de 2021, foi criada a Associação dos Amigos do Museu Histórico de Parobé, com a intenção de angariar fundos e promover melhorias para o museu, bem como atividades culturais. Com a definição de seu estatuto, foi realizada a escolha de sua equipe, formada por:

Presidente: Maicon Luis Custódio Leite;

Vice-Presidente: Vanderlei Scherer;

1º Tesoureiro: Neiton Becker;

2º Tesoureiro: Eloisa Elena da Silva;

1º Secretária: Carolina Eitelwein;

2º Secretária: Patrícia Mallmann;

Conselho Fiscal: Ana Lúcia Holmer Bauer Schweitzer, Christiane Araújo da Silva e Cléa Koch;

Suplentes: Dailor Eloy Schweitzer e Marildo Zanini.

Descrição:

Prédio de alvenaria de pequeno porte, com características próprias das estações ferroviárias do Rio Grande do Sul no início do século XX. O prédio foi bastante descaracterizado no decorrer dos anos, com acréscimos na parte posterior e na cobertura sobre a antiga plataforma (que foi retirada com a desativação da estação). Com o aterramento da Praça 1º de Maio ao longo dos anos, o prédio ficou em uma parte rebaixada. Sua pintura também foi adulterada durante as últimas décadas.



Flávia Maria Brito (à direita), Sec. de Educação de Parobé (década de 1990).
Fonte: Acervo de História Regional (Faccat).



O prédio em 2014.
Fonte: Acervo pessoal de Élen Waschburger.



Associação dos Amigos do Museu Histórico (dez/2021).
Fonte: Acervo pessoal de Leila Gil.



Interior do Museu Histórico (dez/2021).
Fonte: Acervo pessoal de Maicon Luis Custódio Leite.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Denominação: Pórtico e letreiro de Parobé

Endereço: Pórtico: Entrada da cidade – km 42 da RS 239

Letreiro: RS 239, entroncamento com a avenida Artuino Arsand

Meio: Urbano

Acesso: via estrada pavimentada

Data da fundação: Pórtico – 2008 / Letreiro - 2019

Proprietários: Município de Parobé

Uso atual (2022): Identificação visual e estética da cidade

Data do levantamento: maio de 2022

Pesquisadores: Ari Verton de Paula Schoenardie

Lidiane de Lima Schoenardie

Dalva Neraci Reinheimer

Fonte:

JORNAL REPERCUSSÃO PARANHANA. **Instalado em Parobé letreiro com o nome da cidade.** 2019. Disponível em:

<https://repercussaoparanhana.com/geral/instalado-em-parobe-letreiro-com-o-nome-da-cidade>. Acesso em: 16 maio 2022.

LINDEN, Vinicius. **Pórtico de entrada de Parobé foi revitalizado.** 2017.

Disponível em: <https://www.radiotaquara.com.br/novo/portico-de-entrada-de-parobe-foi-revitalizado/>. Acesso em: 15 maio 2022.

MORAES, Lilian. **Parobé tem nome inspirado em figura importante na história do Rio Grande do Sul.** 2020. Disponível em:

<https://repercussaoparanhana.com/educacao/parobe-tem-nome-inspirado-em-figura-importante-na-historia-do-rio-grande-do-sul>. Acesso em: 15 maio 2022.

Panorama, Taquara, 7 nov. 2008, p. 10.

REINHEIMER, Dalva N. **A navegação fluvial na República Velha Gaúcha.**

São Leopoldo: Oikos, 2010.

Histórico:

O Pórtico de acesso à cidade de Parobé teve sua construção/instalação iniciada no final de maio de 2008 - na gestão da prefeita Gilda Kirsch - e sua inauguração, em novembro do mesmo ano. A obra, localizada no km 42 da rodovia RS 239, é feita em metal.

De acordo com o arquiteto responsável, Matheus Oliveira, o monumento foi concebido em homenagem ao engenheiro João José Pereira Parobé, secretário de Obras Públicas do Rio Grande do Sul, em 1890, e incentivador do crescimento das linhas férreas no estado, bem como o personagem que deu nome à cidade.

O monumento representa a chegada da linha férrea e a instalação da Estação no então distrito. O conjunto apresenta: a escultura de uma locomotiva do início do século XX, como base, no chão, e os trilhos, em curva ascendente, em sequência. O trem simboliza a modernidade e a velocidade. Os trilhos significam o avanço em direção ao futuro.

Reinheimer (2010) explica que, em 1903, quando o trem chegou a Taquara à Estação Parobé, havia um intenso movimento de políticos para receber essa via. O engenheiro Parobé, que era responsável pela pasta das obras no governo do Presidente do Estado, Borges de Medeiros, atuou para colocar em prática o Plano de viação. Nos anos de 1900, o transporte era feito ou por via fluvial ou com carroças e charretes, o trem, portanto, representava uma enorme modernidade. Nosso país todo estava adotando esse tipo de transporte, então, representava o progresso. Para o Rio Grande do Sul, o estado mais ao sul do país, a situação era mais complicada. Por isso foi muito exaltada a chegada do transporte férreo e todos apostavam no desenvolvimento da região a partir dessa grande melhoria.

Com o passar dos anos, o Pórtico foi sofrendo uma degradação natural e, em 2017, foi realizada a revitalização na sua estrutura com a recuperação de algumas letras que haviam caído, bem como a pintura no trem de metal que compõe a obra.

O Letreiro com o nome da cidade, executado pela empresa Metalpar Indústria Metalúrgica, foi instalado, em 19 de julho de 2019, no mandato de Irton Feller. Alicerçadas em uma viga de concreto armado, as letras que formam o nome do município possuem múltiplas cores que simbolizam a colonização da cidade por pessoas de várias regiões do estado e do país.

O Pórtico e o Letreiro também dão as boas-vindas aos visitantes e aos próprios moradores que estão chegando pela RS 239 e caracterizam o local da cidade em sua territorialidade. Ambos podem ser vistos como um convite para todos conhecerem a história, a acolhida e as belezas da Parobé.



Pórtico na entrada da cidade (2020).

Fonte: Lilian Moraes.



Letreiro instalado no acesso à cidade (2019).

Fonte: Jornal Repercussão.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Denominação: Prefeitura Municipal de Parobé

Endereço: Av. João Mosmann Filho, n. 143

Meio: Urbano

Acesso: via estrada pavimentada

Data da construção da sede atual: 1987/1989

Uso atual (2022): Prefeitura Municipal de Parobé

Data do levantamento: novembro de 2021 a abril de 2022

Pesquisadores: Maicon Luis Custódio Leite

Élen Waschburger

Dalva Neraci Reinheimer

Fonte:

Jornal do Comércio, Porto Alegre, 08 dez. 1987, s/p.

Panorama, Taquara, 12 ago. 1987, s/p.

Panorama, Taquara, 17 nov. 1989, p. 4.

Panorama, Taquara, 28 set. 1990, p. 4.

CAMARA DE VEREADORES DE PAROBÉ. **Projeto de Lei n. 008/2020.** Denomina o Centro Administrativo de José Alexandre Haack. Parobé, 10 de março de 2020. Disponível em: https://www.parobe.rs.leg.br/processo-legislativo/sesoes-1/sesoes-plenarias-2020/sesoes-ordinarias/copy21_of_sessao-ordinaria-22-05-2018/ordem-do-dia/projeto-de-lei-no-008-2020-denomina-o-centro-administrativo-de-jose-alexandre-haack-1.doc/view. Acesso em: 26 nov. 2021.

TRILHANDO A HISTÓRIA DE PAROBÉ. Facebook: HistoriadeParobe.

Primeiro prédio de Parobé, 04 maio 2021. Disponível em:

<https://www.facebook.com/HistoriadeParobe/photos/a.149995442445600/932055404239596>. Acesso em: 26 nov. 2022.

Depoimentos:

Érico Eduardo Haack, Irton Bertoldo Feller, Aiser Hehn, Lindemar Valdir Hartz e Luiz Alberto de Souza concedidos à Maicon Luis Custódio Leite, em novembro e dezembro de 2021.

Sede provisória da Prefeitura Municipal:

Em 1982, Parobé emancipou-se e elegeu prefeito e vereadores para sua primeira gestão. Entretanto, não havia uma sede própria para a Prefeitura, tampouco para a Câmara de vereadores. A solução, temporária, foi alugar um espaço no recém-construído prédio de Ademir Bonenberger, localizado na borda da Praça 1º de Maio, em frente à Igreja Católica. Foi nesse prédio, o primeiro de Parobé, que o prefeito José Alexandre Haack e os vereadores administraram a cidade, até 1989, quando a nova administração tomou posse e o prédio próprio da Prefeitura foi inaugurado.

A construção da sede atual:

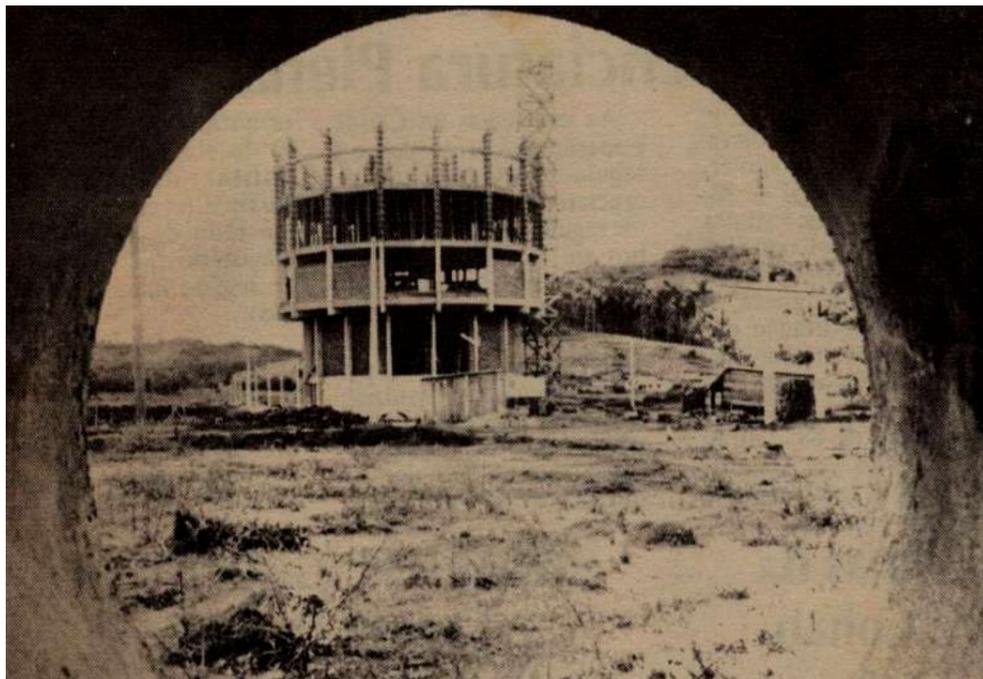
Durante a primeira gestão (1983/1988), o prédio que viria a abrigar a atual sede da Prefeitura começou a ser construído, pela Construtora Dietrich, de Taquara.

Érico Eduardo Haack, filho do então prefeito, José Alexandre Haack, estudante de Arquitetura e Urbanismo, foi quem deu a ideia de construí-lo em formato redondo, seguindo a própria estruturação das vias urbanas do entorno. Ele foi construído em terreno cedido por João Mosmann Filho, através de seus herdeiros, como parte do projeto de loteamento que ali se iniciava. Na época, houve manifestações contrárias da população em relação ao formato do prédio.



Foto aérea (2020).

Fonte: Assessoria de Imprensa/Prefeitura Municipal de Parobé.



Nova sede em construção (1987).

Fonte: Jornal do Comércio, Porto Alegre, 08 dez. 1987, s/p.



Prédio da primeira sede da Prefeitura (Início da década de 1980).

Fonte: Acervo do Museu de Parobé (Colorizada digitalmente por Maicon Leite).



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Há relatos de que as justificativas dos contrários eram que seria um prédio ruim para dividir; as salas poderiam ser desconfortáveis ou mesmo difíceis para mobiliar. Também pensavam na perda de espaço que um prédio assim determinaria. Mas eram opiniões de leigos.

As etapas da construção foram noticiadas na imprensa, como o Jornal do Comércio destacando, em sua edição nº 138, de 08/12/1987, que o cronograma pré-estabelecido para a construção estava dentro do prazo e que: “Até o momento já estão concluídos os pilares, vigas, laje, escada, instalação elétrica e instalação hidrossanitária do quarto pavimento” (Jornal do Comércio, 08 dez. 1987). A matéria ainda informava que o prédio teria seis pisos e que o término da construção já tinha data prevista: outubro de 1988. Por fim, o jornal ainda dizia que ele abrigaria todas as Secretarias e Departamentos da administração e um auditório para realização de reuniões e demais atividades.

Segundo o Panorama, o prédio começou a ser utilizado pela administração em 16 nov. 1989 (17 nov. 1989) porém, a inauguração oficial ocorreu apenas em 22 de setembro de 1990, com a presença do senhor Sinval Sebastião Guazelli, governador do Rio Grande Sul (PANORAMA, 28 set. 1990, p. 4). Feller contou em seu depoimento que, quando assumiu a gestão (1988), o prédio ainda não havia sido finalizado, faltando, inclusive, a instalação do elevador e de outros itens. A intenção do prefeito José Alexandre Haack era de construir o prédio, mesmo que sua inauguração fosse realizada pela próxima gestão.

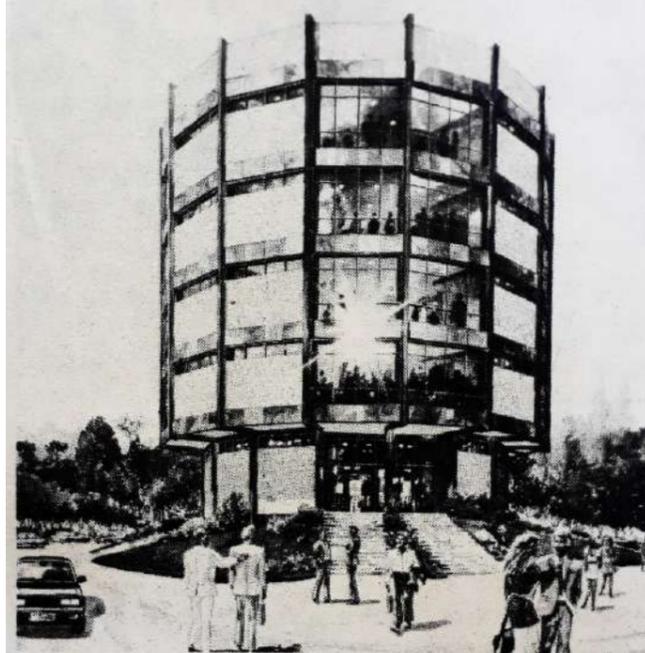
Segundo o ex-vice-prefeito, Lindemar Valdir Hartz, na gestão em que atuou (entre 1996 e 2000), as divisórias estavam razoavelmente conservadas, inclusive o prédio, sendo que a única alteração realizada foi a retirada das placas decorativas externas que começaram a descolar e cair. Informou, ainda, que as placas deixavam a fachada do prédio bem mais bonita, porém, com as quedas, essa alteração foi necessária. As repartições das salas não são uniformes, sendo algumas salas menores que outras, dependendo de sua utilidade. Não há um padrão definido para cada sala.

A denominação atual do prédio:

No projeto de lei nº 008.2020, assinado em 10 de março de 2020, a então prefeita interina, Maria Eliane Nunes, declarou que o prédio da Prefeitura denomina-se Centro Administrativo Municipal José Alexandre Haack. No documento, consta: “O presente Projeto de Lei Legislativo tem por finalidade denominar o prédio público, onde estão instalados o Poder Executivo Municipal e Secretarias Municipais com suas estruturas governamentais e administrativas. Reconhecidamente e denominada Prefeitura Municipal, entende-se que o prédio público é, e assim é chamado popularmente, no entanto, prefeitura municipal, é a sede do Poder Executivo do município e este está instalado em um prédio público, o qual até o presente momento não tem denominação, para o que este projeto de lei denominará Centro Administrativo Municipal José Alexandre Haack. A presente denominação, com o nome de José Alexandre Haack, significa reconhecer e homenagear, ilustre cidadão parobeense que teve uma vida pública e social ativa e com reconhecimento das entidades, cidade onde serviu como primeiro Prefeito, entre outros tantos que não é possível aqui nominar, porém, esta homenagem representa todas as forças vivas do município”.

A Prefeitura representa o momento de emancipação de Parobé, sendo um prédio contemporâneo que identifica o mais jovem município do Vale do Paranhana. Corresponde a uma importante etapa do desenvolvimento econômico e político da cidade e pode ser apontado como um símbolo na história recente e futura.

Iniciadas as obras da nova prefeitura de Parobé



Já está em construção o futuro prédio da Prefeitura Municipal de Parobé. Conforme mostra o desenho-perspectiva, serão cinco pisos, totalizando 1.500 metros quadrados, para centralizar todas as secretarias e departamentos da administração municipal, mais um auditório com capacidade para 150 pessoas. A obra está sendo executada numa área de 3.000 metros quadrados no Central Park, em Parobé, com previsão de término no final do próximo ano.

Reportagem com o projeto de construção da nova sede da prefeitura.

Fonte: Panorama, Taquara, 12 ago. 1987.

Descrição:

Estilo moderno, com formato redondo, possui seis andares, com salas divididas por divisórias; possui elevador, escadaria e auditório. O pavimento térreo apresenta um recuo em relação aos outros 5 andares. O estacionamento situa-se ao redor do prédio, que é cercado por uma calçada com um pequeno jardim com gramado; há, também, duas escadarias de acesso com 20 degraus. Na entrada, há 3 mastros para bandeiras. No total, o prédio possui 1503,25 m².



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Denominação: Sociedade Cultural e Recreativa de Parobé

Endereço: Rua Fernando Saft, n. 132

Meio: Urbano

Acesso: via estrada pavimentada

Data da construção: final da década de 1960

Proprietários: Sociedade Cultural e Recreativa de Parobé

Uso atual (2022): Eventos, esportes e academia

Data do levantamento: janeiro de 2022

Pesquisadores: Maicon Luis Custódio Leite

Élen Waschburger

Dalva Neraci Reinheimer

Fonte:

MOSMANN, Ligia. **Uma Fazenda, um sobrado, uma estação...** Parobé uma história a ser contada! Parobé: s.ed, 1999.

Panorama, Taquara, 15 jun. 1990, p. 7.

Panorama, Taquara, 07 jun. 1991, p. 17.

Panorama, Taquara, 15 mar. 1996, capa.

Panorama, Taquara, 22 mar. 1996, p. 18.

Panorama, Taquara, 27 set. 1996, p. 17.

Histórico:

A Sociedade Cultural e Recreativa de Parobé é o clube social da cidade com mais longevidade, já que, anteriormente, havia sido criado o Clube Social Divertidos, fundado em 1925, que teve pouca duração. Inicialmente, as festas promovidas pela Sociedade Parobé eram realizadas em salões da cidade e em casas de família. Havia uma discussão quanto ao local onde seria construída a sede da Sociedade: uma parte gostaria de construí-la em frente à Igreja Evangélica de Confissão Luterana, e a outra parte, a que venceu a discussão, queria que fosse no local onde foi realmente construída, em terreno de propriedade de Celso Mosmann.

A Sociedade Cultural e Recreativa de Parobé foi fundada em 9 de abril de 1956, tendo como sede o Salão de Cristiano Dienstmann, na Rua Dr. Legendre. No final da década de 1960, todos sentiram a necessidade de uma sede própria que foi construída na Rua Fernando Saft, em um prédio de madeira. O prédio de alvenaria viria a ser construído anos depois, sendo inaugurado no final da década de 1960 com um grande baile. O ato inaugural contou com a presença do prefeito de Taquara na época, Juca Lehnen, e do presidente do clube, Ady Sohne.

O primeiro presidente da Sociedade foi Nilo Carlito Koetz, ex-sócio da fábrica Calçados Brenner Koetz Cia. Ltda.. Grande fã de bolão, integrou o grupo Lobisomem, um dos grupos do quadro de bolão da sociedade. O grupo reunia-se todas as sextas-feiras à noite, para praticar o esporte tão apreciado na época, em cidades de colonização alemã. O sr. Carlito assumiu a presidência novamente, entre 1961 e 1962.

A finalidade da Sociedade era promover eventos sociais, como bailes, festas, reuniões, jogos e torneios de cartas e de bolão. Aliado a isso, mantiveram também um grupo de canto, promovendo encontros de corais da região durante o baile de aniversário do clube. Na década de 1960, a Sociedade Cultural e Recreativa de Parobé era formada pela seguinte diretoria: Almir Olhweiller, Luiz Mosmann, Celomar Silva, Hugo Petters, Oscar Auler, Arthur Lennen e Walter Willers.

Local de grandes festividades, abrigava disputados torneios de bolão, jogos de cartas, bailes de Kerb, Baile do Espeto e dos Namorados e o Festival do Chopp.



*Sociedade Recreativa e Cultural de Parobé (década de 1980).
Fonte: Acervo de História Regional (Faccat).*



*Vista frontal da edificação (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Élen Waschburger.*



*Clube de Atiradores em frente à antiga sede de madeira (década de 1960).
Fonte: Acervo pessoal de Elisabeth Haag.*



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Em 26 de agosto de 1972, recebeu um show muito especial: Roberto Carlos. Outros artistas de renome nacional também se apresentaram no espaço das festas, como o cantor Belchior, em meados da década de 1980. Em decorrência das atividades ao longo dos anos, em 1990 a Sociedade foi laureada com o prêmio de Clube Destaque do Interior do Rio Grande do Sul, premiação que homenageava pessoas e entidades que destacaram-se pela atuação no estado (Panorama, 1990).

No decorrer das décadas, sediou três boates muito lembradas pela população: Corujão, Beijo Acrílico e Karaokê. A boate Corujão funcionou entre meados das décadas de 1970/1980; a Beijo Acrílico esteve em atividade na segunda metade da década de 1980. Inaugurada em 1986, a Boate Karaokê foi responsável pelas principais festas da cidade nas décadas de 1990 e 2000, com shows de bandas gaúchas e nacionais. Promovia festas para o público jovem.

Em 2006, em razão da comemoração dos 50 anos de fundação da Sociedade, foi realizado o baile do Ano do Cinquentenário, além de outras atividades especiais, como torneios de tênis e bolão. Em parceria com a boate Karaokê, foi realizado um festival com bandas de rock. Na ocasião, também foram homenageados os ex-presidentes, o primeiro ecônomo, Nelson Peters (representado por Zuleika Peters), além de nomes ligados ao desenvolvimento econômico e político de Parobé, como Lindemar Valdir Hartz, Irton Feller e Luiz Antônio de Souza, coordenadores da antiga Boate Corujão, entre a década de 1970 e início de 1980. Também foi lançada uma revista comemorativa e inaugurada uma placa, homenageando os ex-presidentes.

Atualmente, 2022, o prédio da Sociedade sedia eventos sociais, além de possuir uma quadra de tênis. Já o complexo das piscinas está desativado.



Construção da nova sede (final da década 1960).
Fonte: Acervo pessoal de Renaty Haag.



Inauguração da nova sede (final da década 1960).
Fonte: Revista Atafona.

Sociedade Cultural e Recreativa Parobé é clube de destaque no Estado

A Sociedade Cultural e Recreativa de Parobé foi recentemente laureada com uma das distinções mais almejadas pelas entidades sociais do Rio Grande do Sul. Foi na noite de 2 de junho, na SOGIPA, em Porto Alegre, quando o presidente da sociedade parobense, Antônio Carlos Carvalho, recebeu das mãos do casal Alberto e Mônica Rossi, representante da entidade anfitriã, o troféu do clube destaque do interior do Rio Grande do Sul temporária 89/90.

A promoção coordenada pelo colunista social Saul Júnior, em sua vigésima quinta edição, teve por objetivo homenagear todas as pessoas e entidades que de alguma forma se destacaram pela sua atuação em todo o Rio Grande do Sul, de acordo com a escola feita por um grupo de jornalistas.

Junto com a Sociedade Cultural e Recreativa de Parobé foram também homenageadas, mais outras sete sociedades do interior gaúcho, que igualmente se destacaram neste período.

Acompanhando o presidente Antônio Carlos e sua esposa Rosa, estavam os demais componentes da diretoria da Sociedade e suas esposas, juntamente com a Soberana das Piscinas do Rio Grande do Sul, Alessandra Kich, que fez a entrega do troféu a um dos destaques, presidente do Clube do Professor Gaúcho, Osvaldo Rodrigues, distinguindo com o título de dirigente destaque no último ano.

Na avaliação da atual diretoria, a conquista deste título, juntamente com algumas das maiores sociedades do Rio Grande do Sul, além de ser o coroamento de todo o trabalho que vem sendo desenvolvido, significa também um novo espaço que o município de Parobé conquista no cenário estadual, tornando evidente a sua capacidade de congregar esforços a favor do bem comum.

O presidente Antônio Carlos Carvalho, particularmente, acha que o fato de ser um dos clubes/destaque do Rio Grande do Sul, muito antes de ser motivo de orgulho pessoal, é um mérito que deve ser repartido com todos os integrantes da diretoria bem como com todos os associados da entidade, cuja participação e interesse pela vida de seu clube pode ser muito bem medida a partir da alta média de 90 a 95 por cento que estão com sua mensalidade em dia, bem como pela intensa frequência a todos os eventos programados pela sociedade.

Sede social da SCR Parobé

Reportagem sobre premiação como Clube destaque do interior do Rio Grande do Sul.
Fonte: Panorama, Taquara, 15 jun. 1990, p. 7.

BOATE KARAOKÊ 10 ANOS OS FLASHES DA NOITE

Festa do Ridículo Você Lembra?!

No ano passado muita gente vestiu um "modelito" e veio brincar. Este ano a Karaokê quer muito mais!

Noite Cigana 16/03/96

SÁBADO 23:30 H

atração **RICARDO MACHI (Igor)**

INGRESSOS Sócios R\$ 5,00 Não sócios R\$ 12,00

BOATE KARAOKÊ

Eventos com participação de personalidades nacionais eram constantes nos eventos da Karaokê no final da década de 1990.
Fonte: Panorama, Taquara, 15 mar. 1996, capa. Panorama, Taquara, 22 mar. 1996, p. 18.

Divulgação de uma das principais festas que ocorriam na Boate Karaokê: Festa do Ridículo.
Fonte: Panorama, Taquara, 27 set. 1996, p. 17.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Denominação: Sindicato dos Sapateiros de Parobé - Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Calçados de Parobé - Prédio e entidade

Endereço: R. Rio Grande do Sul, n. 221

Meio: Urbano

Acesso: via estrada pavimentada

Data da abertura: 15 de janeiro de 1985

Proprietário: Sindicato dos Sapateiros de Parobé.

Uso atual (2022): Sindicato dos Sapateiros de Parobé

Data do levantamento: maio de 2022

Pesquisadores: Maicon Luis Custódio Leite

Dalva Neraci Reinheimer

Andrea Helena Petry Rahmeier

Fonte:

Panorama, Taquara, 06 jan. 1989, p. 02.

Panorama, Taquara, Esp. Panorama, 22 jan. 2010.

SINDICATO DE PAROBÉ. Disponível em: <http://sindparobe.org/historia-sindicato-de-parobe-rs>. Acesso em: 18 jul. 2022.

Histórico:

O sindicato tem por característica ser uma associação voluntária, de caráter permanente, para defender os interesses de trabalhadores de uma mesma profissão. Os primeiros sindicatos brasileiros surgiram no início do século XX, principalmente, nas regiões urbanizadas e com indústrias, como São Paulo e Rio de Janeiro.

O setor calçadista cresceu de forma espantosa em Parobé. Na década de 1940, surgiu a primeira indústria e, em 1980, esse setor tornou-se a principal atividade. Nesse contexto, a criação de um sindicato, que abrangesse o território de Parobé, surgiu da necessidade de os trabalhadores nas empresas de produção de sapatos terem uma representatividade na defesa de seus direitos e na garantia das condições básicas de trabalho. Várias dessas fábricas tiveram produtos com projeção nacional e internacional, como Azaléia, Starsax, Bibi, Simpatia, Lindex, Valéria, Rio de Luz, Hong-Kong, apenas para lembrar as mais exponenciais no mercado. Até Parobé ter um sindicato próprio, os trabalhadores eram filiados ao Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias do Vestuário de Taquara. Com a emancipação, em 1982, e o crescimento do setor calçadista, começaram a surgir lideranças, entre elas, destacou-se Almerindo Nunes que, inspirado em seu irmão, Olívio Nunes, presidente do Sindicato dos Sapateiros de Campo Bom, decidiu criar uma entidade própria para os trabalhadores parobeenses.

O Jornal Panorama, em 22 de janeiro de 2010, fez uma edição especial sobre os 25 anos do Sindicato dos Sapateiros na qual relatou que, mesmo enfrentando a descrença de muitas pessoas, o projeto seguiu firme em seu propósito, ganhando um bom número de adeptos. Almerindo Nunes espelhava-se na experiência de lideranças importantes no meio sindical, como, por exemplo, Edir Inácio da Silva, na época, presidente da Federação dos Trabalhadores nas Indústrias do Vestuário do Rio Grande do Sul. Almerindo contava também com o apoio de seu irmão, Olívio.

Para a criação do sindicato, era necessário adequar-se às normas vigentes da legislação: a oficialização do Ministério do Trabalho.



*Primeira sede, provisória (década de 1980).
Fonte: Acervo do Sindicato dos Sapateiros de Parobé.*



*Fachada atual (2022).
Fonte: Sindicato dos Sapateiros de Parobé (Facebook).*



*Assembleia em frente à antiga sede (década de 1980).
Fonte: Acervo do Sindicato dos Sapateiros de Parobé.*



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



No dia 27 de julho de 1982, seguindo as exigências da época, foi publicado, no Jornal Panorama, o edital de convocação para a assembleia definir a criação da entidade. O encontro foi realizado quatro dias depois, no Clube Oriental, bairro Guarani, com a presença de 161 trabalhadores. Inicialmente, houve a fala de Almerindo que expôs a necessidade de um sindicato; posteriormente, foi definida sua criação. Logo em seguida, com as primeiras colaborações financeiras dos associados, foi possível contratar um profissional para atendimento odontológico, que inicialmente atenderia nas dependências do Sesi. Uma das pessoas que colaborou com o sindicato, conforme Almerindo, foi o vereador Aiser Hehn que cedia seu telefone particular para que os líderes do sindicato fizessem as ligações e contatos necessários para sua criação (Panorama, 22/01/2010). Aiser Hehn que estava em Brasília, no dia 15 de janeiro de 1985, para acompanhar a eleição de Tancredo Neves para a presidência, trouxe pessoalmente a carta oficializando a criação do sindicato. Posteriormente, entregou o documento em solenidade realizada na Câmara de Vereadores.

A primeira diretoria foi eleita em 17 de maio de 1985 e tomou posse em 06 de junho. Foi constituída por:

1. Almerindo Nunes – Presidente;
2. Dailor Alfredo Hartz – Secretário;
3. Jair José Martins – Tesoureiro;
4. Antenor Hartz – Suplente;
5. Adeli dos Santos – Suplente;
6. Serafim da Silva, Claudemir dos Santos e Roque Oliveira – Conselho Fiscal;
7. Almerindo Nunes e Jair José Martins – Delegados junto à Federação;
8. Dailor Hartz e Vilson Adam – Suplentes.

Inicialmente, a sede localizava-se na esquina da Rua Rio Grande do Sul com a Rua Odorico Mosmann. Nesse local, eram realizadas as tarefas administrativas e, posteriormente, os primeiros espaços para consultas médicas e dentárias. Almerindo trabalhava na Calçados Bibi; seu tempo era curto e somente podia se dedicar ao sindicato, após o horário de trabalho e aos finais de semana, por isso a colaboração da secretária, Deise Hartz, e do tesoureiro, Jair José Martins, foram fundamentais. Em agosto, Almerindo passou a se dedicar em tempo integral ao sindicato. De acordo com informações publicadas no site do sindicato, nessa época, ele já possuía 2.600 associados e todos recebiam atendimento médico, odontológico e jurídico.

Naqueles dias de intensa atividade calçadista no município, o sindicato crescia cada vez mais, assim como as fábricas da cidade. Era necessário construir uma sede maior. Com a compra de dois terrenos na Rua Rio Grande do Sul, nº 221, foi construída a sede que ali permanece até os dias de hoje. A inauguração foi em 14 de janeiro de 1989. Posteriormente, foi construído o Centro de Desenvolvimento Profissional, localizado ao seu lado. Com o passar dos anos, a sede foi recebendo novas ampliações, melhorando sua estrutura física para melhor atender seus associados.

O Sindicato, nos seus quase 40 anos de história, tem oferecido aos seus associados uma série de serviços, como a assistência médica e dentária, assessoria jurídica, convênios com farmácias e laboratórios, capacitação para os trabalhadores, dentre outras atividades e serviços. No decorrer de sua trajetória, o sindicato também criou o Cesto Básico, uma forma de auxiliar os trabalhadores na aquisição de itens alimentícios e de higiene com um preço mais baixo, através de cestas básicas personalizadas.



Primeira diretoria (década de 1980).
Fonte: Acervo do Sindicato dos Sapateiros de Parobé.



Nova sede, inaugurada em 1989.
Fonte: Acervo do Sindicato dos Sapateiros de Parobé.



Prédio em que ficavam armazenados os alimentos (década de 1980).
Fonte: Acervo do Sindicato dos Sapateiros de Parobé.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Para informar seus associados, o sindicato trabalhou ao longo dos anos com seu próprio jornal e informativo impressos, atuando, atualmente, também nas redes sociais.

Na área do lazer, destacou-se com a organização do Palco Aberto, evento realizado sempre no mês de dezembro, com atrações musicais, de beleza, sorteios e outras atividades. No campo do esporte, promove o Torneio de Integração dos Trabalhadores.

Greve do setor calçadista em Parobé:

Nos dias 22, 23 e 24 de maio de 1990, houve uma grande mobilização do Sindicato dos Sapateiros de Parobé, presidido por Almerindo Nunes, que exigia reposição salarial. Nesses três dias de paralisação, nada foi produzido nas fábricas de calçados (site sindicato de Parobé). Até hoje o movimento é lembrado como um dos mais importantes fatos para o setor no município.

A greve teve apoio da Federação dos Trabalhadores na Indústria do Calçado e do Vestuário (FETICVERGS), unindo assim os sindicatos e trabalhadores na paralisação. Após muitas discussões, houve um acordo. Durante as assembleias de negociação, a proposta da entidade sindical pedia um aumento de 84%, índice que não foi atingido. Mesmo assim, depois da greve, as empresas elevaram os salários em 56% e passaram a oferecer melhorias para garantir que o funcionário permanecesse nos postos de trabalho.

O Sindicato continua ativo na reivindicação das necessidades dos trabalhadores do setor, mesmo passando por muitas mudanças, mas ainda responde por boa parte da renda e dos postos de trabalho em Parobé.



Festival Palco Aberto, promovido pelo Sindicato, a partir da década de 1990.
Fonte: Acervo do Sindicato dos Sapateiros de Parobé.



Logotipo do Sindicato.
Fonte: Sindicato dos Sapateiros de Parobé (Facebook).



Greve geral no ano de 1990.
Fonte: Acervo do Sindicato dos Sapateiros de Parobé.



Sede do Sindicato (2002).
Fonte: Museu Histórico de Parobé.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Denominação: Paróquia de Santa Cristina
Endereço: Calçada da Matriz, n. 15 - Santa Cristina do Pinhal
Meio: Rural
Acesso: via estrada pavimentada

Data da construção: 1853
Proprietários: 1º Paróquia de Santa Cristina do Pinhal;
2º Paróquia Senhor Bom Jesus de Taquara do Mundo
Novo;
3º Diocese de Novo Hamburgo.
Uso atual (2022): Igreja

Data do levantamento: junho e julho de 2022

Pesquisadores: Eduarda Farias da Silva
Élen Waschburger
Dalva Neraci Reinheimer

Fonte:

A morte não marca tempo. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=ZvWjfe8y-Xc>. Acesso em: 30 maio 2022.
DIAS, Célia Maria. **A capela de Santa Cristina do Pinhal:** uma referência na história da região (1847-1892). 2010. Monografia (Licenciatura em História) - Faculdades Integradas de Taquara, Taquara, 2010.
Panorama, Taquara, 26 set. 1997, Esp. Velho Mundo Novo, p. 4-6.
SOBRINHO, Paulo Gilberto Mossmann; BARROSO, Véra Lucia Maciel (orgs.). **Raízes de Taquara**. v. 2. Porto Alegre: EST, 2008.

Depoimento:

Inácio Schabarum, Henrique de Oliveira Neis e Lisete Maria dos Santos concedidos a Eduarda Farias da Silva, em março de 2022.

Histórico:

Em 25 de novembro de 1847, através da lei nº 96, foi determinada a criação de uma capela com a invocação de Santa Cristina que, na época, era parte do centro do 2º distrito do município de São Leopoldo, no lugar denominado Pinhal, à margem esquerda do rio dos Sinos, com suas divisas indefinidas. Segundo Dias (2010), essa lei representa o início da autonomia para a localidade pinhalense, pois foi a autorização para a criação da capela católica a pedido dos moradores no então povoado de Pinhal.

Realizando uma análise a partir da Colônia do Mundo Novo, pode-se até mesmo considerar a construção da capela, um ano após a fundação da Colônia, como uma forma de afirmação de tentativa de controle político-econômico da sede de Santa Cristina do Pinhal para a região.

No início da fundação da capela, os padres jesuítas que atuavam na paróquia trouxeram a imagem de Santa Cristina para o Brasil e ela passou a ser a padroeira local. Santa Cristina foi uma moça italiana, religiosa católica que dedicou sua vida a servir a Deus e à Igreja, sempre obediente aos pais, desejava ser uma referência para os jovens. Faleceu aos 22 anos e foi canonizada mesmo sem realizar nenhum milagre, apenas pelo seu exemplo de vida cristã.

O terreno destinado à construção do templo teria 300 palmos (60m), mais ou menos, de largura e 500 palmos (100m), aproximadamente, de comprimento. Esse terreno foi doado pelo morador local David Pereira Dias. A construção da capela ficou a cargo da irmandade de São José, com supervisão do engenheiro Alphonse Mabilde. Os responsáveis pela obra contrataram um mestre pedreiro para a construção.



*Registro fotográfico de período não identificado.
Fonte: Grupo Santa Cristina do Pinhal-RS e sua História (Facebook).*



*Imagem do interior da Igreja, com o altar ao centro (ano desconhecido).
Fonte: Acervo pessoal de Geazi Antunes.*



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Como o custo da obra seria elevado, os moradores não poderiam custear sozinhos; assim a Assembleia Provincial liberou a importância de 1;800\$000 para a obra, por meio da comissão formada por Tristão José Monteiro, Domingos José Dias e Baltazar José Bernardes.

As pedras e as madeiras eram oriundas de locais próximos, visto que as pedreiras ficavam distantes apenas 900m e as matas possuíam madeira de lei em abundância. A capela possui estilo gótico, e sua construção é formada por uma nave e uma torre bastante elevada. Na parte interna, localiza-se a pia batismal do período da construção; atrás do altar há um desenho artístico que forma um painel e, complementando seu adorno, existem imagens confeccionadas em madeira e gesso.

Os primeiros livros de tombo da paróquia desapareceram, inviabilizando o conhecimento de maiores dados a respeito da construção que foi inaugurada em 1853. A paróquia foi criada por Dom Feliciano José Rodrigues Prates, em 1855, sendo elevada à categoria de freguesia, posteriormente em 1857. Devido às condições precárias em que se encontrava, o bispo somente concedeu a condição canônica em 17 de janeiro de 1865, nomeando, como primeiro pároco, o cônego Manuel Rodrigues Coelho Neves, sendo substituído, em 1871, pelo pároco Antônio Guedes de Assis, que se retirou temporariamente, em 1877, devido a questões de saúde. Dias (2010) complementa que, no período de 1877 a 1879, os padres jesuítas atenderam a paróquia. Em 1879, ela passou a ser administrada pelo padre Antônio Florio e, em 1882, pelo padre Custódio Guedes de Assis que se manteve até 1892. O padre Mário Deluy atuou na paróquia de 1893 até 1897; ainda em 1897, o padre Roberto Merjer assumiu a paróquia, tendo como sucessor o padre Felipe Diel que se manteve de 1897 a 1899.

Também passaram por essa paróquia os seguintes padres, de acordo com as respectivas datas:

- 1899 a 1930: a capela esteve sobre a jurisdição de Taquara;
- 1930 a 1940: vigário Felipe Marx e outros;
- 1940 a 1976: sacerdote Afonso Kist (sepultado em Santa Cristina do Pinhal);
- 1976 a 1980: eclesiástico Lidyo Schineider;
- 1980 a 1990: clérigo Rubens Luis Schuch (natural da localidade);
- 1990 a 2007: padre Inácio Schabarum;
- 12/2007 a 22/04/2008: padre Alex Graminho Boardman;
- 2008 a 2012 : padre Paulo Muller;
- atual: padre Henrique de Oliveira Neis.

Os três primeiros batizados foram:

1º Registro - Amaro - 1854 – escravo, veio da Aldeia dos Anjos, filho de Eva, escrava, e José Joaquim Coelho.

2º registro – Rita – 1854, filha de Maria Antônia de Jesus, não consta o nome do pai.

3º Registro – Zulmira – 1854, filha de Joaquim Hilário da Silva e Constança Antônia dos Santos.

Os três primeiros casamentos:

1º Registro – 13/05/1855 – José Pires Martins Júnior e Paulina Martins Fibreno.

2º Registro - 15/05/1855 – Antônio Alves Viana e Joaquina Maria Conceição.

3º Registro – Francisco José dos Santos e Maria Lígia de Moraes.

Atualmente, o padre atende a mais quatro comunidades vizinhas que pertencem à paróquia, mesmo sendo comunidades do município de Taquara: Fazenda Fialho, Santa Cruz da Concórdia, Figueirão e Morro da Pedra. Nos dias atuais, a paróquia possui 15 capelas mais a Igreja matriz onde são realizadas as missas.



Foto da atual fachada da Igreja e casa paroquial à esquerda (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Eduarda Farias.



Comunidade reunida na praça, em frente à Igreja. Na imagem é possível reconhecer o pároco Padre Afonso Kist (ano desconhecido).
Fonte: Acervo pessoal de Moisés Schirmer.



Padre Afonso Kist (à direita) e missionário em frente à capela da comunidade da localidade de Pituva (interior de Taquara) (aprox. 1965).
Fonte: Acervo pessoal de Maria Liane de Farias.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Segundo Dias (2010), a capela sempre representou um elo religioso, social e cultural para a localidade. Um desses elos são os festejos populares, realizados anualmente, que se propunham a ser um espaço de convivência para a comunidade, uma manifestação religiosa e cultural onde as pessoas se divertem, fazem novas amizades, iniciam namoros, casam-se e constituem família.

Não se sabe a data em que começaram, mas são tradicionais há muitos anos e uma cultura que se mantém viva, apesar do tempo. Esses festejos têm como objetivo adquirir fundos para a manutenção da paróquia e também integrar a comunidade e fiéis. A primeira festa realizada no ano é da Nossa Senhora dos Navegantes: ela inicia com uma procissão fluvial, no Passo dos Ferreiros, descendo o rio dos Sinos até a Prainha de Santa Cristina do Pinhal; de lá, os fiéis seguem em caminhada, passando pela pracinha até a Igreja onde é celebrada uma missa com a presença da imagem, no andor bastante enfeitado. A segunda é do Divino Espírito Santo, de origem açoriana, realizada no dia de Pentecostes. Em 24 de julho, é realizada a festa da padroeira da capela.

As festas em comemoração aos 100 anos e 150 anos da Igreja (2003) foram um pouco mais extensas e significativas que as demais, iniciando alguns festejos durante a semana que as antecedeu e encerrando-as no domingo. Foram grandes festas, prestigiadas com a presença de grande número de pessoas.

Existe um mito que cerca tanto a comunidade como a Igreja: a “praga do padre”, uma narrativa corrente na comunidade e para os mais velhos uma “praga” verdadeira. Segundo o Jornal Panorama, a praga seria a seguinte:

O povo conta que um dos padres itinerantes que atendia a paróquia estava envolvido em intrigas e tornou-se indesejado pelos cristinenses. Um grupo de paroquianos resolveu então pregar uma peça ao padre. Na procissão de Nossa Senhora dos Navegantes, pelo Rio dos Sinos, o reverendo subiu no barco e ficou de pé na proa, ao lado da santa. Quando a embarcação começou a descer o rio, os canoeiros que sabiam da trama e estavam preparados para agir, num gesto rápido travaram os remos e o padre, desequilibrando-se, foi derrubado na água. Antes de afogar-se no rio, o religioso enraivecido, proferiu uma praga: a partir daquele dia Santa Cristina iria retroceder e nunca mais se desenvolveria. (Panorama, Taquara, 26 set. 1997, p. 4).

Ainda, de acordo com Dias (2008), a “praga do padre”, sendo mito ou verdade, o fato é que a localidade da Santa Cristina não alcançou um significativo desenvolvimento econômico. Um dos motivos que pode ter influenciado no declínio da comunidade foi a chegada do trem à região que acabou redirecionando as rotas de comércio para Taquara e para o atual território de Parobé.



Flávia Maria Brito e amiga, em frente à Igreja de Santa Cristina (década de 1990).

Fonte: Acervo do Departamento de Cultura de Parobé.



Placa em homenagem ao centenário da igreja em 1953, localizada ao lado da porta de entrada (2022).

Fonte: Acervo pessoal de Eduarda Farias da Silva.



Porta da igreja com o detalhe da inscrição do ano da construção, na parte superior (2022).

Fonte: Acervo pessoal de Eduarda Farias da Silva.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Denominação: Igreja Católica São João Batista

Endereço: Rua Dr. Legendre, n. 210

Meio: Urbano

Acesso: via estrada pavimentada

Data da fundação: 1917

Proprietários: Comunidade Católica de Parobé / Cúria da Diocese de Novo Hamburgo.

Uso atual (2022): Igreja

Data do levantamento: agosto de 2022

Pesquisadores: Maicon Luis Custódio Leite

Élen Waschburger

Dalva Neraci Reinheimer

Andrea Helena Petry Rahmeier

Fonte:

AMUPA - Associação dos Amigos do Museu Histórico de Parobé.

Disponível em: <https://www.facebook.com/associacaoamupa>. Acesso em: 23 ago. 2022.

ARAUTOS DO EVANGELHO. **Cinquenta anos da Paróquia São João Batista de Parobé: intensa programação.** 2013. Disponível:

<https://www.arautos.org/secoes/noticias/noticia/Cinquenta-anos-da-Paroquia-Sao-Joao-Batista-de-Parobe-intensa-programacao-129064>. Acesso em: 24 ago. 2022.

MOSMANN, Ligia. **Uma Fazenda, um sobrado, uma estação...** Parobé uma história a ser contada! Parobé: s.ed., 1999.

Revista Atafona, Parobé, jun. 2005.

TRILHANDO A HISTÓRIA DE PAROBÉ. Facebook: @HistoriadeParobé.

Disponível em: <https://www.facebook.com/historiadeparobe>. Acesso em: 23 ago. 2022.

Histórico:

A Igreja Católica esteve presente na vida da comunidade de Parobé desde os tempos das antigas fazendas. Era a religião reconhecida pelo governo imperial e assim continuou por muitos anos no Brasil republicano. Em 1862, foi inaugurada a primeira capela da região, em louvor a Santa Cristina, na localidade de Santa Cristina do Pinhal. Com o desenvolvimento do povoado em torno da estação férrea, surgiu a organização dos católicos para terem seu templo.

Em 1914, foi iniciada a construção da primeira capela da Igreja Católica, no povoado de Parobé, pois, até então, os moradores utilizavam a atafona de João Mosmann para as missas. Como o local não era adequado, João Mosmann doou o terreno onde foi construída a capela, expressando, também, sua vontade de a ver consagrada com a denominação do santo que lhe dera o nome. Foi lançada a “Pedra fundamental” e as obras iniciaram a seguir. Em 3 anos, a comunidade já sentia orgulho de ter o seu templo, que foi inaugurado com missa, cerimônia e festa. Mesmo sem ter um pároco, os católicos organizaram-se para a construção e para se reunirem no local adequado, segundo a sua crença. A comunidade católica de Parobé, nessa época, pertencia à Paróquia Senhor Bom Jesus de Taquara. As missas em Parobé eram mensais com o padre vindo da sede.

Desde a inauguração da igreja, em louvor a São João, surgiu o costume de comemorar a data como o dia festivo dos paroquianos. O costume de festejar São João segue até os dias de hoje, ocorrendo no final de semana mais próximo ao seu dia, 24 de junho.



Templo em 1930.

Fonte: Trilhando a História de Parobé (Facebook).



Fachada da atual Igreja Católica (2022).

Fonte: Acervo pessoal de Élen Waschburger.



Turma de 1ª Comunhão diante da antiga capela (aprox. em 1944).

Fonte: Trilhando a História de Parobé (Facebook).



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Inicialmente, a festa era realizada em frente à antiga e pequena capela e também servia para angariar recursos que eram aplicados na melhoria do templo. Mesmo assim, os recursos eram escassos; inicialmente, não foi possível construir um salão de festas, então tendas foram armadas para as festividades, com espaço para jogos, barracas de comidas e bebidas e para os músicos.

Havia um tradicional jogo de apostas, conhecido como “Pradinho”, junto aos festejos. Todo o lucro obtido com esse e outros jogos era aplicado em melhorias para a capela. Foi através desses recursos que, em 1931, a comunidade conseguiu erguer a torre da igreja. Nesse período, a comunidade já realizava batismos, comunhões e casamentos no templo, o que era gerava grande satisfação nas famílias.

Embora o primeiro templo da igreja tenha sido inaugurado em 1917, na década de 1940, foi construído um novo templo que manteve a mesma torre.

Na década de 1950, com os recursos das festas e rifas, além da construção do novo templo, conseguiram erguer um barracão de madeira no lugar onde posteriormente seria construída a casa canônica. Esse local servia para as festas, evitando preocupações com as condições climáticas.

Assim, surgiu a tradicional celebração de São João Batista, realizada em Parobé desde as primeiras décadas do século passado, quando ainda era um pequeno povoado.

A festa começava dias antes com um tríduo preparatório e, no domingo de manhã, realizava-se uma missa festival. Os festeiros e os alferes entravam na igreja, atrás do padre e dos sacristãos ou coroinhas como hoje são conhecidos. Eles carregavam os estandartes e as bandeiras, sempre acompanhados, até a porta, por um grande foguetório e acordes de uma bandinha bem ao estilo alemão. Terminada a festa, era organizada uma procissão. O padre e os sacristãos seguiam na frente e, logo atrás, formando duas alas, uma de cada lado da rua, seguiam as crianças, depois os jovens, mulheres e, finalmente os homens adultos. No corredor formado entre as alas, vinha o andor com a imagem de São João, carregado por quatro homens fortes, os festeiros e alferes com estandartes e bandeiras, coro de cantores e, finalmente a bandinha e os fogueteiros. Nesse momento, havia o anúncio dos festeiros do ano seguinte que já começavam a trabalhar para o próximo evento.

Mas, mesmo com todo esse crescimento, a comunidade ainda fazia parte da Paróquia Senhor Bom Jesus, de Taquara. Para ter a própria Paróquia, um grupo de cidadãos católicos reuniu-se e iniciou os trâmites para isso ocorrer. O arcebispo Dom Vicente Scherer pediu que primeiro fosse construída a casa paroquial para que, assim, pudesse nomear um padre responsável pela paróquia. O decreto de instalação da paróquia ocorreu em 25 de dezembro de 1962 e, em 24 de fevereiro de 1963, chegou o primeiro pároco, padre Adolfo Jorge Fontana, que foi calorosamente acolhido. A comunidade recebeu-o com toque de sinos, foguetes, palmas e missa.

Em relação ao templo construído na década de 1940, por volta do ano de 2010, foi concluída uma reforma que modificou o ponto do telhado e apresentou nova moldura para as janelas e para a porta principal. A torre da igreja manteve-se inalterada, simbolizando o marco de mais de 5 décadas da presença da igreja católica no centro de Parobé.

A igreja católica de Parobé representa um lugar de sociabilidade que vai além da religião. A participação da comunidade foi relevante para alcançar a realização da Paróquia que manteve a devoção e promoveu a união dos católicos. Mas, nas festas e promoções, todos os credos colaboram, reconhecendo a Igreja São João Batista como um lugar de memória e da história de Parobé.



1ª Comunhão no antigo barracão católico (aprox. 1950).
Fonte: Trilhando a História de Parobé (Facebook).



1ª Comunhão, na década de 1940, em frente à antiga gruta e ao lado da figueira.
Fonte: Trilhando a História de Parobé (Facebook).



Festeiros da Festa de São João Batista (início da década de 1990).
Fonte: Acervo pessoal de Élen Waschburger.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Denominação: Comunidade Evangélica de Confissão Luterana Martin Luther (IECLB)

Endereço: R. Cel. João Corrêa, n. 203

Meio: Urbano

Acesso: via estrada pavimentada

Data da construção: 1917

Proprietários: Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB).

Uso atual (2022): Templo IECLB

Data do levantamento: janeiro de 2022

Pesquisadores: Maicon Luis Custódio Leite

Élen Waschburger

Dalva Neraci Reinheimer

Fonte:

BRASIL-ALEMANHA.COM. **Cinco Séculos de Relações Brasileiras e Alemãs.** Disponível em: <http://brasil-alemanha.com/capitulo/19sec/Primeiros-imigrantes-alemaes-no-campo.php>. Acesso em: 19 jan. 2022.

DREHER, Martin Norberto (org.). **Histórias de vida e fé: Luteranos e luteranas no Nordeste do Rio Grande do Sul.** São Leopoldo: Oikos, 2009.

GERTZ, René E. **Os Luteranos no Brasil.** E-book. Disponível em: https://www.inesul.edu.br/site/documentos/revista_historia_regional38.pdf. Acesso em: 19 fev. 2022.

MOSMANN, Ligia. **Uma Fazenda, um sobrado, uma estação...** Parobé uma história a ser contada. Parobé: s.ed, 1999.

Panorama, Taquara, 21 dez. 1990, p. 9.

Panorama, Taquara, 27 nov. 1992, p. 7.

PORTAL LUTERANOS. **A Caminho em Terras Brasileiras.** Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/a-caminho-em-terras-brasileiras>. Acesso em: 19 jan. 2022.

Histórico:

Com a vinda dos primeiros imigrantes alemães, em 1824, oriundos de diversas regiões da Alemanha, para se instalarem na colônia São Leopoldo, às margens do rio dos Sinos, veio também a religiosidade de Lutero, a igreja da Reforma.

Essa comunidade, composta principalmente por agricultores, artesãos e soldados, necessitava organizar sua vida religiosa, sendo necessária a construção de seus próprios templos e cemitérios.

Entretanto, durante pelo menos quarenta anos desde a chegada dos primeiros imigrantes, a comunidade sofria grandes restrições. Eram tempos imperiais, e a constituição imperial no parágrafo quinto determinava: "A religião católica apostólica romana continuará a ser a religião do Estado. Todas as demais religiões serão toleradas, em casas para tanto destinadas, sem qualquer forma exterior de templo." Assim, durante esse período, os praticantes da religião evangélica não puderam construir seus templos, já que não era permitido edificar nada com torre, cruz, sino, enfim, nada que lembrasse uma igreja.

As dificuldades eram sentidas principalmente na vida civil e familiar, como registros de casamento, realização de batismos e sepultamentos. Somente com a proclamação da República, em 1889, essa situação mudou.



*Templo original (década de 1930).
Fonte: Acervo de História Regional (Faccat).*



*Vista frontal da edificação.
Fonte: Acervos pessoais de Maicon Luis Custódio Leite e Élen Waschburger.*





INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



No território correspondente ao atual município de Parobé, não foi diferente de outras comunidades, pois os cultos dos adeptos da religião Evangélica luterana eram realizados nas casas de seus praticantes. Com o crescimento e a permissão dada, por meio da proclamação da República, iniciou a construção de seus templos.

A sede da IECLB, em Parobé, da Comunidade Evangélica de Confissão Luterana Martin Luther começou a ser construída em 1914, sendo inaugurada em 1917. Em 5 de outubro de 1930 foi inaugurada a torre com os três sinos, fundidos na fábrica Schillinglapermann, na cidade de Apolda, Alemanha. Nesse período, o povoado de Parobé contava com apenas 300 ou 400 habitantes.

Em 1963, a igreja ganhou um novo templo, mantendo a torre e os sinos, ambos de 1930. A vida religiosa no povoado de Parobé, no início do século XX, resumia-se a algumas celebrações religiosas realizadas pelos pastores vindos, quando possível, de Taquara.

A comunidade evangélica também foi introduzindo seus próprios festejos de origem alemã, como o Kerb. As festas de Kerb eram realizadas no quarto domingo do mês de outubro, nas quais sempre participavam as numerosas famílias de descendentes de alemães que aqui residiam. Seguindo a tradição, organizava-se uma grande festividade, com a realização de três dias de bailes, comemorando o lado religioso, ou seja, a data da inauguração da pequena igreja, no dia 28 de outubro.

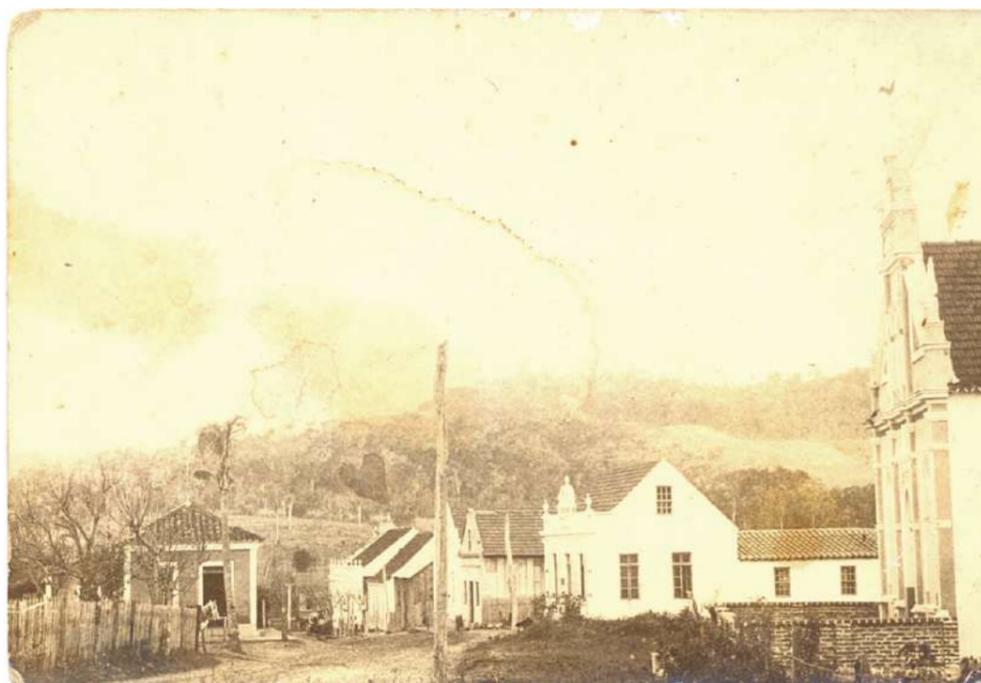
Em Parobé, a OASE foi fundada há 87 anos, em 4 de abril de 1934, pela senhora Dorothea Schäfke, esposa do pastor da comunidade. Nesse primeiro momento, participavam 15 senhoras que, semanalmente, reuniam-se para ensaio de canto e, mensalmente, para reuniões administrativas, ambas as atividades com meditações. A OASE, como instituição, existe no Rio Grande do Sul desde 1899. Dentre as inúmeras atividades que a OASE desenvolve, estão projetos desenvolvidos juntamente aos departamentos das comunidades, paróquias, creches, jardins de infância, culto infantil, hospitais, idosos, portadores de necessidades especiais e muito mais. As atividades da OASE eram realizadas em língua alemã, até 6 de junho de 1941, com o nome de “Evangelische Frauen Hilfe”. Com a Segunda Guerra Mundial e a proibição do ensino e divulgação da língua alemã no Brasil, os registros passaram a ser feitos em língua portuguesa, denominando-se, assim, Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas.

A primeira sede da OASE - Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas - da Comunidade IECLB de Parobé localizava-se no salão na Rua João Corrêa, ao lado da Igreja, até meados da década de 1950. Pertencente à Comunidade Evangélica Martin Luther de Parobé, a OASE mantém-se ativa até os dias de hoje. Sua primeira sede foi modificada ao longo dos anos, servindo, inclusive, de creche; depois, a construção foi demolida e, no local, foi construído o atual pavilhão, onde são realizados diversos eventos e que também sedia a Assistência Social da OASE. Atualmente, as senhoras participantes da OASE reúnem-se em outro prédio da comunidade, localizado atrás da Igreja.

Em 1982, mesmo ano de emancipação de Parobé, houve o desmembramento da comunidade, vinculada antes à Taquara. O primeiro pastor da Paróquia, incluindo cinco comunidades do meio rural, foi Osmar Prochnow.

Descrição:

Prédio de alvenaria, com torre encimada na lateral do telhado. A torre apresenta telhado pontiagudo, típico das construções da IECLB, possui quatro lados com uma abertura em cada um. O sino encontra-se também na torre. O templo possui uma construção com lateralidade ampla em relação ao comprimento. Essa característica junto com a posição da torre diferenciam-no em relação aos templos da IECLB do Rio Grande do Sul.



À direita, a antiga igreja, provavelmente, década de 1920.
Fonte: Acervo pessoal de Jaison Volnir da Silva Bueno.



A nova igreja Evangélica inaugurada em 1963 conserva, entretanto da antiga, a torre construída em 1930 (década de 1970).
Fonte: Acervo de História Regional (Faccat).



Sede da OASE - a construção ficava ao lado da igreja (1951).
Fonte: Revista Atafona.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Parte II

LUGARES DE MEMÓRIA, IDENTIDADE E FORMAS DE EXPRESSÃO SOCIAL/CULTURAL



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Denominação: Populações Indígenas

Período: Século XIX - XXI

Data do levantamento: novembro de 2021 a março de 2022

Pesquisadores: Andrea Helena Petry Rahmeier

Dalva Neraci Reinheimer

Elaine Smaniotto

Élen Waschburger

Fonte:

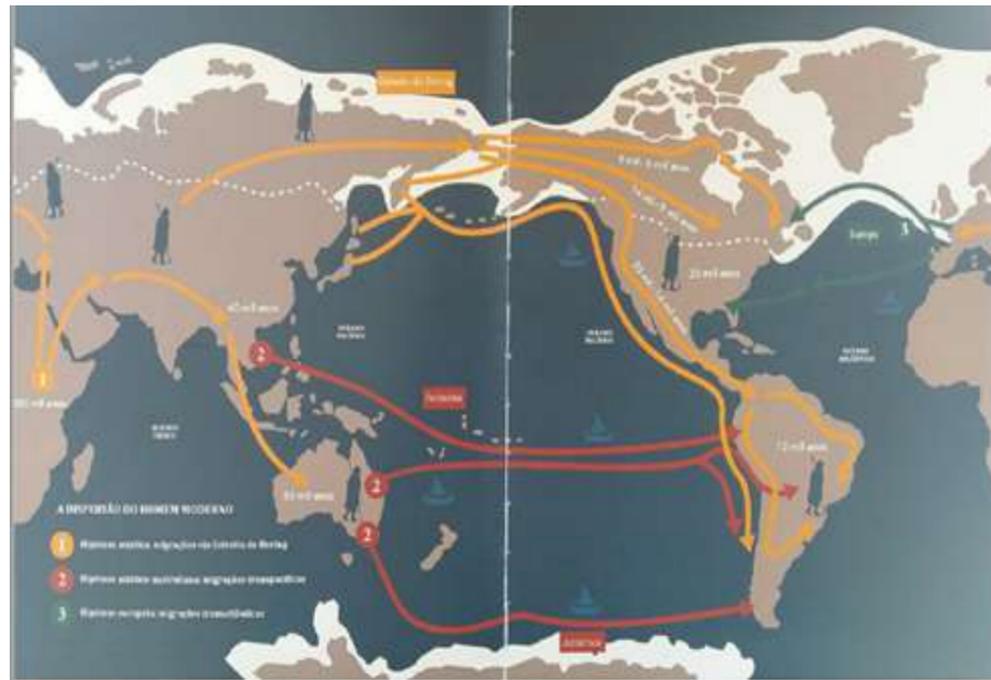
Acervo do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (MARSUL). História Ilustrada do Rio Grande do Sul. In: Série de Fascículos publicados por Já Porto Alegre Editores. Encartados em Zero Hora, 1998.

MUSEU DA UFRGS. **12000 anos de História:** Arqueologia e pré-história do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

PIVETTA, Marcos. Como nossos pais. **Pesquisa FAPESP**, São Paulo, n. 182, p. 20-23, abr. 2011.

Depoimentos:

Antonio Carlos Soares concedido à Elaine Smaniotto, em dezembro de 2021.



A dispersão do homem moderno 1.
Fonte: Museu da UFRGS, 2013, p. 12.

O homem moderno – Homo Sapiens, surgiu no continente africano entre 300.000 e 200.000 anos atrás e se espalhou para a Ásia, Europa, Oceania e América. Há basicamente três hipóteses sobre quatro ondas migratórias que povoaram o continente americano:

- 1) Hipótese Asiática: Migrações via Estreito de Bering;
- 2) Hipótese Asiático- Australiana: Migrações Transpacíficas;
- 3) Hipótese Europeia: Migrações Transatlânticas. Para mais detalhes, veja o mapa “A dispersão do homem moderno 1”.

Uma outra teoria é a defendida por Niède Guidon: que o ser humano veio da África para o Brasil. Veja o mapa “A dispersão do homem moderno 2”.

Seja qual for a teoria, sabemos que o ser humano chegou no nosso estado em três ondas, ou momentos específicos, por volta de 12.000 anos atrás.

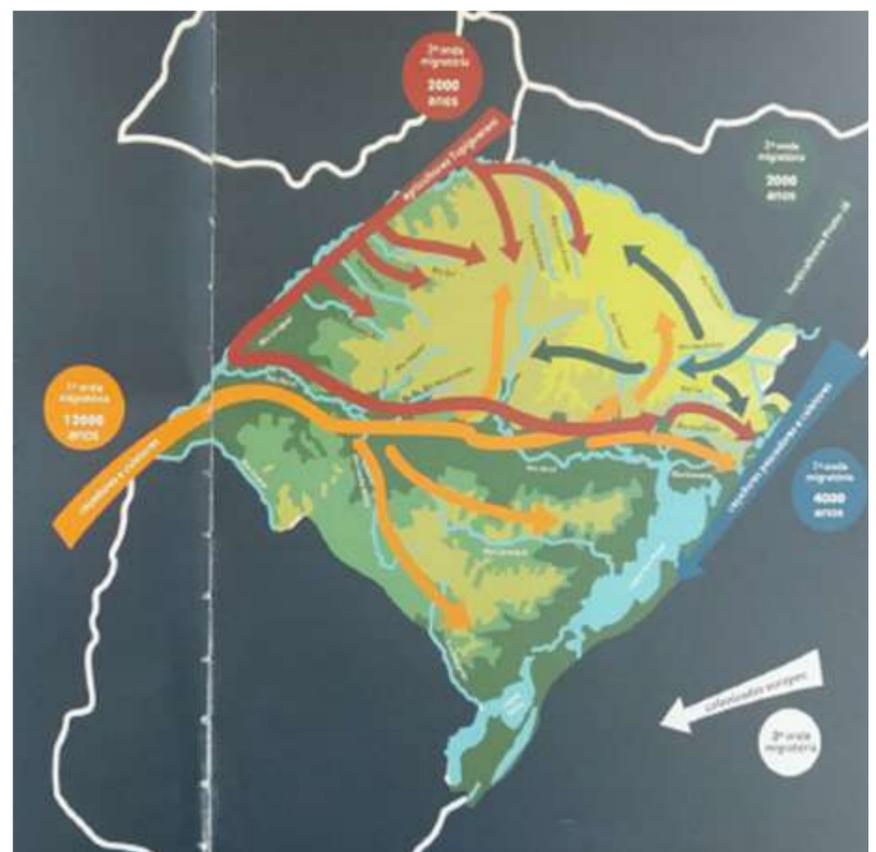


A dispersão do homem moderno 2.
Fonte: Pivetta, 2011, p. 22.

A primeira onda migratória chega ao estado por volta de 12.000 A.P., sendo representada por grupo de caçadores e coletores que viviam de forma igualitária em pequenos bandos dispersos por diversas áreas. Inicialmente, a ocupação restringe-se ao oeste gaúcho, mas, com o tempo, e conforme mudanças climáticas alternavam o clima, a fauna e a flora do estado, outras regiões tornaram-se atrativas. Assim, a partir de 10.000 A.P., os grupos que se encontravam exclusivamente sobre as imediações do Rio Uruguai e seus afluentes [...], por volta de 6.000 A.P., começam o habitat dos grandes Campos de cima da Serra e o litoral. A cultura material dos mais antigos habitantes do Rio Grande do Sul é marcada por uma indústria lítica de larga escala, na qual se destacam as pontas de projéteis. Por volta de 4.000 A.P., começam a ser construídos os sambaquis no litoral Norte, destacando-se os instrumentos confeccionados sobre ossos e pedra polida, incluindo os artísticos zoólitos. Em 3.000 A.P., no litoral sul, sudoeste gaúcho, edificam os cerritos, construções arquitetônicas de terra junto às áreas alagadiças. A partir de 2.500 A.P., os habitantes dessa região incorporaram a cerâmica aos demais utensílios.

A segunda onda migratória chega ao estado por volta de 2.000 A. P., representada por grupos falantes das línguas Tupi-Guarani e Macro-Jê, sendo o primeiro oriundo da Amazônia e o segundo, do planalto central brasileiro. Esses grupos são caracterizados por maior sedentarismo, vivendo em aldeias fixas, nas quais praticavam agricultura/horticultura. Apresentam indícios de constituírem sociedades complexas emergentes. Como inovação tecnológica, surge a cerâmica que é produzida em larga escala, destacando-se as grandes urnas funerárias dos guaranis. O grupo Jê, por sua vez, destaca-se por sua complexa engenharia de terra com a construção de casas subterrâneas, montículos funerários e grandes estruturas anelares cerimoniais.

A terceira onda migratória é do conquistador europeu que altera, radicalmente, o modo de vida das populações nativas. Relatos históricos mencionam os inúmeros conflitos entre as populações nativas e os colonizadores, ocorrendo o genocídio do Charrua e Minuano, enquanto o Guarani e os Jê são absorvidos pela cultura do europeu. Hoje seus descendentes encontram-se em aldeamentos indígenas localizados em diferentes lugares do Estado. (MUSEU DA UFRGS, 2013, p. 16).



Três ondas Migratórias do Rio Grande do Sul.
Fonte: Museu da UFRGS, 2013, p. 16.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Três ondas migratórias do Rio Grande do Sul:

Então, a partir do Segundo grupo de novas populações que adentraram no atual estado do Rio Grande do Sul, surgiram culturas diferenciadas da anterior que ocuparam o planalto, os vales de rios, o litoral e a campanha, trazendo consigo o conhecimento da horticultura e da fabricação de cerâmica. Essas populações ocuparam o vale do Paranhana. Hoje temos a materialidade das populações indígenas pré-coloniais, através dos seus vestígios, proporcionando a comprovação da ocupação dos povos indígenas no atual território de Parobé. Esses grupos perderam território, por meio do processo de colonização/imigração criado pelo governo imperial, que trouxe à região as primeiras levas de imigrantes ou migrantes europeus.

Para a região do município de Parobé, foram identificadas as vasilhas e quatro sítios arqueológicos, todos na localidade de Santa Cristina do Pinhal, envolvendo a cultura material dos povos tupis-guarani.

A Lei nº 11.645/08 estabeleceu novas diretrizes para a educação nacional, incluindo no currículo oficial das redes de ensino a obrigatoriedade da temática "História e cultura afro-brasileira e indígena".

Sigla do Sítio			Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul					
			Tabela de Sítios Arqueológicos - Parobé/RS					
UF	BH	Nº	NOMENCLATURA	LOCALIDADE	TIPO DE CULTURA MATERIAL	CATÁLOGO	PESQUISADOR	DATA PESQ.
RS	S	34	Morro Negro	Santa Cristina do Pinhal	Tupiguarani	034-35	Miller	
RS	S	260	Pinhal	Santa Cristina do Pinhal	Tupiguarani	325	Miller / PASAP	11/65 01/95 02/97
RS	S	291	Zezinho Paz-1	Santa Cristina do Pinhal	Tupiguarani	472	Miller	01/66
RS	S	292	Zezinho Paz-2	Santa Cristina do Pinhal	Tupiguarani	473	Miller	01/66



VASILHA GUARANI PRÉ-COLONIAL

Uma corrugada-ungulada, oriunda de Parobé, do sítio "RS-S-260: Pinhal", da localidade de Santa Cristina do Pinhal. É uma mini panela (yapepó mirin), possivelmente feita por uma adolescente. As mulheres guarani pré-coloniais, que produziam as vasilhas cerâmicas, treinavam desde crianças para aprimorar a técnica.

Fonte: Acervo do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (MARSUL)
Av. Sebastião Amoretti, 6310, Km 04, Alto Santa Rosa, Taquara/RS.

Fotografia: Antonio Carlos Soares Arqueólogo / Diretor/ Museu Arqueológico do RS.



Fonte: Fascículo 2 – História Ilustrada do Rio Grande do Sul. In: Série de Fascículos publicados por Já Porto Alegre Editores. Encartados em Zero Hora, 1998. p. 23.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Denominação: Praça 1º de Maio
Endereço: Rua João Mosmann e Dr. Legendre
Meio: Urbano
Acesso: via estrada pavimentada

Data da construção: entre as décadas de 1970 e 1980
Proprietários: Prefeitura Municipal de Parobé
Uso atual (2022): Praça pública e eventos culturais

Data do levantamento: janeiro de 2022
Pesquisadores: Maicon Luis Custódio Leite
Élen Waschburger
Dalva Neraci Reinheimer
Andrea Helena Petry Rahmeier

Fonte:
MOSMANN, Ligia. **Uma Fazenda, um sobrado, uma estação...** Parobé uma história a ser contada! Parobé: s.ed., 1999.

Localização e características:

Localizada entre as ruas João Mosmann, Dr. Legendre e Fernando Schüller, a Praça 1º de Maio, no centro da cidade, integra atualmente a Rua Coberta, quadra de areia para atividades esportivas, Museu Municipal (Estação de Trem), chafariz, busto de Nestor Herculano de Paula, quiosque, Departamento de cultura municipal, Monumento de Arenito, Monumentos aos times de futebol Grêmio e Internacional, Calçada da Saudade e *playground*.

Histórico:

A praça representa o espaço público mais relevante e democrático de uma cidade. Reúne, de forma casual ou por planejamento, os cidadãos que ali vão para presenciar algum ato ou para descansar entre os afazeres quando estão no centro. Ela é o coração pulsante onde as pessoas transitam ou permanecem como se estivessem em seu próprio quintal. Em geral, as praças passam por transformações, seja por necessidade ou por imposição das administrações que querem deixar uma marca no coração da cidade, onde há muita visibilidade. Em Parobé, a Praça 1º de Maio foi, ao longo dos anos, o palco de muitos acontecimentos no município.

A vila Parobé, entre as décadas de 1910 e 1930, aproximadamente, contava com cerca de 200 a 300 habitantes, divididos em casas e estabelecimentos no centro e nos arredores. O povoado desenvolveu-se ao redor da estação de trem que veio a constituir o centro da cidade. Naquelas primeiras décadas do séc. XX, surgiram casas comerciais, as igrejas católica e evangélica luterana, lado a lado às casas das famílias mais antigas e daquelas que posteriormente foram se estabelecendo na localidade.

De 1903 até 1964, a área central sediou a Estação Parobé, época em que os trilhos passavam em meio à futura praça. A área era praticamente um grande terreno baldio no início da década de 1960. Na década de 1970, a Prefeitura de Taquara comprou o prédio da RFFSA que, com a emancipação, em 1982, passou a pertencer a Parobé. O entorno da antiga estação ficou sem utilização por muitos anos. Em meados da década de 1970, foi iniciada a construção da praça que começou a ganhar o contorno atual.



*As origens da praça - Vista aérea (final da década de 1960).
Fonte: Acervo de História Regional (Faccat).*



*Praça 1º de Maio em 27 mar. 1991. Fotografia de Jaqueline Pais.
Fonte: Acervo Roseli Santos (Faccat).*



*Praça 1º de Maio em 10 ago. 2022.
Fonte: Acervo pessoal de Ingreth Schulz Ludwig.*



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



No decorrer dos anos, ela foi arborizada e foram plantados pequenos jardins com flores, alguns feitos por escolas da comunidade.

A praça foi denominada Praça 1º de Maio em homenagem à data da criação do município de Parobé.

Entre o final da década de 1980 e início de 1990, foram realizadas diversas obras em Parobé, dentre elas, o asfaltamento das principais ruas e avenidas da cidade, destacando-se as ruas que contornam a praça.

No início da década de 1990, foi construída a cancha de esportes, bem como o quiosque que atualmente abriga o “Espaço do Artesanato”, oferecendo feiras para a venda da produção dos artesão locais. Nessa mesma década, a Rua Fernando Saft ainda cruzava a praça; nesse período foi construída a Rua Coberta. Outra rua que cruzava a praça era a Rua João Corrêa que passava em frente à antiga estação de trem.

No decorrer dos anos, foram inaugurados monumentos aos times do Grêmio e Internacional, bem como um busto do fundador da Azaléia, Nestor Herculano de Paula. Na década de 2000, a antiga cancha de esportes foi demolida e, em seu lugar, foi construído um chafariz.

Desde sua inauguração, a praça comporta diversas festividades como apresentações folclóricas e culturais. Mais recentemente, ela tem sediado exposições na rua Coberta.

Calçada da Saudade:

Em 12 de setembro de 2003, foi inaugurada a Calçada da Saudade, ao lado do prédio do Museu, com o objetivo de homenagear as pessoas que contribuíram para a história da cidade. Os nomes, gravados em pedras de granito, formam um corredor com os nomes e datas de nascimento/falecimento de 11 pessoas ligadas à história da cidade. A iniciativa partiu de Romeu Erno Ludwig, um dos criadores da extinta revista Atafona. Na inauguração, participaram os familiares dos homenageados, autoridades municipais, populares e houve a apresentação do grupo de Atiradores de Terno de Reis.

No decorrer dos anos, mais nomes foram adicionados à calçada. Com o encerramento das atividades da revista Atafona, o projeto da Calçada da Saudade foi descontinuado.



Primeiro Juramento à Bandeira (1983).
Fonte: Acervo de História Regional (Faccat).



Alunos da rede municipal participando do ajardinamento (abr. 1988).
Fonte: Acervo pessoal de Paula Silva.



Rua João Mosmann, sendo asfaltada (início da década de 1990).
Fonte: Acervo do Museu Municipal de Parobé.



Festa da Bibi (década de 1980).
Fonte: Departamento de Marketing da Bibi.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Denominação: CTG Sangue Nativo
Endereço: Rua Nilo Carlito Koetz, n. 222
Meio: Urbano
Acesso: via estrada pavimentada

Data de fundação: Década de 1980. Denominação atual desde 12 de Outubro de 1985

Uso atual (2022): CTG Sangue Nativo

Data do levantamento: fevereiro e agosto de 2022

Pesquisadores: Paola Werlang de Souza
Élen Waschburger
Dalva Neraci Reinheimer

Fonte:

JORNAL VS. 'Anitas' formam patronagem do CTG Sangue Nativo, em Parobé. Parobé, 25 mar. 2022. Disponível em: <https://www.jornalvs.com.br/noticias/regiao/2022/03/25/anitas-formam-patronagem-do-ctg-sangue-nativo-em-parobe.html>. Acesso em: 21 ago. 2022.

Depoimentos:

Luisa Rafaela Live Schmitt concedidos à Paola Werlang de Souza, em fevereiro de 2022.
Ubiratan da Cunha Guilherme e Cinara Calvi da Silva concedidos à Élen Waschburger, em agosto de 2022.

Histórico:

O município de Parobé, embora com uma história em que predomina a colonização alemã, também mantém viva a sua tradição gaúcha, e isso se deve ao CTG Sangue Nativo. A entidade iniciou na década de 1980, com o nome "Grupo de Arte Nativa Sangue Nativo"; foi o resultado da união de seis casais de Parobé que estavam frequentando outros CTGs da região. Com a participação nos eventos gauchescos nas cidades vizinhas, perceberam que poderiam criar o movimento tradicionalista em Parobé. Assim, por sua determinação, deram origem a um CTG na cidade.

No início, o grupo não possuía seu próprio galpão; então, os ensaios das invernadas ocorriam em suas residências e as despesas que os casais tinham eram cobertas pelo prefeito de Parobé, José Alexandre Haak. Em troca, eles deveriam representar o município em grandes eventos culturais (rodeios, festas, tertúlias, competições).

Em 2006, iniciou o movimento para o retorno das atividades do C.T.G. devido a reivindicações de alguns membros da comunidade, porém com anos sem manutenção, o prédio havia caído quase por completo; em 2009, parte dele foi reerguida. A primeira diretoria, após o retorno das atividades, tinha como patrão Protásio da Silva Cruz.

O CTG Sangue Nativo que conhecemos atualmente, foi assim denominado em 12 de outubro de 1985; o nome foi sugerido por Elony Marcelino Machado. Seu primeiro Patrão foi Deroci José Homem. Ele assumiu o posto no ano de 1986, permanecendo no cargo até 1987, quando Waldemar Angelo Rosa assumi. Desde então, o CTG conta com o histórico de 18 patrões, tendo como atual, a Patroa Cinara Calvi da Silva.

Todo CTG tem o lema que carrega juntamente com o seu nome; o escolhido pelo CTG Sangue Nativo foi "Nacionalismo e tradição, cultivá-los é obrigação". Esse lema foi sugerido por Elizabete Corrêa, esposa de Ademir, esposa de um dos fundadores.

O CTG Sangue Nativo formou-se pela união de três partes: a artística, a campeira e a cultural. Na parte artística, encontram-se várias gerações. Há também diversos grupos: o Pré-mirim, que é um grupo composto pelas crianças; o grupo Mirim, que se estende até os 14 anos; o Juvenil, que vai até aos 18 anos; o Adulto e o grupo Veterano. Eles representam a



CTG em 2013.
Fonte: Acervo pessoal de Luisa Rafaela Live Schmitt.



Vista frontal e lateral atual do CTG.
Fonte: Acervo pessoal de Paola Werlang de Souza.



Casais fundadores do CTG (década de 1980).
Fonte: Acervo pessoal de Luisa Rafaela Live Schmitt.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



cidade. Durante a apresentação de suas danças, histórias são contadas; a própria história de Parobé já foi encenada em uma das apresentações do Enart (Encontro Nacional de Arte), na cidade de Montenegro, em 2019.

Outra apresentação conta a história da Oktoberfest, festa tradicional da cidade vizinha Igrejinha; essa dança já recebeu reconhecimento em várias cidades do estado.

Ao longo dos anos de existência, o CTG Sangue Nativo já ganhou diversas premiações, destacando-se: no ano de 1996, o CTG conquistou o primeiro lugar na Inter Regional do Rio Grande do Sul, cumprindo o pedido realizado pelo prefeito de levar o nome de Parobé consigo. No mesmo ano, em novembro, o CTG Sangue Nativo conquistou os 3 primeiros lugares no Rodeio Internacional do Rolantchê, na cidade de Rolante. Logo em seguida, em dezembro de 1996, o CTG foi campeão do Rodeio Internacional de Almiranda, em Passo Fundo.

A parte campeira do CTG também já ganhou premiações: a 22ª Região Tradicionalista foi campeã do Festival Campeiro do Rio Grande do Sul, a Fecars. Na parte cultural, o Sangue Nativo conta com duas prendas que ganharam o primeiro lugar no concurso para prendas estaduais: Denise Petter Berguemaier, eleita em 2001, e Julia Calvi da Silva, em 2017.

Em 2022, o CTG Snague Nativo elegeu, pela primeira vez na 22ª Região Tradicionalista, formada por municípios do Vale do Paranhana, uma chapa de patronagem composta unicamente por mulheres, denominadas "Anitas", em homenagem à Anita Garibaldi. O ato Neste mesmo ano, Guilherme Mergener da Silveira conquistou o título de "Piá Farroupilha do Rio Grande do Sul".

O CTG Sangue Nativo é um representante de Parobé, faz parte da tradição da cidade e tem muita importância, pois mantém a cultura gaúcha viva para os parobeenses. Continua contando a história da cidade em apresentações artísticas, fazendo com que novas gerações conheçam a história do município, mantendo viva a cultura gaúcha.

Descrição:

O prédio sede do CTG é uma construção inteiramente de madeira; em sua estrutura original, o prédio era menor, mas teve sua expansão ao ser anexada uma nova parte à primeira estrutura - uma visão do alto mostra melhor a expansão realizada. A planta procura recriar a forma de um galpão campeiro típico da área rural do Rio Grande do Sul, e seu interior conta com grandes espaços para a realização de eventos.



Grupo de Fundadores no Rodeio (década de 1980).
Fonte: Acervo pessoal de Luisa Rafaela Live Schmitt.



Homenagem a Elizabete Corrêa, criadora do lema do CTG.
Fonte: Acervo pessoal de Luisa Rafaela Live Schmitt.



Deroci José Homem, primeiro patrão do CTG Sangue Nativo.
Fonte: Acervo pessoal de Luisa Rafaela Live Schmitt.



"Anitas" tomaram posse em março de 2022.
Fonte: CTG Sangue Nativo (Facebook).



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Denominação: Cemitério da IECLB de Parobé

Endereço: Rua Cel. João Corrêa, n. 1718

Meio: Urbano

Data da fundação: início do século XX

Proprietários: 1º Pedro Blos Sobrinho;

2º Comunidade ICLB de Parobé.

Uso atual (2021): Cemitério

Data do levantamento: junho a agosto de 2022

Pesquisadores: Élen Waschburger

Dalva Neraci Reinheimer

Fonte:

DREHER, Martin N. **Histórias de Vida e fé:** Luteranos e luteranas no Nordeste do Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Oikos, 2012.

MOSMANN, Lígia. **Uma Fazenda, Um Sobrado, A Estação...** Parobé, Uma História a Ser Contada. Parobé: s. ed., 1999.

NOGUEIRA, Renata de Souza. **Quando um cemitério é patrimônio cultural.** 2013. Dissertação (Mestrado em Memória Social – Memória e Patrimônio) - Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em:

<http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Diss321.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2022.

Depoimentos:

Marli Clair Blos concedido à Élen Waschburger, em agosto de 2022.

Histórico:

A chegada dos imigrantes e descendentes de alemães na Colônia do Mundo Novo, em 1846, modificou a sociedade da região. Além do significativo aumento populacional, trouxe costumes e tradições diferentes, principalmente aspectos ligados à religião. Os imigrantes alemães eram, na sua grande maioria, de religião chamada Protestante, que teve origem na Alemanha, em 1517, com a Reforma Luterana, feita por Martinho Lutero. No Brasil, a igreja Católica era a religião oficial, isso determinava, inclusive, a situação civil das pessoas. Assim, ao se instalarem na colônia, os imigrantes enfrentaram grandes dificuldades.

Inicialmente, os cultos eram realizados nas escolas comunitárias vinculadas aos luteranos ou mesmo em suas casas. Essa situação também ocorreu em Parobé. Os casamentos e batizados eram realizados por leigos, bem como os ofícios para sepultamentos. Os enterros ocorriam em cemitérios comunitários que, em geral, eram em propriedades privadas cedidas para tal fim. A comunidade não possuía pastor, igreja ou espaço reconhecido. A partir de 1862, os luteranos participavam dos ofícios na Vila de Igrejinha. Em 1900, já se dirigiam também a Taquara. Em 1917, os luteranos do distrito de Parobé construíram seu primeiro templo, mas é evidente que a comunidade já estava organizada anteriormente. Nessa época, seu cemitério já estava sendo utilizado.

Segundo depoimento da Marli Blos, o lote de terras do atual cemitério foi doado por Pedro Blos Sobrinho (1881-1960), avô da depoente. Ele sensibilizou-se, após o falecimento de um membro da comunidade evangélica, no início do século XX, já que ela ainda não possuía uma área própria para enterros. A partir disso, podemos recontar a história da comunidade evangélica de Parobé através das lápides. Desde 1912 até mais ou menos 1940, as lápides tinham o epitáfio escrito no idioma alemão, embora os imigrantes falassem o dialeto Hunsrück.



Pórtico de entrada no cemitério. A fachada simples é uma referência aos cemitérios evangélicos das comunidades de imigração alemã e seus descendentes (2022).

Fonte: Acervo pessoal de Élen Waschburger.



Perspectiva geral do cemitério (ago. 2022).

Fonte: Acervo pessoal de Élen Waschburger.



Figura de Cristo olhando para o cristão: símbolo de perdão e salvação. As inscrições em alemão demonstram o apego às tradições e à convivência comunitária.

Fonte: Acervo pessoal de Élen Waschburger (2022).



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



As frases mais utilizadas eram: *Ruhe in Frieden*, que significa descanse em paz; *Ruhe sanft*, descanso suave; *Ruhe bei Gott*, descanse com Deus; *Hier ruht*, Aqui jaz. Também era usual, nos túmulos das senhoras falecidas, a inscrição que apontava o sobrenome de solteira. Primeiro o nome de casada e, após, *Geboren* e o sobrenome de “casa”.

Os cemitérios são verdadeiros museus a céu aberto, guardam pedaços da História. Além da memória comunitária, o cemitério é um patrimônio histórico e arqueológico.

Há um espaço dentro do cemitério para o enterro de crianças.

O cemitério evangélico de Parobé não apresenta muitas expressões na arte cimiterial. As lápides dos túmulos mais antigos são de pedra arenito. Nesse material, as inscrições eram talhadas por artesãos locais. Embora haja um desgaste natural da pedra, ainda é possível ver as inscrições nos túmulos que estão melhor preservados. Os adornos eram confeccionados em moldes de cimento e fixados nas lápides. As figuras remetem a personagens ou passagens da bíblia, demonstrando a devoção cristã evangélica.



Figuras que remetem à devoção cristã: na parte alta, a cruz com a sobreposição da palma representa a fé e a crença na vitória do espírito.

Na parte baixa: a âncora que representa a salvação e a estabilidade em Deus.

Fonte: Acervo pessoal de Élen Waschburger (2022).



Túmulo de 1912 - este é o túmulo mais antigo identificado.

Fonte: Acervo pessoal de Élen Waschburger (2022).



Túmulo de criança. O adorno de duas flores, no último degrau do túmulo, simboliza a pureza e a inocência.

Fonte: Acervo pessoal de Élen Waschburger (2022).



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Denominação: Grêmio Esportivo Parobé e Estádio Odorico Mosmann

Endereço: Rua José Theomar Lehnen, n. 881

Meio: Urbano

Acesso: via estrada pavimentada

Data da construção da sede: década de 1950

Proprietários: Clube Grêmio Esportivo Parobé

Uso atual (2022): sede do Grêmio Esportivo Parobé

Data do levantamento: janeiro de 2022

Pesquisadores: Maicon Luis Custódio Leite

Dalva Neraci Reinheimer

Andrea Helena Petry Rahmeier

Fonte:

MOSMANN, Ligia. **Uma Fazenda, um sobrado, uma estação...** Parobé uma história a ser contada! Parobé: s.ed, 1999.

GRÊMIO ESPORTIVO PAROBÉ. **História do Grêmio Esportivo Parobé.** 2012. Disponível em: <https://gremio-esportivo.blogspot.com>. Acesso em: 12 jan. 2022.

Panorama, Taquara, 26 fev. 1986.

Histórico:

Na década de 1930 (entre 1936 e 1937), surgia o Esporte Clube Parobé que, em 1947, ao ingressar na Federação Gaúcha de Futebol, muda seu nome para Grêmio Esportivo Parobé. Sua fundação oficial data de 30 de novembro de 1947, entretanto, foi em 14 de abril de 1951 que ocorreu o registro em cartório dos estatutos do time. Nesse estatuto consta a relação dos sócios fundadores do clube: Werner Oscar Saft, Albino Eloy Schweitzer, Arno Therno Schmidt, Edésio Mosmann, Avelino Arlindo Ohlweiler e Moysés de Souza Pires Mosmann.

A primeira diretoria foi presidida por Arno Therno Schmidt, tendo como vice, o senhor Edésio Mosmann

Entre os principais incentivadores do time, estavam o Sr. Avelino Ohlweiler que ao lado de Christiano Dienstmann Filho, Fernando Saft e Theófilo Sauer ajudaram o time a entrar em campo. Dentre os primeiros atletas, destacam-se: Arcides Saft, que era conhecido como "Nariz", e Adalberto, Alfredo, Delmar e Edésio, esses últimos, todos da família Mosmann, além de Alfredo Feiten.

Em 1947, o campo localizava-se na propriedade do Sr. Lindolfo Doepré. Existem poucas informações sobre a troca do campo, todavia, sabe-se que, para competir oficialmente, a situação da sede precisava estar regularizada; então, o Sr. Odorico Mosmann doou um terreno, na Rua José Theomar Lehnen. Mas, somente em 1951, o herdeiro de Theomar, Lucio Mosmann doou, legalmente, o terreno para o clube para ter a situação regularizada e poder filiar-se à Federação Gaúcha de Futebol, assim, podendo participar das competições oficiais. Dentre elas, a mais importante era o Campeonato Estadual de Amadores. A primeira etapa dessa competição era definir o Campeão Municipal que, por sua vez, competia com outros campeões municipais, sucessivamente, até chegar-se ao time Campeão Estadual Amador. O clube passou a disputar, nessa primeira etapa, com o E.C. Taquarense, E.C. Igreja, Mundo Novo de Três Coroas, Gramadense, Internacional de Rolante. É necessário esclarecer que, naquele tempo, todas essas localidades faziam parte do município de Taquara, disputando entre si o título de Campeão Municipal.

Na década de 1960, houve uma alteração política e administrativa na região que modificou a disputa municipal. Gramado e Três Coroas tornaram-se municípios independentes de Taquara.



Estádio Odorico Mosmann (década de 1980).

Fonte: Acervo Roseli Santos (Faccat).



Entrada do Estádio Odorico Mosmann, sede do Grêmio Esportivo Parobé (2022).

Fonte: Acervo pessoal de Élen Waschburger.



Time do Grêmio Esportivo Parobé (1952).

Fonte: Acervo pessoal de Mirla Mirley.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Já o E.C. Igrejinha e o Taquarense tornaram-se profissionais, passando a disputar, portanto, em outra categoria.

Nessas condições, o Parobé tornou-se Campeão Municipal, por Taquara, em 1963. Já em 1965, foi Super-Campeão, sendo que os jogos foram realizados no campo do Taquarense. O primeiro jogo foi contra o Guarani, com vitória de 3 ou 4 a zero. O segundo jogo foi contra o Palmeirinhas e o terceiro contra o Alimentício, ambos da cidade de Taquara. Como se pode observar, houve uma profunda alteração no grupo de adversários. Em 1968, tornou-se novamente campeão, por Taquara, mas esbarrou na fase seguinte, perdendo por 1X0, na prorrogação, para o Guarani de São Sebastião do Caí.

Os treinos, sob a direção técnica de Araújo, eram sempre realizados após o expediente de trabalho das fábricas. Todos precisavam trabalhar em outras atividades para ganhar a vida. O esporte era apenas uma atividade para as horas vagas, finais de semana e feriados.

Esse foi também o período em que se popularizaram os concursos de beleza femininos como os de Miss Brasil e Universo. A partir daí, muitas entidades aproveitaram para eleger suas rainhas ou madrinhas, inclusive o Parobé, através da venda de votos, momento para arrecadar alguns recursos. Para tal fim, o clube teve como madrinhas: Nelci da Silva (Bloss), em 1954; Lucila Lehnen (da Rosa), em 1955; Marisa Brenner (Mattes), em 1960 e Jane Brenner (Schmidt), em 1961. Outro nome feminino que se destacou foi o de Erody Haag, mas como autora do hino do clube.

Na década de 1970, o clube comemorou os 30 anos de sua existência oficial. No começo da década, a Federação exigiu que os campos para os jogos do Campeonato Gaúcho fossem cercados por alambrado, porém o Clube não dispunha de recursos para tal investimento. Havia também o problema de troca de diretoria. Ninguém se dispunha a assumir o compromisso, tendo pela frente tal desafio. Foi então que os conselheiros Arno Leling, Edésio Mosmann e Ardy Koch procuraram o Sr. Eloyr Roque da Silva para assumir a direção. Em troca, prometeram a construção do alambrado. Assim foi feito. Os três adquiriram a tela e os mourões de cimento. Conseguiram junto à empresa que instalava a rede de telefonia em Parobé que fixasse os mourões ao redor do campo. Aos operários que se dispuseram a operar as máquinas nos finais de semana, seus dias de descanso, ofereceram um churrasco. O primeiro alambrado foi colocado e o Clube Parobé, mais uma vez, pôde participar do Campeonato.

Na década de 1980, ocorreu a gestão de Renato Schmidt que, em seu período como presidente, concluiu as obras e deu nome ao estádio de Odorico Mosmann, em homenagem ao doador da área.

Na década de 1990, houve preocupação em registrar as atas, pelo menos as da sucessão de diretorias. Nessa época, passaram a investir na conservação e ampliação do patrimônio. Destacam-se as obras para estacionamento de veículos dos torcedores e a construção do campo de futebol 7, com refletores, inaugurado em 26 de janeiro de 1991. Entre 1992 e 1996, foram feitas melhorias, como canchas esportivas e a sede social. Para isso, foram usados recursos da venda de dois terrenos paralelos à RS 239, doados no passado pelo Sr. Wilibaldo Willers, bem como a rifa de um carro. Como isso não foi suficiente, há informações de que foram investidos recursos próprios para a conclusão da obra. Para auxiliar nos gastos, foram realizadas rifas, inclusive de um carro, e também jantares.

No biênio 1997/1998, assumiu o Sr. Renato Neutzling. Sua grande preocupação foi resgatar junto aos cartórios, documentos importantes da agremiação, como escritura da propriedade, estatutos, etc. Por duas gestões, entre 99 e 2002, ocupou a presidência o Sr. Flademir Bomerich, responsável pela construção de arquibancadas e banheiros para o público.

O Grêmio Esportivo Parobé, atualmente, conta com três modalidades de futebol: Projeto de Verticalização do Futebol, o Futebol dos Veteranos e o Futebol Amador adulto.



Reservas do clube (décadas de 1940/1950).
Fonte: Acervo da Secretaria de Cultura de Parobé.



Equipe vencedora do 1º Campeonato Juvenil de Parobé.
Fonte: Panorama, Taquara, 26 fev. 1986.



Time do Grêmio Esportivo Parobé (1957).
Fonte: Acervo da Secretaria de Cultura de Parobé.

Descrição:

O Grêmio Esportivo Parobé possui uma área própria de 16.000m², situada no centro de Parobé. É formada por uma estrutura de arquibancadas para 1200 pessoas, possuindo também pista para caminhada, sede social de alvenaria de 650m², quadra coberta de grama sintética, pracinha para as crianças, campo de futebol 7 de areia, estacionamento interno para, pelo menos, 60 veículos, e campo de futebol 11, com medidas oficiais e iluminação, além de vestiários e banheiros.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Denominação: Festa de Integração Afro-brasileira

Período: 1976-2003

Responsáveis pela criação e organização: Luiz Antônio da Silva, Pedrinho da Silva, Geraldo Antonio Both

Data do levantamento: dezembro de 2021

Pesquisadores: Paola Werlang de Souza
Lidiane Lima Schoenardie
Dalva Neraci Reinheimer

Fonte:

Jornal do Comércio, Porto Alegre, 20 maio 1987, s.p.

Panorama, Taquara, 19 maio 1989, p. 12.

Panorama, Taquara, 27 maio 1994, p. 5.

Panorama, Taquara, 19 maio 1995, p. 14.

Panorama, Taquara, 11 maio 1998, s.p.

Panorama, Taquara, 21 maio 1999, s.p.

Panorama, Taquara, 17 maio 2002, s.p.

Panorama, Taquara, 16 maio 2003, s.p.

SCHOENARDIE, Lidiane L.; PIRES, Jéssica E. S. Festa de Integração Afro-Brasileira de Parobé/RS: entre o esquecimento e a visibilidade.

Seminário Nacional de Pesquisadores da História das Comunidades Teuto-Brasileiras (13.:2017:Lajeado,RS). **Caderno de Programação e Resumos [do] XIII Seminário Nacional de Pesquisadores da História das Comunidades Teuto-Brasileiras** – Ivoti: ISEI, 2017. (ST 03 - Relações interétnicas, escravidão e pós-abolição).

TCA NEWS. **Parobé resgata Festa de Integração Afro-Brasileira**. 2017.

Disponível em: <https://www.tca.com.br/news/parobe-resgata-festa-de-integracao-afro-brasileira/>. Acesso em: 15 abr. 2022

Histórico:

O evento foi criado por Luiz Antônio da Silva e seu irmão, Pedrinho da Silva, tendo como coautor, Geraldo Antônio Both. A primeira edição ocorreu no ano de 1976, recebendo o nome de “Torneio da Abolição”, fazendo referência ao dia 13 de maio de 1888. O torneio de confraternização contou com a presença de três equipes de futebol, formadas inteiramente por jogadores afro-brasileiros. A competição ocorreu na cidade de Taquara até 1983 e, no ano seguinte, foi transferida para Parobé, onde ganhou o nome de Festa da Integração Afro-Brasileira. Em 14 de maio de 1988, foi celebrada a 12ª Festa juntamente com a comemoração do Centenário da Abolição da Escravatura. Essa edição contou com a participação de 12 equipes de futebol e todas deveriam apresentar uma representante para concorrer ao título de Rainha Afro-Brasileira. A vencedora foi Simone Barbosa que representou o time Partenon TC.

À medida que se consolidava como uma celebração oficial no calendário municipal, a festa ganhou notoriedade e grande divulgação nos jornais, nas rádios, nas notas oficiais da Prefeitura e até na rede de televisão da capital. Nos dias 11 e 12 de maio de 1991, ocorreu a 15ª Festa de Integração Afro-Brasileira, contando com a participação de 18 times de futebol que disputaram premiações (troféus e quantia em dinheiro). A partir dessa edição e nas seguintes, ocorreram apresentações de grupos folclóricos de dança, bandas musicais, capoeira, teatro e shows. A 19ª Festa, realizada nos dias 13 e 14 de maio de 1995, além do habitual certame futebolístico e da escolha da rainha, também contou com palestras e exposições. A Escola Municipal de Ensino Fundamental Getúlio Dornelles Vargas, no bairro Jardim, abrigou uma mostra fotográfica sobre instrumentos de suplício usados em pessoas escravizadas, em Minas Gerais, e de indumentárias africanas.

Canoas é campeão do torneio da Abolição



Time vencedor (1987).

Fonte: Jornal do Comércio, Porto Alegre, 20 maio 1987, s.p.



Rainhas Juvenil e Adulta da 27ª Festa Afro (2017).

Fonte: TCA News (online).



Momento registrado durante a festa (s.d).

Fonte: Acervo Roseli Santos (Faccat).



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Em 1998, ocorreu a 21ª Festa de Integração Afro-Brasileira, tendo uma nova atração em seu cronograma: foi ampliada a participação para times femininos no torneio de futebol. A festa também contou com o 1º Seminário sobre o “Negro e a Educação”, com a participação do professor de capoeira, Joel Martins, responsável pela Associação Cultural de Resgate às Raízes da Angola, uma associação que tinha como objetivo a recuperação de meninos e meninas em situação de vulnerabilidade social, em Porto Alegre.

A 22ª Festa de Integração Afro-Brasileira aconteceu em 15 de maio de 1999, com uma programação de atividades esportivas, culturais e sociais, além da segunda edição do Seminário “O Negro e a Educação”. A novidade, nesse ano, foi a exposição do artista plástico Clóvis Moacir Pereira Ortiz que exibiu seu trabalho “Arte Africanista Sul Realista”.

Em 2003, foi realizada a 26ª e última edição da Festa Afro-Brasileira, sendo uma das edições com o maior público: cerca de 5 mil pessoas prestigiaram os shows, jogos, desfiles e grupos culturais.

As sucessivas realizações dessa festividade foram importantes não somente para os habitantes de Parobé, mas também para toda a região, pois tinham por objetivo principal destacar e valorizar a cultura dos afrodescendentes no desenvolvimento de Parobé e integrar as vivências étnicas. Delegações de diversos municípios como Alegrete, Osório, Santa Maria, São Gabriel, Taquara, Três Coroas, Porto Alegre, Gravataí e muitas outras que também buscavam a preservação da memória cultural afro prestigiaram e participaram dos eventos.

Em 2017, houve a tentativa de resgate da celebração, com a realização da 27ª edição da Festa, estabelecendo uma parceria entre a Prefeitura, a União de Negros pela Igualdade (UNEGRO) e o Esporte Clube Guarani. A mudança importante foi na data do evento que ocorreu entre os dias 18 e 20 de novembro daquele ano, em referência ao Dia da Consciência Negra, e não mais em maio como nos torneios anteriores. A programação contou com a tradicional competição de futebol, a escolha da Rainha (Juvenil e Adulta) e com a palestra, na noite do dia 20 de novembro, da prefeita eleita de Dois Irmãos, Tânia Terezinha da Silva. Apesar da iniciativa, nos anos seguintes, não houve novas edições, mesmo assim, a Festa de Integração Afro-Brasileira faz parte do passado da cidade de Parobé, permanecendo na lembrança das pessoas envolvidas e em recortes jornalísticos.

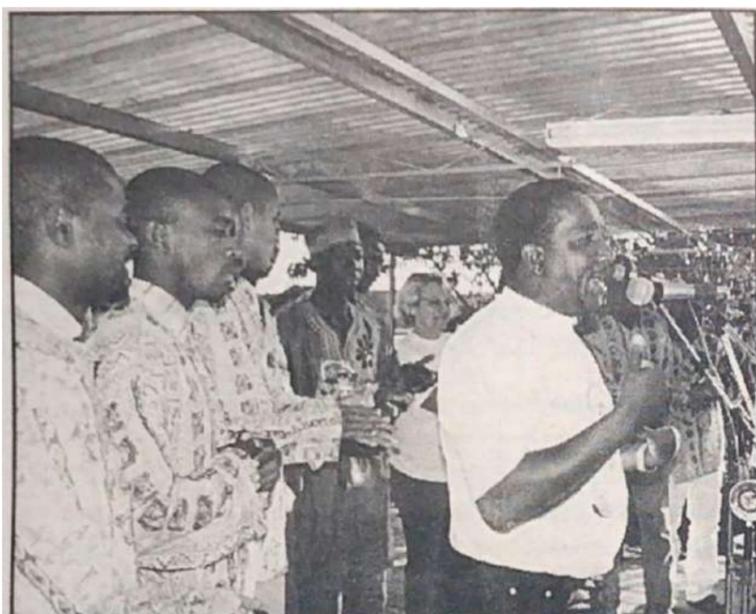
As fontes disponíveis sobre o evento são recortes de jornais da época e as memórias das pessoas que presenciaram e vivenciaram aquela experiência. Podemos citar, por exemplo, as memórias de Loreci da Silva que mencionou a participação de sua filha, Viviane da Silva, 1ª princesa da 21ª da Festa de Integração Afro-Brasileira de Parobé, realizada em 1998.



Grupo Guerreiros do Zumbi confirma presença no Evento (s/d).
Fonte: Acervo Roseli Santos (Faccat).



Márcio Haack, Maria Haack e os filhos na Festa (1994).
Fonte: Panorama, Taquara, 27 maio 1994, p. 5.



O criador Luiz Antônio da Silva fala na apresentação do grupo angolano Brothers Singer
Fonte: Panorama, Taquara, 21 maio 1999, s.p.



Grupo Moçambique de Osório.
Fonte: Panorama, Taquara, 19 maio 1995, p. 14.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Denominação: Clube de Atiradores
Fundação: Aprox. início do século XX

Data do levantamento: dezembro de 2021 e janeiro de 2022

Pesquisadores: Maicon Luis Custódio Leite

Dalva Neraci Reinheimer

Andrea Helena Petry Rahmeier

Fonte:

REPERCUSSÃO. **Cultura alemã dos ternos de atiradores tem representantes em Parobé.** 29 abr. 2021. Disponível em:

<https://repercussao paranhana.com/geral/cultura-alema-dos-ternos-de-atiradores-tem-representantes-em-parobe>. Acesso em: 15 dez. 2021.

REPERCUSSÃO. **O Clube de Atiradores de Saporanga.** 28 fev. 2017.

Disponível em: <https://www.jornalrepercussao.com.br/dia-a-dia/o-clube-atiradores-de-saporanga>. Acesso em: 15 dez. 2021.

TRILHANDO A HISTÓRIA DE PAROBÉ. Facebook: @HistoriadeParobe.

Disponível em: <https://www.facebook.com/HistoriadeParobe>. Acesso em: 12 jan. 2022.

A origem do Terno de Atiradores:

A tradição dos grupos de atiradores, conhecida também como "Os Ternos de Atiradores de Ano Novo", talvez seja a mais antiga das tradições teuto-riograndenses, trazida, segundo o depoimento de veteranos, pelos primeiros imigrantes germânicos. Essa tradição data do final da Guerra do Paraguai (1864/1870), quando os soldados descendentes de alemães que lutaram pelo exército brasileiro receberam as chamadas riúnas (ou trabucos). As armas, que antes eram utilizadas contra o inimigo, passaram a ser usadas para celebrar a paz. Posteriormente, esses atiradores formaram grupos que passaram a constituir os Clubes de Atiradores ou também as conhecidas Sociedades de Atiradores. Tradicionalmente, é usada uma pólvora específica para que a fumaça do tiro saia branca e reitere esse sentimento da comemoração do final da guerra. Os grupos costumam reunir-se na virada de ano ou em encontros tradicionais, como festas típicas da região de colonização alemã no sul do Brasil, festas das Sociedades de Atiradores e festas para arrecadação de fundos para manter as suas atividades.

Histórico:

O Clube de Atiradores de Parobé reunia-se sempre no ano novo. As fotos das décadas de 1960 e 1970 comprovam que os membros do clube chegavam a visitar cidades próximas para se apresentarem. Em 1970, eles estavam reunidos em Sander, na cidade de Três Coroas. Alfredo Henrique Haag (1912-1982) era quem comandava essa tradição com o Clube de Atiradores de Parobé, quando confraternizavam com tiros de pólvora a passagem de ano pela região.

Essa atividade trata-se, evidentemente, de uma tradição folclórica já modificada em relação à sua origem, devido ao processo de aculturação por que passou em terras gaúchas. De um modo geral, um grupo de atiradores de ano novo nunca tem menos de 25 e nem mais de 45 integrantes, contando-se, entre eles, 20 a 30 atiradores, um palhaço, um espantalho humano, um homem fantasiado de mulher, um homem negro (na falta de um afrodescendente, na vizinhança, disposto a participar do grupo, um branco era pintado de preto para representar), os músicos (gaiteiro, tocador de marimbau, violeiro, violinista e outros executantes) - alguns grupos levam somente o gaiteiro, porque, pelas características do instrumento, é o suficiente para animar a festança -, um homem responsável pelo "spruch" (discurso em verso, em alemão ou português, conforme a ocasião) e, finalmente, mais um encarregado de levar alguns pertences do grupo.



*Clube de Atiradores de Parobé, em 1970, em Sander, Três Coroas.
Fonte: Acervo pessoal de Elisabeth Haag.*



*Terno de Atiradores, 1º de Maio em 2020.
Fonte: Jornal Repercussão.*



*Clube de Atiradores, no início da década de 1970, na Praça 1º de Maio.
Fonte: Acervo pessoal de Renaty Bischoff.*



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



A organização do grupo de Atiradores:

Os grupos de atiradores eram formados por cerca de 20 a 30 participantes, sendo três ou quatro músicos tocando gaita, chocalho, tambor e pandeiro, além de dois palhaços, cobertos por meias pretas ou perucas. Os atiradores portavam trabucos que eram carregados pelo cano com pólvora, espoleta e bucha de papel. A cada tiro dado, precisavam ser recarregados.

O grupo tinha uma organização interna, tocando a cada membro uma função pré-determinada. O mestre era a pessoa encarregada de manter a disciplina do grupo, impedindo que abusassem de bebidas alcoólicas. Essa disciplina era importante, pois o ato de carregar e recarregar os trabucos era perigoso, necessitando de muita atenção. Havia exemplos de pessoas feridas, como o caso de um vendedor de bilhetes de loteria que possuía uma das mãos e os dedos deformados, em consequência de falha no momento de atirar com o trabuco em uma dessas apresentações.

O grupo reunia-se na casa do mestre e saía, pouco antes da meia-noite, para as visitas às casas dos amigos e simpatizantes do grupo. Chegavam silenciosamente. No grupo, cujo mestre era Alfredo Henrique Haag, a função iniciava quando seu irmão, Otto Haag, recitava versos em alemão e, depois, em português.

Segundo relatos, após o mestre convocar os músicos, tocavam e cantavam uma “marca”, como era conhecida a peça musical. Chegava então a vez da atração maior. O mestre gritava: “fogo!”. Começava então o tiroteio obedecendo a uma sequência: primeiro, os atiradores menos experientes com tiros mais fracos, até chegar a vez do mais experiente e ousado que, na época, era Otto Haag. O tiro disparado por ele, extremamente forte, despertava a admiração de todos. Já o mestre não atirava.

No final, todos entravam na casa onde lhes eram servidas comidas e bebidas, seguindo, após a despedida e agradecimentos, para a próxima casa, repetindo todo o processo. Havia outra ordem pré-estabelecida: dirigiam-se primeiro às casas mais distantes, aproximando-se, cada vez mais, da zona central. Geralmente, encerravam com uma apresentação, em frente ao salão do senhor Cristiano Dienstmann, onde hoje se localiza a farmácia São João.

O encerramento só acontecia no final da manhã do dia 1º, ou seja, atravessavam a noite com as festividades, mas nem todos acompanhavam o grupo, algumas pessoas abandonavam o cortejo nas primeiras horas da madrugada.

Dentre os membros do clube, naquela época, estavam figuras como Celso Hoffmeister, Delmar, Egon Hoffmeister, Arlindo Streit, Mário Bischoff, Alceu, Enio Haag, Celio Mergener, Anibaldo Haag (irmão de Alfredo), Otto Haag, Ciro, Adão Rothmann, Japão, Edio Trein, Fetter, Arlindo Haag, Anivo Bischoff (genro de Alfredo), Fetinha, Lino Pereira, Belmiro Bischoff (genro de Alfredo), Bruno Henemann, Renato Haag (filho de Alfredo), Atalibio Reis, Germano Spindler, Bruno Raymundo, dentre outros..

O Clube de Atiradores de Parobé atualmente:

Embora não se tenha detalhes sobre o início do clube em Parobé, sabe-se que, durante as décadas de 1960 e 1970, teve grande atuação, pois há diversos registros desse período. Já em 1990, surge o Terno de Atiradores 1º de Maio que iniciou as atividades com o nome de Associação Cultural e Recreativa 1º de Maio. Atualmente, possui cerca de 12 atiradores. As festas anuais fazem parte de um circuito de encontros entre os grupos da região.



Clube de Atiradores, em 1968, na Avenida Artuino Arсанд.
Fonte: Acervo pessoal de Thiago Heinrich.



Entre as décadas de 1960/1970, em frente à Sociedade Cultural e Recreativa Parobé
Fonte: Acervo pessoal de Elisabeth Haag.



Clube de Atiradores de Parobé, no Salão de Breno Roos, em Igrejinha entre 1960/1970.
Fonte: Acervo pessoal de Elisabeth Haag.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Denominação: Ciclismo

Fundação: Aprox. desde a década de 1960

Data do levantamento: junho a agosto de 2022

Pesquisadores: Ari Verton de Paula Schoenardie

Lidiane de Lima Schoenardie

Dalva Neraci Reinheimer

Fonte:

MELLO, Susi. **Rota de Ciclismo em Parobé é inaugurada na Festa da Melancia.** 09 jan. 2022. Disponível em:

<https://www.jornalnh.com.br/noticias/regiao/2022/01/09/rota-de-ciclismo-em-parobe-e-inaugurada-na-festa-da-melancia.html>. Acesso em: 23 jun. 2022.

Panorama, Taquara, 5 ago. 1994, capa, p. 14.

Panorama, Taquara, 27 abr. 2001, p. 8.

Panorama, Taquara, 7 dez. 2001, p. 10.

SILVA, Cleusa. **Mais de 500 ciclistas participam da 1ª Rota de**

Ciclismo de Parobé. 10 jan. 2022. Disponível em:

<https://www.radiotaquara.com.br/novo/mais-de-500-ciclistas-participam-1a-rota-de-ciclismo-de-parobe/>. Acesso em: 18 ago. 2022.

TCA NEWS. **9ª etapa da Copa União de Ciclismo é realizada em Parobé.**

2013. Disponível em: <https://www.tca.com.br/news/9a-etapa-da-copa-uniao-de-ciclismo-e-realizada-em-parobe/>. Acesso em: 20 jun. 2022.

TCA NEWS. **Domingo de aventura do 16º Festejando Parobé.** 2015.

Disponível em: <https://www.tca.com.br/news/domingo-de-aventura-no-16o-festejando-parobe/>. Acesso em: 21 jun. 2022.

Depoimentos:

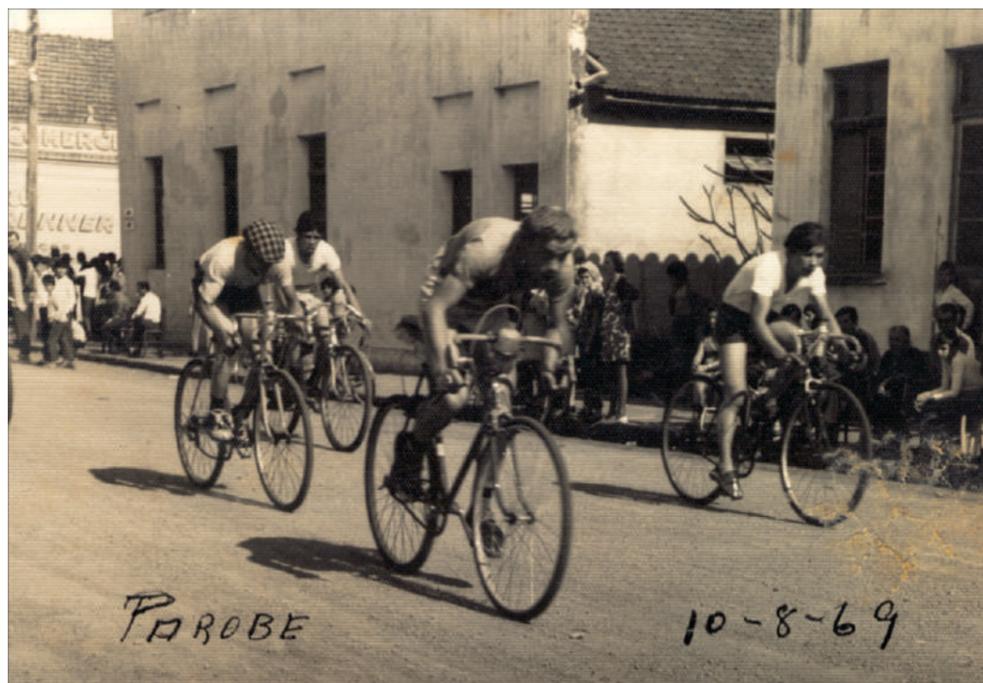
Elmo Arnald concedido à Dalva Reinheimer, concedido em agosto de 2022.

Histórico:

A bicicleta foi e continua sendo um meio de transporte e de lazer muito popular nos municípios do Vale do Paranhana. Muitas das corridas ou passeios não se restringiam apenas a uma cidade da região, mas faziam um trajeto que percorria, também, os municípios vizinhos.

Em Parobé, alguns registros indicam que, desde a década de 1960, já havia passeios e competições ciclísticas pelas ruas do atual centro da cidade. A organização dos eventos era feita, no início, por iniciativas particulares e, posteriormente pela gestão municipal. Já em 1969, há registro de uma competição, ocorrida em 10 de agosto, que teve diversos concorrentes. Novas disputas foram realizadas no início da década de 1970. Nessa época, nem mesmo o centro de Parobé estava constituído como o conhecemos atualmente, mas os moradores do então distrito tinham nos passeios e nas competições de bicicletas uma forma de se exercitar e se divertir. Durante as décadas de 1980 e 1990, passeios e campeonatos continuaram a ser promovidos nas ruas do centro da cidade.

Trabalhadores das indústrias calçadistas sempre utilizaram a bicicleta para se deslocar de casa para o trabalho e vice-versa. Era comum que diariamente muitos ciclistas amadores ocupassem as ruas que levavam às fábricas, pois ainda não havia transporte disponibilizado pelas empresas. Esse fato causava admiração nas pessoas que vinham de outros municípios, como Novo Hamburgo e Porto Alegre. Entre essas, havia representantes comerciais que vinham oferecer matérias-primas para as indústrias calçadistas e fotografavam o movimento das bicicletas. Por esse motivo, o Sindicato dos Sapateiros de Parobé organizou um passeio ciclístico em comemoração ao Dia do Trabalho, em 1º de maio de 2001. Com saída às 9h, em frente à sede do Sindicato, várias premiações foram oferecidas aos participantes.



Corrida realizada em 10/08/1969, na rua Dr. Legendre.
Fonte: Acervo de História Regional (Faccat).



Largada da 1ª Rota de Ciclismo, na Praça 1º de Maio.
Fonte: Susi Mello (2022).



Década de 1970, na rua Dr. Legendre.
Fonte: Acervo de História Regional (Faccat).



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Posteriormente, o meio de transporte foi mudando, com a aquisição de carros pelos trabalhadores, e pela oferta de transporte coletivo pelas principais empresas da cidade.

Diversos eventos sobre duas rodas foram destaque em Parobé, entre eles a 9ª Etapa da Copa União de Ciclismo, ocorrida no dia 15 de setembro de 2013, que teve competidores de diversos municípios, partindo da Av. Artuino Arsand e percorrendo diversas ruas da cidade, contando com o apoio da gestão municipal. Em 03 de maio de 2015, em evento do 16º Festejando Parobé em conjunto com a Associação do Paranhana de Ciclismo (ASPAC), cerca de 80 participantes realizaram três modalidades de trajeto (leve com 15 km; médio com 30 km e longo com 50 km). Essa competição também ocorreu no ano seguinte.

Em 2021, representantes dos grupos de ciclismo estiveram na Câmara de Vereadores de Parobé para reivindicar melhorias na mobilidade urbana e a construção de uma ciclovia, na rua Mário Mosmann, além de iluminação e sinalização. Também foi pedida a implantação de uma rota de cicloturismo no município, o que foi concretizado, em janeiro de 2022, com a 1ª Rota de Cicloturismo de Parobé. Esse evento contou com mais de 500 ciclistas que optaram por duas modalidades (20 km, em 1h de pedalada, ou 40 km, em 2h de pedalada)

Os eventos de ciclismo, em Parobé, buscam manter o interesse da população pelo esporte que um dia já foi meio de transporte e que caracteriza a integração entre os moradores com a sua cidade e com a natureza.



Linha de chegada, na rua Dr. Legendre.
Fonte: Acervo de História Regional (Faccat).



1983 – Av. Artuino Arsand.
Fonte: Trilhando a História de Parobé (Facebook).



2013 - 9ª Etapa da Copa União de Ciclismo.
Fonte: TCA News.



2015 - Passeio Ciclístico 16º Festejando Parobé.
Fonte: TCA News.



2022 - Reunião dos participantes do 1º Cicloturismo.
Fonte: Acervo pessoal de Cleusa Silva.



1994 – Quarta Etapa do Campeonato Aberto de Ciclismo do RS.
Fonte: Panorama, Taquara, 05 ago. 1994, capa.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Denominação: Cine Imperial / Cine Central

Endereço: Rua Dr. Legendre, n. 310

Meio: Urbano

Acesso: via estrada pavimentada

Data da construção: Início do século XX

Data de inauguração da empresa: década de 1950

Proprietários: Albino Eloy Sweitzer

Uso atual (2022): No local onde se encontrava o cinema, atualmente, há uma farmácia

Data do levantamento: dezembro de 2021 a fevereiro de 2022

Pesquisadores: Paola Werlang de Souza

Élen Waschburger

Dalva Neraci Reinheimer

Fonte:

CINE MAFALDA. **Relação de Cinemas Antigos em atividades nos anos 60.** 2012. Disponível em: <https://cinemafalda.blogspot.com/2012/05/taquaras.html>. Acesso em: 10 fev. 2022.

TRILHANDO A HISTÓRIA DE PAROBÉ. Facebook: @HistoriadeParobe. Disponível em: <https://www.facebook.com/HistoriadeParobe>. Acesso em: 10 fev. 2022.

Depoimentos:

José Valdemar concedido a Paola Werlang de Souza, em dezembro de 2021.

Histórico:

Na década de 1950, foi inaugurada a primeira versão do Cine Central, também conhecido como Cine Imperial. A ideia foi de Albino Eloy Sweitzer, um dos fundadores dos Calçados Bibi. Albino adquiriu um projetor de 16 mm, alugou umas das salas do edifício construído por Germano Correa, no início do século XX, e comprou alguns filmes para serem exibidos. Antes do cinema existir, o prédio da rua Dr. Legendre, 310, abrigava um pequeno hotel, no século XX, logo após a inauguração da Estação Férrea de Parobé. Além de servir comidas e abastecer mantimentos, o local também vendia os quitutes fabricados na própria estação.

O cinema servia como uma atração para os moradores da cidade que dividiam a diversão e os custos. Os grandes filmes da época eram exibidos para os habitantes do então distrito, e o local servia de encontro para amigos e familiares, em uma época em que pouquíssimas famílias tinham televisão, considerada artigo de luxo; então, para muitos, o cinema tornou-se a única oportunidade de presenciar a magia transmitida pela sétima arte. Os filmes exibidos não eram as únicas atrações que o cinema proporcionava, por vezes, ocorriam espetáculos de teatro que acabaram aguçando a curiosidade do público que frequentava o cinema.

De acordo com o blog "Cine Mafalda", um blog especializado, o cinema de Parobé contava com uma estrutura que suportava 100 lugares e funcionava uma vez por semana; possuía uma média anual de 42 sessões, quando eram exibidos grandes filmes da época, como "Dólar Furado", "Django", "007", entre outros, e as produções nacionais, como os filmes do artista gaúcho Teixeira. Para confirmar a importância do cinema na vida dos moradores, transcrevemos o depoimento do sr. José Valdemar que relata que, aos finais de semana, ia com sua família ao cinema e, muitas vezes, acabava indo embora tarde. Segundo ele: "Não queria perder o final do filme, não era todo dia que via o Teixeira".

Após a administração de Albino Eloy Sweitzer, o cinema ainda foi gerenciado por Antônio Machado, na época dono do também cinema e churrascaria Cruzeiro, em Taquara. O Cine Central é lembrado com carinho pelos habitantes de Parobé, pois acompanhou a adolescência de muitos, proporcionando momentos inesquecíveis. Às vezes, em uma noite, eram realizadas duas sessões; os frequentadores acabavam pagando só a primeira e permaneciam no cinema para a próxima. O Cine Central existiu até o início do século XXI. Atualmente restam somente as lembranças dos filmes e do local: o prédio que abrigava o cinema, infelizmente, não existe mais; no local, atualmente, há um novo edifício que abriga uma farmácia.



Fachada frontal da edificação (início da década de 1990).
Fonte: Acervo Roseli Santos (Faccat).



Área central de Parobé (final da década de 1960).
Fonte: Acervo História Regional (Faccat).



Ponto onde se localizava o cinema, hoje é uma farmácia.
Fonte: Acervo pessoal de Paola Werlang de Souza.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Denominação: Foto Lunar

Data da fundação: 11 ago. 1973

Proprietários: Lúcio Arlindo Schirmer.

Uso atual (2022): Empresa encerrada em 2005. Novas construções no espaço

Data do levantamento: agosto de 2022

Pesquisadores: Maicon Luis Custódio Leite

Dalva Neraci Reinheimer

Andrea Helena Petry Rahmeier

Depoimentos:

Lucio Arlindo Schirmer concedido à Maicon Luis Custódio Leite, em agosto de 2022.

Histórico:

Em toda comunidade, há pioneiros em todos os setores da sociedade: nos esportes, na política, na educação, no comércio e nas demais atividades. Lúcio Arlindo Schirmer foi uma dessas pessoas, pois se destacou na fotografia. Lucio nasceu em 28/10/1948 e, nas suas mais de sete décadas de vida, destacou-se no futebol, no ciclismo, no bolão e, principalmente no ramo fotográfico que, durante cerca de metade de sua vida, foi sua profissão. Na década de 1960, Lucio chegou a atuar no ramo calçadista, trabalhando em uma empresa ligada à Azaléia, ao mesmo tempo em que se destacava nas corridas ciclísticas, realizadas em diversas cidades da região. Nessas corridas, chegou a receber diversos prêmios.

Segundo Lúcio, uma de suas inspirações foi seu amigo e também apreciador do ciclismo, Nelson Marmitt, de Taquara, reconhecido profissional do ramo fotográfico, responsável por registrar diversas fotos da região naquela época. Com o repentino falecimento de Nelson Marmitt, Júlio foi conversar com a viúva para saber se ela gostaria de vender o equipamento de seu falecido marido. Com a compra do material fotográfico de Nelson “Marmita”, como era chamado, Schirmer iniciou os trabalhos como fotógrafo, tornando-se o primeiro profissional do ramo no então distrito de Parobé. Inicialmente, o estúdio atendia pelo nome de Lazer Fotos, modificado, pouco depois, para Foto Lunar. No início, Schirmer contou com o apoio de seu futuro compadre, Laerte Lauffer, que lhe ensinou “macetes” do mundo da fotografia, pois já atuava na área.

Uma das primeiras ações de Schirmer, naqueles anos, foi adquirir mais equipamentos para trabalhar; com o auxílio de Lauffer, foi à Cambial, em Porto Alegre, pesquisar sobre luminárias, lâmpadas especiais e demais equipamentos fotográficos para a Foto Lunar. Nessa ida à Cambial, acabou comprando duas máquinas, ganhando, inclusive, o certificado de profissional nº 40920.

Com o nome Foto Lunar oficializado, em 11 de agosto de 1973, Schirmer começou a atender a comunidade, contando com o apoio de sua esposa, Maria Lúcia Schirmer, com quem havia casado em 03 de fevereiro de 1973.

Schirmer contou que a Foto Lunar, inicialmente atendia na Rua João Mosmann, nº 201. A construção foi demolida por volta das décadas de 2000/2010. Por esse motivo, trocou outras vezes de endereço. Nesse vai e vem, a Foto Lunar transitou pelo centro da cidade, chegando a ocupar um espaço na Rua João Corrêa, nº 126, em local atualmente demolido, assim como uma sala na Rua Dr. Legendre. O último endereço, em Parobé, foi na Avenida Taquara, em 2004. Em 2005, seguiu trabalhando com a empresa na cidade de Igrejinha, por cerca de 8 meses. Ainda em 2005, resolveu se aposentar da fotografia, fechando a Foto Lunar. Em Igrejinha, voltou às origens, ao trabalhar como cortador em uma fábrica de calçados.



*Foto Lunar, na década de 1970, na Rua João Mosmann, 203.
Fonte: Museu Histórico de Parobé.*



*Local atual do primeiro endereço da Foto Lunar, na Rua João Mosmann (ago. 2022).
Fonte: Acervo pessoal de Maicon Luis Custódio Leite.*



*Lúcio Schirmer (ago. 2022).
Fonte: Acervo pessoal de Maicon Luis Custódio Leite.*



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Segundo Schirmer, de 1973 até 1985, a Foto Lunar era o único estúdio de fotografia em Parobé.

Dentro do ramo fotográfico, foi presidente da AFOVANA, Associação dos Fotógrafos Profissionais do Vale do Paranhana, fundada em 1990 e oficializada em 14 de abril de 1992.

Durante os 32 anos de atividades da Foto Lunar, foram feitas não apenas fotos de estúdio, mas também da cidade e de eventos importantes, assim como filmagens. Além da esposa, Schirmer tinha, como ajudante, seu sobrinho Júlio César que, após o encerramento das atividades, ganhou os equipamentos de Schirmer e abriu seu próprio estúdio fotográfico, Júlio Fotografia, localizado na Avenida Taquara, nº 740. O antigo equipamento utilizado por Schirmer, atualmente está exposto nesse estúdio.



Primeiro casamento que fotografou: Elizete e Dirceu Peixoto Soares, em 30/08/1973.
Fonte: Acervo pessoal de Lúcio Arlindo Schirmer.



Certificado profissional emitido pela Cambial.
Fonte: Acervo pessoal de Lúcio Arlindo Schirmer.



Cartão de visitas quando atendia na Rua Adaviano Linden, 110.
Fonte: Acervo pessoal de Lúcio Arlindo Schirmer.



Cartão de visitas, quando atendia na Rua Dr. Legendre, 537.
Fonte: Acervo pessoal de Lúcio Arlindo Schirmer.



Cartão de visitas, quando atendia na Rua Adaviano Linden, 190.
Fonte: Acervo pessoal de Lúcio Arlindo Schirmer.



Cartão de visita da filial, na Avenida Artuino Arsand, 90.
Fonte: Acervo pessoal de Lúcio Arlindo Schirmer.



Foto Lunar, na Avenida Taquara, último local onde funcionou em Parobé (2004).
Fonte: Acervo pessoal de Lúcio Arlindo Schirmer.



Foto Lunar, na Av. Taquara (década de 1990).
Fonte: Acervo pessoal de Lúcio Arlindo Schirmer.



Foto Lunar, na Rua João Mosmann (1976).
Fonte: Acervo pessoal de Julio Cesar Gelingner.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Denominação: Linha férrea de Parobé e Estação Parobé

Período: 1903- 1964

Proprietários: RFFSA (Rede Ferroviária Federal S/A).

Uso atual (2022): Linha: desativada / Estação: Museu Municipal

Data do levantamento: novembro de 2021

Pesquisadores: Maicon Luis Custódio Leite

Élen Waschburger

Dalva Neraci Reinheimer

Fonte:

ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS DO BRASIL. **Parobé.** Disponível em:

http://www.estacoesferroviarias.com.br/rs_linhaspoa/parobe.htm. Acesso em: 11 dez. 2021.

IPHAE - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado.

Patrimônio Ferroviário no Rio Grande do Sul: Inventário das Estações 1874 - 1959. Porto Alegre: Palotti, 2002.

MOEHLECKE, Germano Oscar. **Estrada de Ferro:** Contribuição para a história da primeira ferrovia do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Rotermond, 2004.

MOSMANN, Lígia. **Uma Fazenda, Um Sobrado, A Estação...** Parobé, Uma História a Ser Contada. Parobé: s.ed., 1999.

TRILHANDO A HISTÓRIA DE PAROBÉ. Facebook: HistoriadeParobe.

Disponível em: <https://www.facebook.com/HistoriadeParobe>. Acesso em: 24 ago. 2022.

Depoimentos:

Leila Gil e Jorge Luis Stocker concedidos à Maicon Luis Custódio Leite, em dezembro de 2021.

A linha férrea - o início de tudo:

Uma etapa da história do município de Parobé possui uma estreita ligação com a linha ferroviária que chegou à localidade no começo do século XX. A construção da linha de Novo Hamburgo a Taquara surgiu pelo apelo das autoridades locais que, por motivos, principalmente econômicos, pediam o prolongamento da estrada de ferro que tinha como terminal a cidade de São Leopoldo. O governo estadual abriu uma concorrência para a construção do trecho; foi apresentada somente uma proposta que, após ser examinada e estudada, foi aprovada e publicada em decreto no dia 18 de dezembro de 1899, ainda na presidência de Júlio de Castilhos. Os engenheiros João Corrêa e Augusto Carlos Legendre obtiveram o direito à construção e uso de um Tramway a vapor entre Novo Hamburgo e a Vila de Taquara do Mundo Novo. O acordo foi assinado por Borges de Medeiros e João José Pereira Parobé, esse último, Secretário das Obras Públicas na época.

O projeto de expansão da linha férrea era até Canela, a Estação Parobé integrou a primeira parte desse ramal. Em 15 de agosto de 1903, foi inaugurado o trajeto de Novo Hamburgo até Taquara, trecho que incluiu as estações Hamburgo Velho, Campo Bom, Quatro Colônias, Sapiiranga, Amaral Ribeiro, Araricá, Campo Vicente, Parobé e Taquara.

A Estação Parobé foi construída em terrenos da propriedade de João Mosmann que havia sido desmembrada da Fazenda Pires. A atual área urbana de Parobé ocupa parte das terras que formavam as Fazendas Pires e Fay. A estação foi construída em uma elevação, rodeada de terrenos muito úmidos, em uma área descampada. A casa mais próxima de João Mosmann estava a uma distância de, aproximadamente, 500 metros. Havia outras casas mais afastadas que foram sendo construídas pelos descendentes dos antigos donos das fazendas. Na época, o local mais povoado ficava próximo ao Arroio Funil e teria sido esse o local escolhido para a construção da estação ferroviária.



*Estação Parobé, no início do séc. XX.
Fonte: Acervo de História Regional (Faccat).*



*Estação Parobé (14 jan. 1939).
Fonte: Acervo de História Regional (Faccat).*



*Rua Dr. Legendre em 1939. Vista da Estação Parobé.
Fonte: Acervo de História Regional (Faccat).*



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Porém, pelas informações que obtivemos, a estação acabou sendo construída numa zona menos densa que acabou se tornando o centro do povoado. Logo após sua inauguração, em 1903, um dos construtores, Germano Corrêa, adquiriu um terreno próximo à estação, onde ergueu um sobrado e instalou ali um pequeno hotel, venda e confeitaria. Sua iniciativa foi seguida por outras pessoas, o que ocasionou o surgimento de uma série de novas construções nas imediações da estação.

Nessa área, também se configurava o traçado de duas ruas que se tornaram importantes para o desenvolvimento da cidade, as atuais ruas João Mosmann (atrás da estação) e a Dr. Legendre (em frente à estação). Algumas casas alinhavam-se aos trilhos da estrada de ferro e ali surgiu a Avenida Artuino Arsand. Desenhou-se, assim, o perfil urbano do povoado que, em 1908, foi reconhecido como distrito de Taquara.

O nome Parobé foi em homenagem a João José Pereira Parobé, Secretário de Obras do Estado, na época da construção da ferrovia; inicialmente, denominava apenas a estação. Entretanto, aos poucos, a população foi se identificando com o nome da estação, o que é um indício de sua importância e da influência que exerceu para o surgimento e o desenvolvimento do povoado.

A partir da década de 1960, o transporte ferroviário foi perdendo espaço em todo o Brasil, porque as rodovias foram incentivadas desde a década anterior, simbolizando o progresso do país. Assim, os serviços ferroviários que, na época eram vistos como retrógrados, foram desmantelados. Em 11/03/1963, foi fechado o tráfego entre Taquara e Canela. Em 16/11/1964, o trecho entre Novo Hamburgo-Taquara foi desativado. Em 31/12/1966, o tráfego foi fechado no trecho restante, Rio dos Sinos-Novo Hamburgo. Em julho de 1967, já não existia mais nenhum sinal da velha linha férrea.

O prédio que serviu de Estação de Parobé permanece até os dias atuais e sediou diversas atividades ao longo dos anos.



Vista aérea do centro provavelmente entre as décadas de 1930/1950. Fonte: Acervo de História Regional (Faccat).



Trem passando em frente à Igreja Católica com destino à Taquara (décadas de 1940/1950). Fonte: Acervo de História Regional (Faccat).



Foto tirada por tirada por José Wilson Mosmann, em frente à casa dos Mosmann, na atual Av. Artuino Arsand (décadas de 1920/1940). Fonte: Trilhando a História de Parobé (Facebook).



Foto tirada por tirada por José Wilson Mosmann do carro-motor, em frente à casa dos Mosmann, na atual Av. Artuino Arsand (décadas de 1930/1940). O transporte tinha 32 a 36 assentos. Fonte: Trilhando a História de Parobé (Facebook).



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Denominação: Rua dos Trilhos
Meio: Urbano
Período: década de 1960 - atualmente

Data do levantamento: maio a julho de 2022
Pesquisadores: Andrea Helena Petry Rahmeier
Élen Waschburger
Dalva Neraci Reinheimer

Fonte:
Panorama, Taquara, 26 abr. 1991, p. 18.
Panorama, Taquara, 29 abr. 1994, p. 8.
Panorama, Taquara, 05 set. 1997, p. 9.
REPERCUSSÃO. Parobé 40 anos: emancipação aos dias atuais.
Disponível em: <https://repercussaoparanhana.com/geral/parobe-40-anos-da-emancipacao-aos-dias-atuais>. Acesso em: 20 jul. 2022.
TRILHANDO A HISTÓRIA DE PAROBÉ. Facebook: @HistoriadeParobe.
Disponível em: <https://www.facebook.com/HistoriadeParobe>. Acesso em: 20 jul. 2022.

Histórico:

A cidade de Parobé formou-se no local onde se localizavam as Fazendas Pires e Fay, mais precisamente, no entorno da antiga Estação da Via Férrea do Rio Grande do Sul que ligava a cidade de São Leopoldo a Taquara. O povoado que começou a se formar no entorno passou a ser conhecido pelo nome da Estação, Parobé.

Nas décadas de 40 e 50, começaram a surgir as primeiras fábricas de calçados, aumentando o número de empregos e trazendo mais pessoas para a localidade. Isso fez com que houvesse um crescimento muito rápido da população, culminando na emancipação político-administrativa, quando, em 1982, o povoado emancipou-se de Taquara.

A Rua dos Trilhos:

Em meados da década de 1960, a linha férrea entre Taquara e Novo Hamburgo foi desativada e desmontada; assim, o espaço onde havia os trilhos foi ocupado pelas pessoas, criando-se aglomerados populacionais, consequentemente novas vilas, pois eram terrenos públicos, surgindo, então, a Rua dos Trilhos, situada, atualmente, no bairro Guarani. Com o grande crescimento da indústria calçadista, nos anos de 1980, juntamente com a emancipação do município, ocorreu uma nova onda de migração vinda do norte do Rio Grande de Sul e do oeste de Santa Catarina. Essas pessoas, em geral, vinham da área rural e estavam em busca de melhores condições de vida. A jovem cidade de Parobé passou de pouco mais de 7 mil para 30 mil habitantes, em menos de 20 anos.

Segundo o censo de 1997, Parobé recebeu, naquela década, mais 7.448 migrantes, isso representou mais do que o crescimento natural da população. Esses migrantes vieram com toda a família, incluindo crianças e idosos. A maioria dos adultos foi trabalhar nas indústrias calçadistas, porém a cidade não estava preparada para acolher todos. Não havia moradias disponíveis, o que levou a ocupações irregulares nas periferias; um dos espaços foi a Rua dos Trilhos. Infelizmente, desde seu início, essa rua não tinha suporte adequado para a população carente que ali passou a residir. As pessoas, por não conseguirem adquirir terrenos em loteamentos regulares, acabavam construindo pequenos casebres sem a devida infraestrutura.



Vista dos trilhos da RFFSA – no distrito de Parobé em (1939).
Fonte: Acervo de História Regional (Faccat).



Rua dos Trilhos e o reflexo das migrações.
Fonte: Panorama, Taquara, 26 abr. 1991, p. 18.



Casas no barranco, entre a 239 e a linha dos antigos trilhos.
Fonte: Panorama, Taquara, 26 abr. 1991, p. 18.

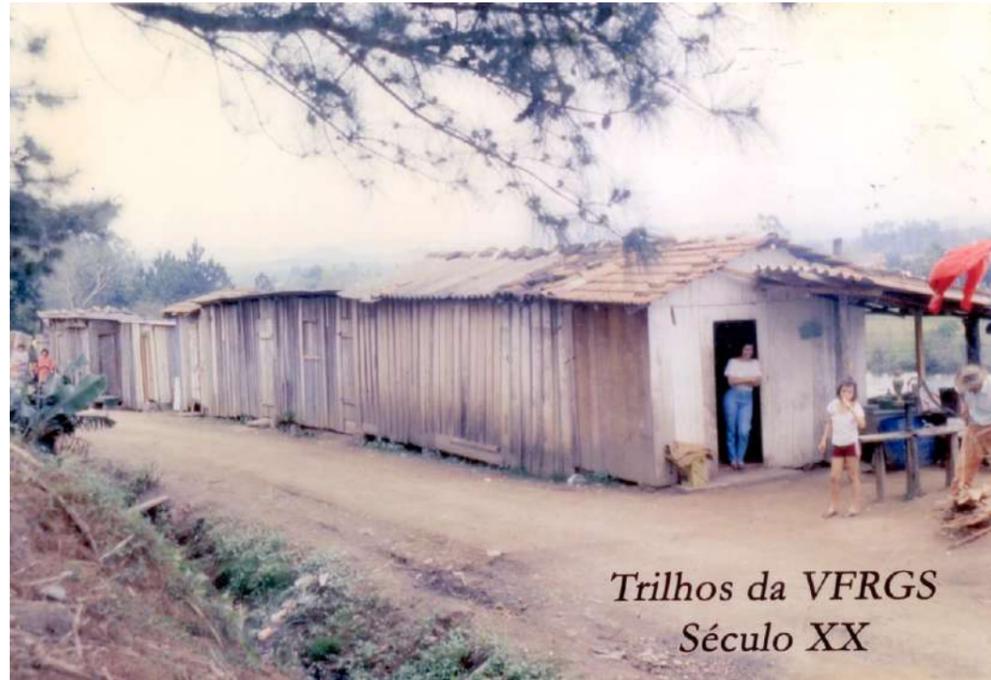


INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Com o passar dos anos e o declínio da oferta de empregos, os moradores passaram a fazer serviços como catadores, limpeza de terrenos, serviços de limpeza em geral, pequenos fretes com carroças, pequenos comércios, entre outros. Atualmente, a Rua dos Trilhos já possui uma geração de moradores que nasceu no município. Esses organizaram-se de forma comunitária e, em 2013, formaram a “Comissão de Moradores” que reivindicou melhorias e atendimento para aquela comunidade. As reclamações são principalmente sobre o mau estado da pavimentação da rua, acúmulo de lixo na via, falta de saneamento e pedidos por mais segurança. Também há o desejo individual de cada família de se tornar proprietária do lote que habita. Para integrar as populações que se originaram das migrações recentes, a professora Eloísa Elena, em 2022, desenvolveu um trabalho em conjunto com a comunidade, através das escolas, para despertar o sentimento de pertencimento e orgulho de viver em Parobé.

Os dados estatísticos mais exatos sobre a Rua dos Trilhos estão defasados atualmente (2022). O censo demográfico de 2010 apontou que havia, na Rua dos Trilhos, 188 domicílios, sendo que desses, 169 eram moradias; 15 tinham outras finalidades, como comércio, igreja ou serviços. A quantidade de moradores estimada era de 519 e a renda média em torno de 598,12 reais (CENSO, 2010). Porém, o que realmente é significativo é que esse logradouro integra-se à história do município, demonstrando os contrastes do crescimento urbano acelerado. Podemos pensar a história da Rua dos Trilhos a partir da história da cidade de Parobé.

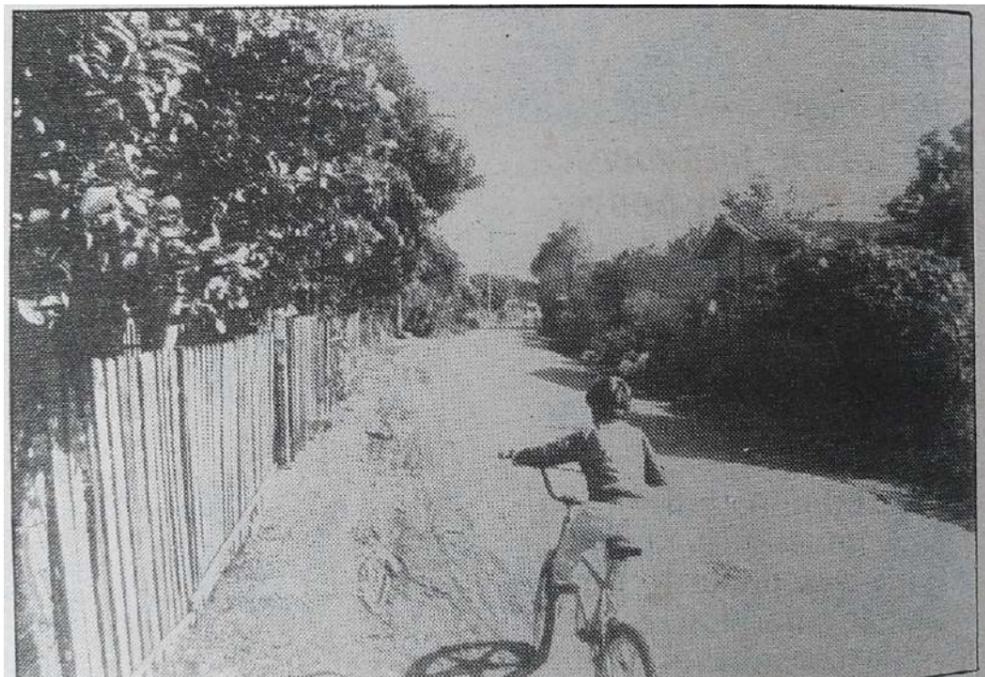


*Trilhos da VFRGS
Século XX*

Rua dos Trilhos (década de 1980).
Fonte: Trilhando a História de Parobé (Facebook).



Rua dos Trilhos em entrocamento com a Av. Artuino Arsand (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Élen Waschburger.



Rua dos Trilhos.
Fonte: Panorama, Taquara, 29 abr. 1994, p. 8.



Rua dos Trilhos na esquina com a rua Arcide Saft (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Élen Waschburger.

Parobé recebeu mais de sete mil migrantes na década de 90

...receberam quase 25 mil moradores vindos de outros estados, regiões, estados e até de outros países. Os dados divulgados durante o recenseamento populacional de 1990, realizado pelo IBGE de Taquara, mostram que Parobé, a cidade que mais recebeu moradores de outros municípios do Estado. O segundo lugar ficou com Taquara, com 4.954 migrantes, dos quais 4.272 vieram de outros locais do Rio Grande do Sul. Igrejinha ficou em terceira posição, com 3.543 migrantes e Nova Hartz é seguida com 3.037 moradores vindos de fora. Três Coroas recebeu 2.719 migrantes. Rolante recebeu 2.424 novos moradores e Rincão apareceu em último, com 350 migrantes. Conforme o agente do IBGE local, José Inácio Faria, os números da migração não podem ser usados para avaliar o quanto eles influem no crescimento da população. O motivo é migraram daqui para outras cidades e regiões. Isso, explica inclusive porque em três cidades o número de migrantes que chegaram é maior do que o número de pessoas que aumentou a população. Estes foram os casos de Nova Hartz, Rincão e Três Coroas, cidades onde o êxodo rural ainda continua. Veja no quadro anexo os números completos da migração no região. (JAM)

Municípios	Outras unidades da Federação	Mesma unidade da Federação	País estrangeiro		Total	
			Pais estrangeiro	Ignorado		
Igrejinha	T	751	2746	31	15	3543
	H	408	1367	17	8	1800
	M	343	1379	14	7	1743
Nova Hartz	T	520	2504	7	6	3037
	H	261	1288	5	5	1659
	M	259	1216	2	1	1478
Parobé	T	718	6705	13	12	7448
	H	376	3481	9	8	3854
	M	342	3244	4	4	3594
Rincão	T	48	302	0	0	350
	H	26	155	0	0	181
	M	22	147	0	0	169
Rolante	T	161	2244	6	13	2424
	H	86	1190	5	6	1287
	M	75	1054	1	7	1137
Taquara	T	632	4272	15	35	4954
	H	317	2149	10	18	2494
	M	315	2123	5	17	2460
Três Coroas	T	932	1729	49	9	2719
	H	491	861	28	4	1384
	M	441	868	21	5	1335

Reportagem sobre migrações no início da década de 1990.
Fonte: Panorama, Taquara, 05 set. 1997, p. 9.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Denominação: Pilares no leito do Rio Santa Maria

Meio: Urbano

Data do levantamento: junho a agosto de 2022

Pesquisadores: Élen Waschburger

Dalva Neraci Reinheimer

Fonte:

Estações Ferroviárias do Brasil. Disponível em:

http://www.estacoesferroviarias.com.br/rs_linhaspoa/parobe.htm. Acesso em: 11 jun. 2022.

ENGELMANN, Erni. **A Saga dos Alemães II:** “Do Hunsrück para Santa Maria do Mundo Novo”. Igrejinha: Erni Engemann, 2004.

MOEHLECKE, Germano Oscar. **Estrada de Ferro:** Contribuição para a história da primeira ferrovia do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Rotermund, 2004.

MOSMANN, Ligia. **Uma Fazenda, um sobrado, uma estação...** Parobé uma história a ser contada. Parobé: s.ed., 1999.

Histórico:

A história do município de Parobé, desde o surgimento do núcleo urbano, confunde-se com a notícia da chegada da linha férrea. O primeiro trecho da linha férrea, no Rio Grande do Sul, ligava Porto Alegre a São Leopoldo e foi inaugurado em abril de 1875. No ano seguinte, já se estendia até Novo Hamburgo. Havia um forte apelo dos intendentes das cidades mais relevantes do Rio Grande do Sul para receber um ramal desse meio de transporte. No início do século XX, no município de Taquara, o Intendente Diniz Martins Rangel, correligionário do presidente do Estado, dr. Borges de Medeiros, também pleiteava essa obra, ambos eram do Partido Republicano Riograndense (PRR). Rangel demonstrava constantemente o crescimento econômico da cidade e afirmava que com melhores condições de transporte, Taquara traria uma enorme contribuição para o Rio Grande do Sul. O governo de Borges primava pelo Positivismo, uma filosofia política que demonstrava, na prática, seus princípios de ordem e progresso e que instruíam os governantes a criarem as condições de infraestrutura para que a iniciativa privada desenvolvesse a economia, assim, gerando impostos.

Finalmente, em 1903, a linha férrea chegava a Taquara, e o incipiente povoado que surgiu da Fazenda Martins e da Fazenda Pires, hoje Parobé, foi privilegiado com uma estação.

Em todas as cidades em que era instalada, a estrada de ferro causava grande movimentação. Na realidade, os contratos para a instalação das linhas envolviam um complexo acordo entre o governo federal, que detinha os direitos pelo solo, o governo estadual, que organizava e autorizava as linhas dentro do Plano de Viação do Estado, e as empresas privadas, que eram concessionadas. Porém, nos lugares, o que valia mesmo era a grande expectativa dos moradores. Havia até mesmo medo da população por tanta novidade. Acostumados com as carroças que transportavam a produção das picadas e com pequenos barcos do transporte fluvial, a chegada das locomotivas promoveu grande transformação. A obra realmente era engenhosa. Nos pequenos povoados onde todos se conheciam, chegavam pessoas diferentes, desde engenheiros, trabalhadores braçais, técnicos e muitos funcionários do estado e da companhia responsável pela instalação. As obras permitiram que surgisse uma rede de serviços como hospedaria, restaurante, oficinas, entre outros. Parobé também passou por essas transformações.

No ramal que vinha de Novo Hamburgo, passando pelo povoado que hoje é Parobé e seguindo para Taquara, era necessário passar sobre o rio Santa Maria. Esse era o desafio mais impressionante da obra. Ainda não havia uma tecnologia para obras hidrográficas, tudo dependia da força mecânica e da participação humana de forma direta. O mesmo valia para construções de pontes férreas. Havia apenas a ponte sobre o rio dos Sinos, em São Leopoldo, como experiência mais próxima. Para os moradores, certamente, surgiu a dúvida se uma ponte suportaria uma locomotiva e seus vagões. À medida que os pilares iam aparecendo no leito do rio, ainda com as margens com a mata nativa, a expectativa aumentava.

Os imensos pilares surgiam das águas do rio Santa Maria e, sobre eles, foi instalada a pesada e opulenta ponte de ferro. O local acabou delimitando a localidade de Parobé e o município de Taquara. Finalmente, em 1903, a obra foi concluída.

Por mais de meio século, o trem passou sobre a ponte e os pilares, em meio à correnteza do rio. Em 1964, a RFFSA detentora da rede, encerrou as atividades nesse e em outros trechos. Os trilhos foram retirados. A ponte permaneceu por alguns anos e, por fim, também foi retirada. Nesse período, a paisagem já havia se transformado pela própria presença do trem que, com sua modernidade, trouxe o desenvolvimento. Com a retirada dos trilhos, a área foi ocupada pelas habitações irregulares, pois a cidade de Parobé e de Taquara já estavam industrializadas e absorveram os benefícios e as mazelas desse processo. Por fim, restaram os pilares como testemunhas de um tempo tão significativo para a região.



A ponte sobre o rio Santa Maria, no início do século XX. Foto oficial da Secretaria de Obras do Estado do Rio Grande do Sul, para o relatório ao Presidente da Província. Fonte: MOEHLECKE, 2004.



Pilares visíveis na década de 1990. Fonte: Museu Histórico de Parobé.

Pilares ficaram novamente visíveis após a limpeza do rio (2022). Fonte: Acervo pessoal de Élen Waschburger.





INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Denominação: Memória da Figueira da Igreja Católica

Endereço: Rua Dr. Legendre

Meio: Urbano

Data do levantamento: maio de 2022

Pesquisadores: Maicon Luis Custódio Leite

Dalva Neraci Reinheimer

Andrea Helena Petry Rahmeier

Fonte:

MOSMANN, Lígia. **Uma Fazenda, Um Sobrado, A Estação...** Parobé, Uma História a Ser Contada. Parobé: s.ed., 1999.

Histórico:

Localizada na Rua Dr. Legendre, a antiga figueira, provavelmente centenária, adornava o centro do distrito. É provável que na região houvesse mais exemplares desse tipo de árvore, mas com a chegada dos povoadores, as terras que pertenceriam a Parobé foram vítimas de um grande desmatamento, cuja madeira tanto servia para o uso local quanto para a venda para outras cidades, comercializada através da navegação fluvial. No que se relaciona à figueira do centro, conhecida como a “Figueira da igreja católica”, não é possível saber quantos anos ela tinha quando foi derrubada, na década de 1950. Fotos antigas indicam que datava do século XIX. Por observação dessas fotografias de época, constata-se que, em frente à Igreja Católica, havia ainda uma cerca/mureta de pedra e logo em frente passava a linha férrea.

Com o aumento da produção calçadista na região do vale do Paranhana, ocorreu também o aumento do trânsito de carros e caminhões, que segundo Mosmann (1999), seria o motivo para o corte da figueira. Com o intuito de facilitar o tráfego de caminhões carregados de calçados que vinham da estrada Igrejinha-Parobé, foi necessário o corte da figueira. Consta que a árvore foi cortada em 1952. Relatos indicam que houve críticas em relação ao corte da figueira, com pessoas contrárias à sua derrubada. Alguns argumentavam que além de adornar a via, ela era ponto de referência de vários endereços, como era o caso da casa de Moises Mosmann; também servia para sombra e descanso dos pedestres e de brincadeiras para as crianças. Porém, outras pessoas, pensando na mobilidade urbana e nos negócios, defendiam a derrubada. Na época, não foi pensado um plano viário que preservasse a figueira

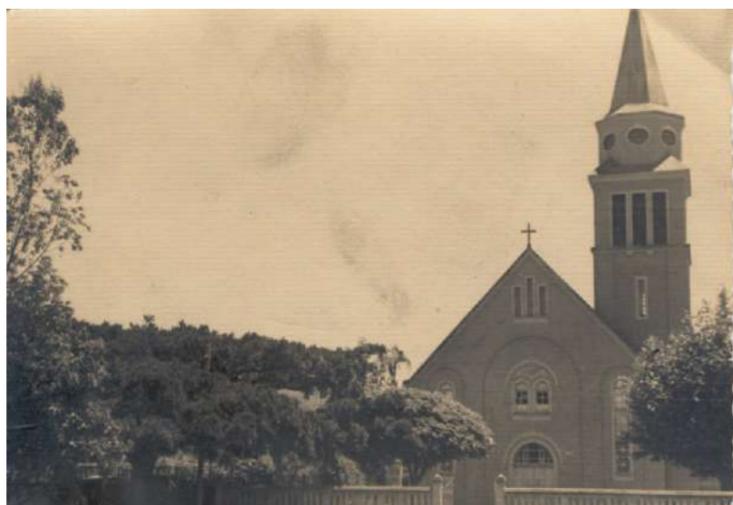
No mesmo local da figueira, havia uma gruta artificial, criada por um artista taquarense, que também foi retirada. Assim, a rua da igreja perdeu muitas de suas características.



*Figueira na divisa com o terreno de Moisés Mosmann (décadas de 1930/1950).
Fonte: Acervo de História Regional (Faccat).*



*Local da antiga figueira (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Eduarda Farias da Silva.*



*Figueira em frente à Igreja Católica, provavelmente (décadas de 1930/1950).
Fonte: Acervo de História Regional (Faccat).*



*A derrubada da figueira (1952).
Fonte: Acervo pessoal de Neiton Luis Becker.*



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Denominação: Memória da Ferraria Braun & Scherer

Endereço: Av. Artuino Arsand, n. 325

Meio: Urbano

Acesso: via estrada pavimentada

Data da construção: década de 1960

Proprietários: 1º Willi Mario Braun e Rudy Athanasio Scherer;
2º Rudy Athanasio Scherer e Clávio Tadeu Braun.

Uso atual (2022): A construção foi desmanchada em 2019

Data do levantamento: março de 2022

Pesquisadores: Maicon Luis Custódio Leite
Dalva Neraci Reinheimer

Fonte:

Jornal NH, Novo Hamburgo, 03 mar. 2002, Caderno Gente & Cidades.

Depoimentos:

Robson Braun concedido à Maicon Luis Custódio Leite, em março de 2022.

Histórico:

Em 1950, Rudy Athanasio Scherer começou a trabalhar na arte de produzir carroças, quando recebeu um convite de Willi Mario Braun para trabalhar na sua ferraria, localizada em Morungava, distrito de Gravataí. Na década de 1960, Scherer comprou a ferraria de Willi, pois ele decidiu montar uma olaria em Igrejinha. Entretanto, o negócio não deu certo, e a família Braun mudou-se para Parobé, instalando uma ferraria no centro do então distrito, na Avenida Artuino Arsand. Pouco tempo depois, Scherer também veio para Parobé e retomou a sociedade com Braun. Posteriormente Clávio Tadeu Braun entrou no negócio.

A ferraria destinava-se inicialmente à produção de parafusos, instrumentos para raspar aipim, rodas de carroça e pás de arado, não tendo o enfoque somente nas carroças e carretas. Naquela época, havia poucas lojas de ferragem na região, ou seja, era através do trabalho artesanal dos ferreiros que os utensílios eram produzidos.

Scherer relatou ao Jornal NH, em edição citada na fonte, como ocorria o processo de fabricação de uma carroça: "A fabricação de uma carroça com 4 rodas levava 15 dias para ser realizada, no valor de R\$ 2 mil. A carroça de 2 rodas ficava pronta em 10 dias, e saíria no valor de R\$ 800. O processo era lento, e a fabricação das rodas era o primeiro passo para a construção de uma carroça, onde cada uma rendia um dia de trabalho. Já o miolo, era a primeira peça a ser talhada, feita de madeira de ipê ou madeira de lei. Depois de perfurada, a roda era revestida com uma peça oca em forma de cone, forjada em aço, chamada buzina. A próxima etapa era a criação dos raios de madeira. Cada roda exigia 12 ou 14 raios, dependendo do tamanho. O processo seguia e a próxima peça a ser fabricada era a cambota, parte circular de madeira que une os raios ao miolo. A parte mais complicada era a colocação da chapa de ferro que forma a parte externa da roda, que era feita sob medida e precisava ser fabricada com exatidão. Para encaixar a chapa e a roda era necessária muita destreza, já que o processo não levava pregos ou qualquer artefato para sua fixação. Dando seguimento, a chapa circular era esquentada no fogo, e ainda incandescente, era encaixada no aro de madeira. Executado todo esse processo, a dupla fabricava o chassi, que é a estrutura onde são fixadas as rodas e o cabeçalho, haste a qual são engatados os animais. A canga, também fabricada na ferraria, custava cerca de R\$ 60 reais na época. Uma carroça com quatro rodas pesa, em média, 200 quilos, e se for puxada por bois fortes, pode transportar até uma tonelada de peso". (NH, 03/03/2002).



A fachada da ferraria (2002).
Fonte: Acervo pessoal de Robson Braun.



Em 2019, já fechada.
Fonte: Google Maps.



Scherer e Braun (2002).
Fonte: Acervo pessoal de Robson Braun.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Dentre os trabalhos realizados por Willi, Clávio e Rudy, ao longo das décadas, está a restauração de uma carroça ou carreta utilizada pelos Muckers, entre as décadas de 1860/1870, na região do Morro Ferrabrás, quando a trajetória épica e controversa de Jacobina Mentz e João Jorge Maurer marcaram a história da nossa região. A carreta foi restaurada na década de 2000.

Com o falecimento de Rudy Athanasio Scherer, em 09 de agosto de 2009, e Clávio Tadeu Braun, em janeiro de 2015, a trajetória da Serralheria Ferraria Braun & Scherer terminava, deixando uma forte história e uma saudade até hoje sentida por todos que passam pelo local, tão acostumados a ver o fogo de chão pronto para forjar os utensílios.

A Serralheria e Ferraria Braun fez parte do crescimento da cidade, pois se situava em uma de suas principais vias de acesso. Ao longo de 61 anos, houve intensa movimentação na linha férrea, no centro de Parobé, e foi exatamente nessa época que a ferraria iniciou suas atividades no local onde funcionou por mais de 50 anos, tendo prestado muitos serviços aos comerciantes e transeuntes em deslocamento.



Demonstração em 2002.

Fonte: Acervo pessoal de Robson Braun.



Scherer em demonstração (2002).

Fonte: Acervo pessoal de Robson Braun.



Scherer em demonstração (2002).

Fonte: Acervo pessoal de Robson Braun.



Scherer e Braun (2002).

Fonte: Acervo pessoal de Robson Braun.



Scherer em demonstração (2002).

Fonte: Acervo pessoal de Robson Braun.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Denominação: Porto de Santa Cristina

Endereço: Santa Cristina do Pinhal, ao lado da ponte

Meio: Rural

Acesso: via estrada pavimentada

Data da construção: meados de 1850

Estado de conservação: Apenas vestígios da construção

Data do levantamento: março de 2022

Pesquisadores: Eduarda Farias da Silva

Dalva Neraci Reinheimer

Andrea Helena Petry Rahmeier

Fonte:

DIAS, Célia Maria. **A capela de Santa Cristina do Pinhal:** uma referência na história da região (1847-1892). 2010. Monografia (Licenciatura em História) - Faculdades Integradas de Taquara, Taquara, 2010.

MÉRCIO, Bayard de Toledo. Os principais fatos do Município de Taquara. In: KAUTZMANN, Maria Eunice Müller (org.). **História de Taquara.**

Taquara: Prefeitura Municipal de Taquara, 2004.

Panorama, Taquara, 17 mar. 1995, p.

Panorama, Taquara, 19 maio 1995, p.

Panorama, Taquara, 30 jun. 1995, p.

Panorama, Taquara, 26 set. 1997, Esp. Velho Mundo Novo, p. 4-6.

SOBRINHO, Paulo Gilberto. **O processo de transformação de um município sede para distrito:** a atuação de liberais e republicanos em Santa Cristina do Pinhal (1880 - 1892). 2008. Monografia (Licenciatura em História) - Faculdades Integradas de Taquara, Taquara, 2008.

REINHEIMER, Dalva Neraci. **A navegação fluvial na República Velha Gaúcha.** São Leopoldo: Oykos, 2010.

TRILHANDO A HISTÓRIA DE PAROBÉ. Facebook: @historiadeparobe.

Disponível em: <https://www.facebook.com/HistoriadeParobe>. Acesso em: 05 mar. 2022.

Histórico:

A localidade de Pinhal tem seus primeiros indícios de ocupação europeia, em 1794, quando ainda era parte das terras da aldeia de Nossa Senhora dos Anjos, contudo a ocupação foi intensificada no século XIX. Anteriormente, a região era habitada por populações indígenas e, posteriormente, por luso-brasileiros que eram moradores que foram expulsos de outros lugares pelas guerras de espanhóis e portugueses. Mais tarde, a partir de 1846, foi habitada por colonos alemães e seus descendentes que contribuíram para sua expansão econômica. Administrativamente, era um distrito que sofreu diversas modificações político-territoriais durante o período imperial (1822-1889), pertencendo ora ao município de Santo Antônio da Patrulha, ora a Porto Alegre, ora a São Leopoldo, integrando esse último de 1864 até 1880, quando se tornou um município pela lei nº 1251 de 14 de junho de 1880.

Inicialmente denominado de Pinhal pela abundância de pinheiros, a partir de 1847, o povoado passou a se chamar Santa Cristina do Pinhal devido à construção do templo católico, conforme a lei nº 96 de 25 de novembro de 1847, que lhe deu a condição de paróquia de uma diocese e, assim, alcançou o status de vila. As forças políticas se intensificaram com a emancipação, chegando ao ponto de incorporar ao seu território o município vizinho de São Francisco de Paula de Cima da Serra, durante alguns meses, além de se tornar sede da Comarca do Rio dos Sinos.

O desenvolvimento econômico de Santa Cristina do Pinhal está ligado diretamente ao rio dos Sinos. Seu posicionamento geográfico era estratégico para o fornecimento de produtos - um dos primeiros produtos a serem explorados na região foi a madeira das matas de pinhais.



Gasolina Marta (Ano desconhecido).

Fonte: Acervo pessoal de Marialdo Schirmer.



Vista aérea do local onde ficava o porto, do lado direito da ponte; do lado esquerdo, ficava o segundo armazém.

Fonte: Google Maps (2022).



Gasolina, denominada Não tem rival, pertencente a Normélio (década de 1930).

Fonte: Trilhando a História de Parobé (Facebook).



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



As toras de araucária, amarradas umas às outras, desciam o rio até São Leopoldo e dali seguiam até Porto Alegre. Em meados do século XIX, com a diminuição da madeira e a ocupação pelos imigrantes alemães, a farinha de mandioca tornou-se o principal produto da região, oriundo das atafonas. O trabalho de pessoas escravizadas era empregado nas atafonas, no plantio, na colheita e no processo de elaboração da farinha. Os Inventários de bens de algumas famílias confirmam a presença do trabalho escravo em suas fazendas, ao constar que a propriedade tinha uma atafona e oito escravos; outra fonte que confirma essa situação são os documentos de compra e venda de pessoas escravizadas. Também havia a produção de fardas para os militares do exército e o destilo de aguardente. Outra atividade significativa da região foram as olarias, cuja produção de tijolos e telhas era levada para Porto Alegre, São Leopoldo e ao exército através do porto fluvial.

A produção chegava das colônias e fazendas até a venda local, o vendeiro conduzia de carroça ou em pequena embarcação os produtos até o porto de Santa Cristina, onde havia depósito ou um armazém. Dali, a produção seguia de barco até São Leopoldo e Porto Alegre. No retorno, as embarcações traziam as mercadorias necessárias que não eram produzidas na colônia, como louças, tecidos, sal, panelas, talheres, ferro em lâminas, utensílios de ferro, pregos e ferramentas. No porto, ocorriam as “trocas” e negócios em dinheiro também. Além dos dois armazéns presentes no porto de Santa Cristina, havia outro que ficava em Poço Fundo onde havia um pequeno ancoradouro. Por volta de 1860, quando a área já estava desenvolvida, o rio dos Sinos era visto como um dos mais importantes da província em função da exportação dos produtos coloniais de diversas regiões para Porto Alegre. Muito dessa produção transportada pelo rio, como a farinha de mandioca, era oriunda de Santa Cristina do Pinhal.

Com a utilização de barcos movidos com motor a explosão, os chamados “Vapores”, uma quantidade maior de produtos e pessoas pôde ser transportada em bem menos tempo, já que uma viagem até Porto Alegre levava cerca de 8 horas com a capacidade máxima e 16 horas com metade do peso. Nos trechos em que o rio se tornava raso, um guincho era utilizado para puxar os barcos que ficassem encalhados. A tripulação era formada por, no mínimo, quatro pessoas: o prático, o piloto e dois moços ou marinheiros que cuidavam do convés, essa função incluía observar do alto do mastro se havia empecilhos no leito do rio como toras e galhos de madeira ou algum trecho com pedras.

No dia 14 de Junho de 1880, o povoado de Santa Cristina é elevado à categoria de município e suas divisas ficam oficialmente demarcadas.

Em 17 de abril de 1886, Taquara do Mundo Novo é elevada à categoria de município e políticos pinhalenses reagiram insatisfeitos com o alcance de tal autonomia. Em 1889, é instalada a República no território brasileiro, período em que Júlio de Castilhos ocupava o governo estadual e o comando da Guarda Nacional de Taquara do Mundo Novo e Santa Cristina do Pinhal passa para o Major Francisco de Oliveira Neves, líder do partido Conservador. Ele fazia parte do Conselho que deveria elaborar uma Constituição para Santa Cristina do Pinhal, porém o Conselho encaminhou uma correspondência ao Presidente do Estado, solicitando a anexação do município de Santa Cristina do Pinhal ao de Taquara do Mundo Novo. Em 06 de agosto de 1892, é assinada a solicitação de desmunicipalização de Santa Cristina, tornando-se, assim, distrito de Taquara do Mundo Novo. A rápida resposta do Estado à solicitação indica que essa perda de autonomia já estava sendo tramada há mais tempo pelos republicanos, não só na região, como no Estado, visto que a solicitação foi assinada apenas 25 dias após ser enviada e essa era uma decisão que afetaria a estrutura administrativa da região que tinha grande importância para o Estado. Devido ao seu passado ligado ao império, a anexação de Santa Cristina foi mais uma maneira dos republicanos reafirmarem seu poder.

Santa Cristina não alcançou um significativo desenvolvimento econômico com o passar do tempo; para alguns moradores mais antigos da comunidade, esse declínio seria um resultado da “praga do padre”, A principal economia local são as pedreiras de extração de pedra grês; elas geram uma boa fonte de renda devido à mão de obra ser cara e escassa, porém empregam, em uma maioria absoluta, pessoas do sexo masculino; a mão de obra feminina é absorvida por ateliers de calçado ou busca emprego em outras localidades vizinhas. Outro fator que pode ter influência no baixo desenvolvimento alcançado pela comunidade é a implementação das ferrovias e, posteriormente, das rodovias, o que gerou o declínio da navegação no rio dos Sinos, além da criação de uma nova rota comercial que não passava pela comunidade.

No que se refere à emancipação de Parobé, a localidade foi fundamental para completar o número mínimo de eleitores no processo do plebiscito. Devido a isso, em decorrência da emancipação, Santa Cristina do Pinhal torna-se distrito do novo município. Em 1995, Santa Cristina, junto com outras comunidades da região, iniciaram um processo de emancipação na Assembleia Legislativa do Estado, tendo como presidente da comissão de emancipação José Luis de Mello, conhecido como Peleco, e contando com o apoio dos prefeitos de Taquara e Parobé. Teve o processo de consulta popular aprovado pela Assembleia Legislativa, sendo posteriormente vetado pelo então governador do Estado, Antônio Britto, e o distrito acabou não alcançando a desejada emancipação. Se consagrado município, Santa Cristina teria 58 km² e uma população de 6000 a 6500 habitantes na época.



Antigo Armazém em Poço Fundo (década de 1980).
Fonte: Trilhando a História de Parobé (Facebook).



Cleia Schirmer e Oscar Barbosa em Gasolina (embarcação) arregada com telhas.
Fonte: Trilhando a História de Parobé (Facebook).



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Denominação: CTG Estância de Santa Cristina

Endereço: Rua Gaspar Silveira Martins, n. 2911 - Santa Cristina do Pinhal

Meio: Rural

Acesso: via estrada pavimentada

Data de fundação: 05 de agosto de 1962

Uso atual (2022): CTG Estância de Santa Cristina

Data do levantamento: março e maio de 2022

Pesquisadores: Eduarda Farias da Silva
Dalva Neraci Reinheimer

Fonte:

Panorama, Taquara, 29 ago. 1986, s/p..

Depoimentos:

Lisete Maria dos Santos e Valério dos Santos concedidos à Eduarda Farias da Silva, em março de 2022.

Histórico:

O C.T.G Estância de Santa Cristina iniciou, nos anos de 1960/1961, com o lema "Sempre Gaúcho". O CTG surgiu com o aumento do movimento tradicionalista no Rio Grande do Sul e teve como padrinho, o C.T.G. O Fogão Gaúcho, da cidade de Taquara. No início, ainda sem uma sede, utilizava uma casa que ficava nos fundos da Igreja de Santa Cristina, para realizar os encontros e os ensaios; passando, depois, a utilizar o salão da Igreja. Os ensaios eram realizados aos sábados à tarde. O primeiro patrão do C.T.G. foi Normélio De Souza Baptista.

Em 05 de agosto de 1962, o CTG mudou-se para o local onde atualmente ainda se encontra; o terreno pertencia a Valdeci Pereira Dias e foi comprado pelo C.T.G. A construção inicial era toda de tábuas e foi realizada com doações da comunidade e dos envolvidos com o movimento. O CTG Estância Santa Cristina participou de muitas invernadas e fazia bailes anualmente. Com o declínio do movimento tradicionalista, ele também declinou e, durante alguns anos, o espaço ficou fechado, não sendo mais realizados bailes ou invernadas.

Em 2006, iniciou o movimento para o retorno das atividades do C.T.G. devido a reivindicações de alguns membros da comunidade, porém com anos sem manutenção, o prédio havia caído quase por completo; em 2009, parte dele foi reerguida. A primeira diretoria, após o retorno das atividades, tinha como patrão Protásio da Silva Cruz.

O primeiro passo foi refazer a estrutura. Para a limpeza do local e pagamento das dívidas, foram realizados sorteio de rifas e outros eventos diversos para arrecadação de fundos; contou também com trabalho voluntário e doações em dinheiro, brindes para as rifas e materiais para a construção feitos pela comunidade.

Em 2017, foi concluída a construção do prédio atual, em tijolos e com aberturas em madeira. Nesse período, Gilmar Ceconi era o patrão, sendo sucedido por Valério Dos Santos, atual patrão do C.T.G. A entidade possui um grande vínculo com a igreja de Santa Cristina e, em mais de uma ocasião, foi realizada missa crioula para comemoração do seu aniversário.

Em 2019, foram retomadas as competições campeiras, tiro de laço. No mesmo ano, consagraram-se campeões no campeonato de inverno na categoria força E, e força D, no campeonato da 22ª Região Tradicionalista, ocorrido na cidade de Rolante. Em 2020, foram campeões da força E e, em 2021, no campeonato municipal da cidade de Parobé, foram campeões das forças A, B e C.

Atualmente, o C.T.G. conta com 37 laçadores e 3 prendas. Em 2022, os peões Mateus Silva e Otávio Rosa obtiveram o primeiro lugar na competição de montaria e o segundo, na "Prova de laço guri" na 32ª edição da Festa Campeira do Rio Grande do Sul (FECARS).

O CTG Estância de Santa Cristina registrou muitas histórias, foi palco de muitos eventos, bailes, festas e casamentos, sendo um local de memória comum da comunidade, inclusive, durante um período, as eleições do âmbito da Justiça eleitoral eram realizadas nesse espaço. Ainda é um lugar de convivência e referência para os cidadãos pinhalenses.



comemoração dos 24 anos do CTG.

Fonte: Panorama, Taquara, 29 ago. 1986, s/p.



Fachada atual do CTG.

Fonte: Acervo pessoal de Eduarda Farias da Silva.



Vista área do C.T.G, ainda com o telhado original em telha de barro (década de 1980).

Fonte: Acervo pessoal de Lisete Maria dos Santos.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Denominação: Figueira Centenária Morro do Pinhal

Endereço: Rua Principal - Santa Cristina do Pinhal

Meio: Rural

Acesso: via estrada de chão batido

Período ou idade: mais de 300 anos

Estado de conservação: Em perfeito estado, ainda em processo de crescimento

Data do levantamento: março e maio de 2022

Pesquisadores: Eduarda Farias da Silva

Dalva Neraci Reinheimer

Fonte:

PREFEITURA DE PAROBÉ. **Orgulho de ser daqui 3#- Figueira Centenária.**

Parobé, 04 de jul. 2021. Disponível em: <https://fb.watch/dbU-OvS3iM/>.

Acesso em: 21 mar. 2022.

REVISTA GALILEU. **Como sabemos a idade de uma árvore?.** Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,,EDG85318-7946-209,00-COMO+SABEMOS+A+IDADE+DE+UMA+ARVORE.html>. Acesso em: 26 mar. 2022.

Depoimentos:

Ezequiel Oliveira Correia e Vilma Correia concedidos à Eduarda Farias da Silva, em março de 2022.

Histórico:

Figueira centenária encontrada no Morro do Pinhal, na propriedade de Ezequiel Correia Oliveira, localidade de Santa Cristina, município de Parobé. É uma árvore de raiz tabular, com mais de 300 anos. Desde 2010, a família Correia é proprietária da área onde se localiza a figueira. Mesmo estando em propriedade particular, é possível visitá-la, pois os proprietários recebem escolas e sediam algumas reuniões da Emater de Parobé. Nas proximidades da famosa figueira, existem outras figueiras, menores e mais novas, possivelmente suas “filhas”. Apesar das raízes e galhos que podem indicar uma idade avançada, a maneira mais precisa de se avaliar a idade de uma árvore é através da contagem dos seus anéis: um instrumento chamado Trado ou sonda Presler é inserido no tronco, o mais próximo possível da base, até que atinja a medula da árvore; essa ferramenta permite a retirada de um filete em forma de cilindro, nele é que são contados os anéis. Em árvores, cujo tronco não é circular, como é o caso da figueira, podem ser retirados vários filetes até que o centro seja encontrado. Foram realizados estudos por entidades da região, porém os resultados não foram divulgados, portanto não se sabe a idade exata dessa figueira, sabe-se somente que ela possui mais de 300 anos. A figueira é uma árvore de dossel, ou seja, uma árvore que se sobrepõe às outras, ficando acima das demais, é uma árvore de topo. Também não é uma árvore pioneira que aparece nas bordas ou nos primeiros estágios da mata nativa, mas em estágios mais consolidados da sucessão natural.

Segundo relatos, em tempos passados, nas proximidades da figueira, passava uma estrada de tropeiros. Entre os anos de 1815 e 1870, ela servia de descanso e ponto de referência para os tropeiros que por ali passavam, levando o gado desde “Cima da Serra”, atual São Francisco de Paula, até a Aldeia dos Anjos, atual Gravataí. Os tropeiros, provavelmente, descansavam à imensa sombra da árvore. Com o estabelecimento de famílias no local, também ocorreram festas familiares à sombra da figueira, bem como batizados e comemorações da comunidade. Posteriormente, muitas pessoas deslocavam-se da cidade para passar uma tarde ou fazer um almoço junto à árvore centenária.



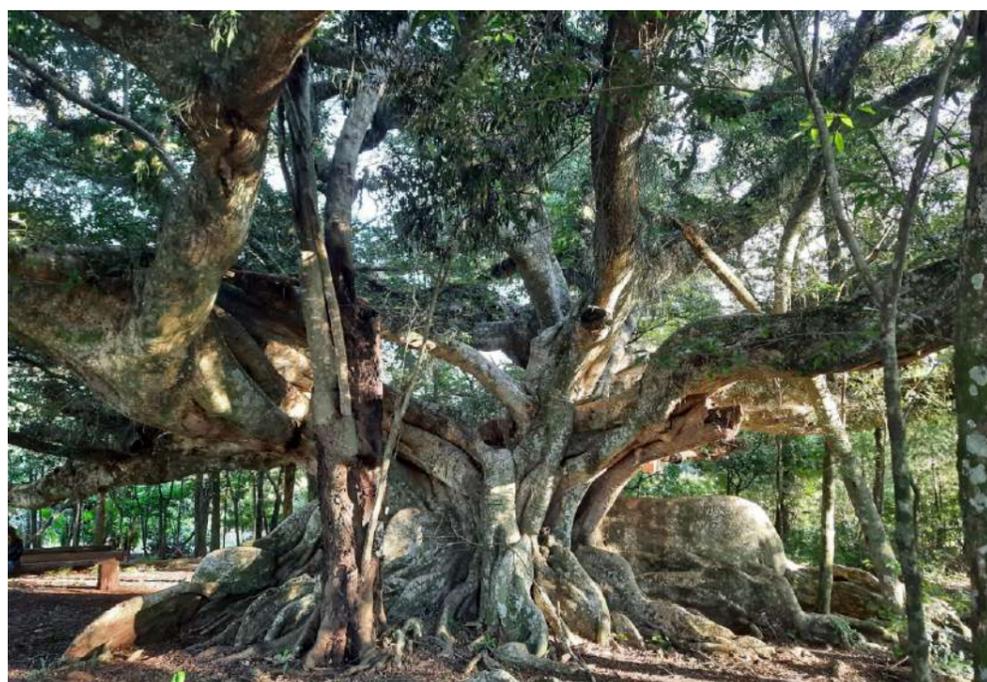
Figueira atualmente (2022).

Fonte: Acervo pessoal de Otávio Pohren.



Detalhes das raízes (2022).

Fonte: Acervo pessoal de Otávio Pohren.



Detalhe das árvores que rodeiam a figueira (2022).

Fonte: Acervo pessoal de Otávio Pohren.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Em 2002, o local foi utilizado para as filmagens do filme “A paixão de Jacobina”: ali se passa a cena em que Delegado João Lehn (Caco Ciocler) encontra-se com Elizabeth Carolina (Talita de Castro) e ela revela que irá se juntar à Jacobina (Leticia Spiller). Outra cena é quando Jacobina, já sendo perseguida pelo exército imperial, realiza uma prece enquanto os colonos se preparam para a batalha; essa cena tem a árvore em segundo plano, enquanto a câmera gira focando apenas no rosto de Jacobina.

Devido às raízes grandes e expostas, ela já foi utilizada para criação de animais, como porcos e algumas galinhas, além disso, os animais da propriedade, em dias mais frios ou com vento, refugiam-se entre suas raízes.

Por volta de 2010, não havia nenhuma casa ou construção nos arredores das árvores e, durante algum tempo, a propriedade ficou fechada e com pouquíssimo acesso ao público. Em 2012, Ezequiel comprou a propriedade e construiu a casa. Ele também armou estruturas em volta da árvore; elas, junto com a mata ciliar, auxiliam na sustentação dos longos galhos da árvore. Os alunos da escola Padre Afonso Kirsch, orientados pela professora Sabrina Amaral, realizaram também o plantio de algumas outras espécies de árvores para a mesma finalidade, ou seja, dar sustentação aos galhos da figueira.



*Cena do filme “A paixão de Jacobina”.
Fonte: Filme “A paixão de Jacobina”.*



*Imagens da gravação do filme “A paixão de Jacobina”.
Fonte: Retirado do making of do filme disponível no Youtube.*



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Denominação: Salão Cardoso
Endereço: Rua Estrada Fazenda Martins
Meio: Rural
Acesso: via estrada de chão batido

Data da construção: 1924
Proprietários: 1º João Martins;
2º Vitório Martins;
3º João Cardoso;
4º Breno Cardoso.
Uso atual (2022): Desativado

Data do levantamento: janeiro de 2022
Pesquisadores: Maicon Luis Custódio Leite
Élen Waschburger
Dalva Neraci Reinheimer

Depoimentos:
Neusa Martins e Oscar Martins concedido a Maicon Luis Custódio Leite, em janeiro de 2022.

Histórico:

O prédio foi inaugurado em 1924 e inicialmente era conhecido como Salão Martins, tendo como dono, o sr. João Martins. Após a inauguração do salão e alguns bailes, João cedeu o espaço para seu filho, Vitório Martins. Vitório Martins teve 14 filhos, todos nascidos no local.

Ao redor da pista de dança havia bancos, pois as mães levavam as filhas para os bailes e, enquanto as filhas dançavam, as senhoras ficavam observando-as. Neusa Martins, filha de João Gaspar Martins e neta de Vitório Martins, lembra que nesses bailes também havia café, linguíça, cuca e demais produtos coloniais. Os pretendentes das moças deveriam levá-las para a mesa, junto com suas mães, e pagar pelo café. Aos domingos à tarde, eram realizadas reuniões dançantes, onde também eram realizados vispados (ou bingo).

João Gaspar Martins (nascido em 1933), filho de Vitório Martins, construiu uma casa atrás do salão, assim que contraiu matrimônio com Alda Maria Martins. Tiveram quatro filhos. Segundo Oscar Martins, irmão de João Gaspar Martins e filho de Vitório Martins, quando eram realizados bailes à noite, Vitório Martins largava “bombas”, fogos de artifício, para avisar a vizinhança de que a noite seria de festa no salão.

Quando os filhos de Vitório Martins começaram a crescer, queriam trabalhar em fábricas que se localizavam mais ao centro do povoado. Em 1955, Vitório vendeu o salão para João Cardoso e comprou terras mais próximas ao centro, no bairro Alexandria. Oscar lembra que a mudança de muitos itens do salão para a nova casa, no bairro Alexandria, foi feita a pé, enquanto os móveis maiores foram levados de caminhão.

No Salão Cardoso, depois de 1955 até 1990, tocaram diversas bandas da região, desde as típicas “bandinhas alemãs” a conjunto de bailes reconhecidos, como Os Atuais, Musical Veneza, Musical JM e vários outros. Muitas pessoas pegavam ônibus especiais que saíam de Sapiranga e outras cidades da região para participar das festas, e era grande o número de frequentadores.

Além dos tradicionais bailes, outras atividades eram realizadas lá, como missas, batizados e até coroações de concursos de beleza, como a Miss Guarani (tradicional time de futebol da cidade).

Existe no bairro Alexandria uma rua homenageando Vitório Martins. Nos últimos 30 anos, o prédio está fechado.



Fachada frontal da edificação (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Maicon Luis Custódio Leite.



Portas laterais da edificação (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Maicon Luis Custódio Leite.



Vista frontal e lateral do prédio (2014).
Fonte: Acervo pessoal de Élen Waschburger.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Denominação: Colonial Gelinger

Endereço: Estr. Oscar Luis Gelinger - Morro Negro

Meio: Rural

Acesso: via estrada de chão batido

Data da fundação: 1951

Proprietários: 1º Oscar Luiz Gelinger;

2º Elio Walter Gelinger e Luiz Oscar Gelinger;

3º Julio Cesar Gelinger e Felipe André Gelinger;

4º Julio Cesar Gelinger.

Uso atual (2022): Agroindústria, produção de derivados da cana de açúcar. Pararam de produzir cachaça em 2011

Data do levantamento: dezembro de 2021 a fevereiro de 2022

Pesquisadores: Eduarda Farias da Silva

Dalva Neraci Reinheimer

Fonte:

ANDRADE, Francisco de Carvalho Dias de. A presença dos moinhos hidráulicos no Brasil. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 133-193, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-02672015v23n0106>.

FERNANDES BRAGA, Marcus Vinicius. KIYOTANI, Ilana Barreto. A Cachaça como patrimônio: turismo, cultura e sabor. **Revista de Turismo Contemporâneo**, Natal, v. 3, n. 2, p. 254-275, jul./dez. 2015.

Disponível em:

<https://periodicos.ufrn.br/turismocontemporaneo/article/view/7763>

OLIVEIRA, Kátia Ferreira de. **Atafona e Moinho Henkel**. Nova Hartz. RS: estudo sobre o patrimônio material e imaterial. 2009. 224 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2009. Disponível em:

<http://www.repositorio.ufpel.edu.br/handle/123456789/1062>

RODRIGUES, Leonardo Milani Avelar *et al.* Uma dose de história: cachaça de alambique e aguardente de coluna. **Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino**, Caetité, v. 2, n. 2, p. 90-108, jul./dez. 2019. Disponível em:

<https://www.revistas.uneb.br/index.php/nhipe/article/view/9449>. Acesso em: 04 fev. 2022.

TCA. Família Gelinger comemora abertura de agroindústria. 13 out. 2018. Disponível em: <https://www.tca.com.br/news/familia-gelinger-comemora-abertura-de-agroindustria/>. Acesso em: 04 fev. 2022.

Depoimentos: Julio Cesar Gelinger concedido à Eduarda Farias da Silva, em dezembro de 2021.

A cachaça no Brasil:

No Brasil, os primeiros relatos sobre a cachaça datam do século XVI, vindos das grandes plantações de cana-de-açúcar (RODRIGUES *et al.*, 2019 *apud* NOVO, 2011). Sobre o surgimento da cachaça:

Novo (2011) conta que do rejeito de um subproduto, resultante da fervura da garapa para a produção do açúcar, surgia uma espuma que não tinha mais serventia e era retirado, formando uma espuma densa, chamada de cachaça, que era misturada em um caldeirão no fogo e, após longas mexidas, tudo se transformava em um melado de consistência cremosa. A partir da fermentação deste líquido e de sua nova inserção ao fogo, surgiu a cachaça, pois o conteúdo em elevadas temperaturas evapora e entrando em contato com uma superfície mais fria, retornou ao estado inicial, já como bebida alcoólica.



Fachada em meados dos anos de 1990.
Fonte: Acervo pessoal de Julio Cesar Gelinger.



Fachada atual (2021).
Fonte: Acervo pessoal de Eduarda Farias da Silva.



Família de Oscar Luiz Gelinger (1962).
Fonte: Acervo pessoal de Julio Cesar Gelinger.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Com o tempo, a cachaça foi se tornando cada vez mais popular, e as técnicas de fabricação foram mudando; para isso, criou-se um equipamento chamado alambique, utilizado para sua fabricação. Nele, é colocado o caldo da cana que será destilado através do aquecimento a vapor vindo de uma caldeira. Ao subir à superfície, o vapor encontra uma serpentina mergulhada em tanque de água fria, começando o processo de condensação, onde o vapor volta ao estado líquido, dando origem ao destilado. As etapas do processo de fabricação da cachaça de alambique são: plantio da cana-de-açúcar, colheita da cana, moagem, preparação do caldo, fermentação do caldo, destilação, descanso, armazenamento/envelhecimento, engarrafamento e comercialização (RODRIGUES *et al.*, 2019).

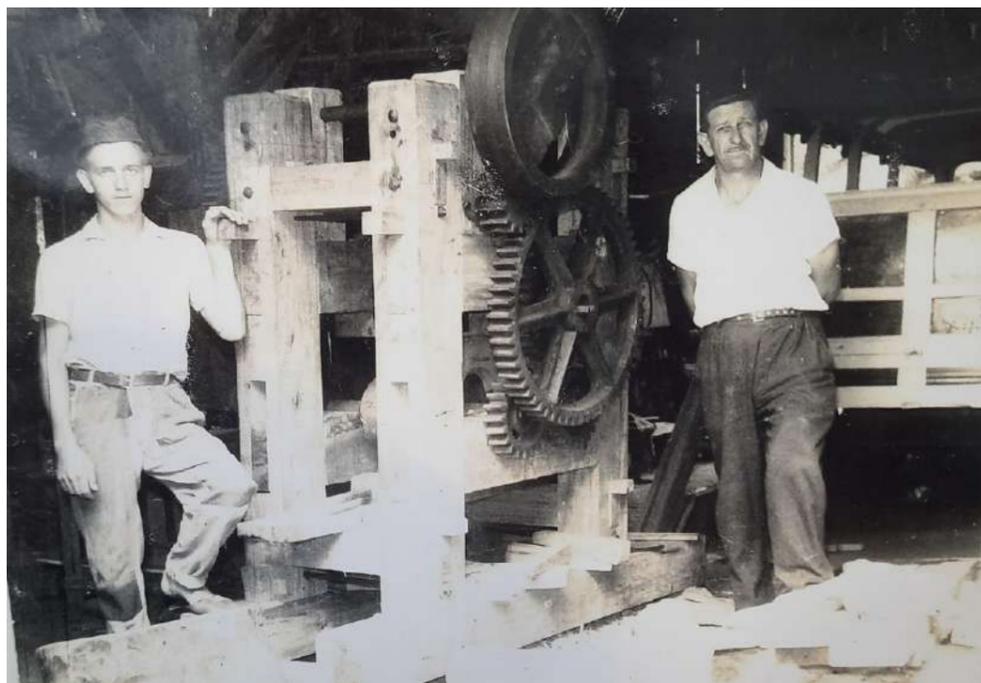
O moinho de cana-de-açúcar Gelinger:

Em 1951, Oscar Luiz Gelinger, filho de Guilherme Gelinger e Sofia Fischborn Gelinger, comprou a propriedade, localizada na atual estrada Oscar Luiz Gelinger, Morro Negro, Parobé. O local já possuía alguns galpões antigos que foram reformados e ali iniciou o alambique; lá, também havia um moinho e uma atafona. Nessa época, a localidade pertencia ao 2º distrito Morro Negro, Taquara, porque ainda não existia o município de Parobé que se emancipou em 1982. A atafona foi construída pelo próprio Oscar que era considerado um engenheiro pela comunidade; outra característica que chamava certa atenção era o fato de ele ter uma perna mecânica, pois havia perdido a perna, em 1933, em um acidente. Na época, para construir a atafona e dimensionar o tamanho da roda, era necessário saber a vazão de água que passaria pela calha que leva à roda d'água. Conta-se que ele pediu a seu ajudante para colocar uma laranja no início da calha e ele ficaria no final dela; calculando o tempo que a laranja levou para chegar ao final, dimensionou a vazão da água e, assim, o tamanho da roda. O moinho já estava presente na propriedade e teria sido inaugurado no dia 29 de junho de 1929; ainda se encontra em funcionamento até os dias atuais, como propriedade do filho Ostilio.

Oscar teve 7 filhos: Edson João, Enita Maria, Ostilio Guilherme, Elio Walter, Albanita Izaura, Luiz Carlos e Eronita Terezinha. Todos os irmãos trabalharam em algum momento na propriedade do pai, porém dois foram os filhos mais dedicados ao Colonial, Elio e Luiz. Em 1956, começaram a trabalhar com o pai. Eles potencializaram o alambique, investindo em maquinário, comprando uma nova caldeira, engenho e máquina a vapor maiores. Em 1962, compraram 4 tratores seminovos, da marca alemã Nordtrak, para facilitar o transporte da cana até o alambique. Em 1970, quando assumiram a administração do alambique, realizaram a aquisição de um novo engenho da marca Badermann, que continua funcionando até os dias atuais, sendo utilizado para moer a cana para a produção do melado. Luiz só deixou de trabalhar com o pai quando prestou serviço militar; durante esse período, assumiu seu lugar o irmão Edson João Gelinger. Com a aquisição de equipamentos melhores, a produção mensal foi contabilizada em mais de 15 mil litros de cachaça e, em 1982, foi iniciada a produção de melado.

O empreendimento Colonial Gelinger:

Em 1985, Oscar faleceu e a administração do alambique passou oficialmente para seus dois filhos, Elio e Luiz. Em 2002, Julio Cesar Gelinger, filho de Elio, começou a trabalhar no Colonial e, em 2012, a produção de cachaça foi encerrada e a agroindústria manteve-se fechada até o ano de 2015, quando Júlio e Felipe André Gelinger, filhos de Luiz, criaram uma sociedade e reabriram o Colonial.



Oscar Luiz Gelinger e filho Ostilio Guilherme Gelinger durante a construção de um engenho (1962).

Fonte: Acervo pessoal de Julio Cesar Gelinger.



Ao fundo, bagaços da cana sendo colocados na caldeira para mover o engenho (1986).

Fonte: Acervo pessoal de Julio Cesar Gelinger.



Julio Cesar Gelinger, esposa e filhos, nos fundos do colonial (2018).

Fonte: Acervo pessoal de Julio Cesar Gelinger.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



Julio possuía os galpões que havia herdado do pai e Luiz, o maquinário também herdado de seu pai quando a sociedade entre os irmãos foi desfeita. Assim, a fabricação inicia novamente, mas somente com derivados de melado e alguns licores feitos com cachaça comprada de fornecedores externos. Em 2018, o Colonial foi oficialmente regularizado como uma agroindústria. No mesmo ano, a empresa representou o município de Parobé na Expinter, onde vendeu mais de 300 unidades durante os nove dias de evento. Em 2019, a sociedade entre os primos foi desfeita e, desde então, Júlio assumiu o Colonial com sua esposa e filho. Atualmente, a empresa produz derivados da cana, como rapadura, melado, paçoca e pé de moleque; lá trabalham 2 funcionários, além do proprietário, sua esposa e filho. A venda das rapaduras é feita por terceirizados, através de e-commerce e nas, aproximadamente, 12 feiras que são realizadas na região ao ano.



Engenho Badermann, lateral esquerda (2021).
Fonte: Acervo pessoal de Eduarda Farias da Silva.



Engenho Badermann, lateral direita (2021).
Fonte: Acervo pessoal de Eduarda Farias da Silva.

Folha de Campo Bom 7 de abril de 1962

Oscar Gelinger Um Industrialista de Morro Negro

Sofrendo tôdas as contrariedades do meio ambiente advêrso, um homem empenha-se numa luta titânica em prôl do progresso!



Família Oscar Gelinger



Vista da pedreira do Sr. Arcenio Linck

Uma geração de trabalhadores

Oscar Luiz Gelinger, um homem que luta contra as agruras do interior, é filho de um dos desbravadores do município de Taquara, sr. Guilherme Gelinger e de sua esposa, dona Sônia Fiechborn Gelinger. Deste casório nasceram sete filhos: Edson João, Estela Maria, Otávio, Guilherme, Elton Walter, Albasia Izaura, Luiz Carlos e Encosta Teresinha.

Um Acidente

No ano de 1933, sofreu Oscar Luiz Gelinger um acidente dentro do cumprimento do dever. Acidente este que infelizmente veio privá-lo de uma perna. No entanto nem por isso veio Oscar Luiz a se intimidar, prosseguindo numa verdadeira luta de herói, com sua vontade férrea de pró-

As Pedreiras

As pedreiras produtoras de lajes, fazem divisa com as propriedades do Sr. Arcenio Linck que não pode produzir mais, pela falta absoluta de escoamento adequado, pois a falta de estradas é problema cruciente.

Estradas

A falta de estradas traz um prejuizo consideravel aos senhores Arcenio Linck e Oscar Gelinger. Distant as Pedreiras produtoras apenas quatro kilometros da faixa estadual que liga Taquara a Porto Alegre.

O Industrialista

É Oscar Gelinger proprietário de uma bem montada alfaiate, moendo moenda à água e turquia, e mais uma moderna destilaria de aguardente, (alambique).

Todas as produções destas três indústrias são vendidas comissões, possuindo um grande número de frequentes e consumi-

Uma iniciativa digna de nota

Tivemos a grata satisfação de ouvir do sr. Oscar Gelinger e Arcenio Linck a solidariedade que querem manifestar ao preleito municipal, Willy Samris, no tocante à construção de uma estrada. Pronunciem-se então dois cidadãos à fornecer material (cas-

Uma vista interna do alambique do Sr. Oscar Gelinger

calho que sobra das pedreiras) para construção da tão necessária estrada e ainda, o auxilio de braços humanos carregar para e descarregar o material.

Fazem um apêlo aos poderes públicos, para que atendam suas justas reivindicações com urgência, pois acreditam na alta concepção de civilidade e competência do atual prefeito de Taquara.

Esta será realmente uma maneira de reunir o útil ao agradável. Os poderes públicos só poderão lucrar com a iniciativa, pois o melhor acesso às pedreiras, revertirá em progresso mútuo.

Cremos que os poderes municipais atenderão este justo apêlo destes progressistas cidadãos de Morro Negro!

São apenas quatro quilômetros, que encurtarão

Reportagem sobre Oscar Gelinger no jornal Folha de Campo Bom, em 07 abr. 1962, p. 10.
Fonte: Acervo pessoal de Julio Cesar Gelinger.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE PAROBÉ



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho identificou e registrou elementos que fazem parte da cultura, da memória, da história e da identidade do município de Parobé. Nesse processo, ocorreu o envolvimento do Conselho Municipal do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural e da comunidade em geral. Ao finalizar essa primeira etapa – inventariação por meio de pesquisa de campo – destacam-se algumas considerações:

- O inventário pode ser considerado um importante instrumento de reconhecimento da diversidade cultural e ponto de partida para o desenvolvimento de políticas públicas de preservação patrimonial material e imaterial.
- O entendimento de que esses espaços/lugares podem proporcionar ações voltadas ao turismo no Paranhana, incorporando a sustentabilidade cultural.
- A educação patrimonial é um caminho para que as novas gerações se identifiquem com o patrimônio da região do Vale do Paranhana e alcancem uma maior conscientização acerca da importância de valorizar e preservar patrimônios materiais e imateriais herdados de gerações passadas.
- O desenvolvimento de projetos voltados ao registro de práticas culturais, como forma de salvaguardar memórias vivas, utilizando metodologia etnográfica.
- O desenvolvimento de política local e regional de integração entre cultura, educação e desenvolvimento socioeconômico.

Nesse sentido, espera-se que as cidadãs e os cidadãos de Parobé possam conhecer-se e reconhecer-se com o material que aqui se apresenta. É importante lembrar também que o material produzido não pretende ser a única versão e a totalidade da história desses espaços, mas o registro do conhecimento acumulado até então que, a qualquer momento, pode alterar-se com novas informações e novos documentos.